

**LUGAR DE
MEMÓRIA 2**





A partir do Alto de Santa Rita, vista panorâmica da cidade. Década de 30.
Arquivo SAPP/FCCB - 00808 (Doação: Alonso José de Aguiar).

“É memória em primeiro lugar...”

Prefeitura Municipal

ARAXÁ

Renovação, Participação e Desenvolvimento

2001-2004



**LUGAR DE
MEMÓRIA 2**

**Araxá - MG
2002**

Ficha catalográfica na fonte

Fundação Cultural Calmon Barreto

Lugar de memória, V. 2. Araxá, 2002.
147 p. ilustr. 21 cm

1. Araxá – biografias
2. Araxá – história

CDD – 920

CDU – 92

Índice para catálogo sistemático (CDD)

1. Araxá: biografias 920
1. Araxaenses: biografias 920

Bibliotecária responsável:

Ana Maria Zago Vasconcelos – CRB/6 1181

Lugar de Memória

Prefeito de Araxá

Antônio Leonardo Lemos Oliveira

Vice-Prefeito

Abdalla Elias Neto

Presidente da Câmara Municipal de Araxá

José Cincinato de Ávila

Lugar de Memória

Presidente da Fundação Cultural Calmon Barreto

Magaly Cunha Porfírio

Coordenação do Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações

Glaura Teixeira Nogueira Lima

Supervisão de Arquivos

Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

Supervisão de Museus

Regina Aparecida de Oliveira

Cecília Angélica Machado de Paiva

EQUIPE TÉCNICA

Espaço Permanente

Museu Histórico de Araxá - Dona Beja — II

Projeto Original: *Magaly Cunha Porfírio*

Pesquisa: *Glaura Teixeira Nogueira Lima, Maria Trindade Coutinho Resende Goulart, Regina Aparecida de Oliveira e Cecília Angélica Machado de Paiva*

Secretária: *Keyla Barbosa Machado*

Exposição: *Projeto das vitrines - Marcelo Gusmão Machado*

Montagem: *Regina Aparecida de Oliveira (coord.), Cecília Angélica Machado de Paiva, Christian Gumercino Jerônimo, Domingos Sávio de Brito, Gabriel dos Reis Rosa, Luzia Aparecida Martins de Paula, Marcilene Ribeiro Nogueira, Maria Aparecida de Castro, Maria América de Fátima Moura e Vanilda Aparecida Moreira Gotelip.*

Publicação do Livro de Biografias — II

Pesquisa: *Glaura Teixeira Nogueira Lima (coord.), José Antônio de Ávila Oliveira e Maria Trindade Coutinho Resende Goulart.*

Textos: *Glaura Teixeira Nogueira Lima e José Antônio de Ávila Oliveira.*

Secretária: *Keyla Barbosa Machado*

Revisão: *Antônia Verçosa*

Planejamento gráfico e editoração: *Ouvidor Comunicação Associados S/C Ltda.*

Fotografias: *Becherini e Gabrielli; Octávio Fonseca.*

AGRADECIMENTOS

Às pessoas e empresas que colaboraram e viabilizaram recursos financeiros para esta publicação.

Edmur Antônio Rios

Lázaro José Carneiro — Laticínios Letícia

Júlio César da Silva e Sérgio Luiz da Silva — Encil Engenharia S/A

Luiz Ricardo Vieira Chaer — Vecol Terraplenagem e Pavimentação Ltda.

Ricardo Zema — Grupo Zema

Maria Virgínia Rios do Amaral Valle

Renê de Tarço Porfírio Franco

Silvana Aparecida Alves Borges Batista

Apoio Cultural:

Prefeitura Municipal

ARAXÁ

Renovação, Participação e Desenvolvimento
2001-2004

Prefaciар um livro de biografias é uma grande responsabilidade. Antes de nos preocuparmos com o conteúdo literário e o visual da obra, toca-nos a subjetiva análise das pessoas nele destacadas. São elas que fizeram o passado desta terra.

E é em homenagem a elas que buscamos forjar, com a força do bronze, o nosso momento atual, sustentado nos exemplos, na sabedoria e nos ensinamentos de quem preferiu fazer a história ao invés de apenas contemplá-la. Os personagens aqui homenageados ousaram e realizaram.

Amaram o povo e, como prova desse amor, deram um toque especial nos períodos aqui vividos. Escreveram páginas na trajetória política, econômica, social, cultural, educacional e assistencial de uma Araxá que, sem eles, perderia muito do seu encantamento e do seu desenvolvimento.

Merece aplauso mais este projeto da Fundação Cultural Calmon Barreto. Que o livro de biografias chegue às mãos da juventude araxaense e se transforme em roteiro de ação para todos aqueles que vêem Araxá com os mesmos olhos brilhantes de entusiasmo com que esses cidadãos biografados fixaram o amplo horizonte de suas vidas. Curtam este belo trabalho. Ele fala direto ao coração.

Um abraço de quem cultua, admira e ama esta terra.

*Antônio Leonardo Lemos Oliveira
Prefeito Municipal*

MAGALY CUNHA PORFÍRIO

Presidente da Fundação Cultural
Calmon Barreto

Este livro reproduz uma pequena parte do que está exposto na nova ala do Museu Histórico de Araxá – Dona Beja, ou seja, no Lugar de Memória.

Aquele espaço tem por concepção inicial ir perpetuando, com mais vida a memória de nossa cidade ali retratada principalmente por objetos e coisas que pertenceram ou eram essenciais, no dia-a-dia das pessoas que se referem. É memória em primeiro lugar, mas também reproduz, na medida do possível, a dinâmica da vida social de Araxá. O objetivo era e é esse: trazer para os nossos dias um pouco das pessoas que nos antecederam nestas ruas, praças, becos e lugares araxaenses. Eles foram importantes em seu tempo e hoje.

Não houve a preocupação de selecionar nomes ou sobrenomes. Não, isso não importou. Há líderes municipais e gente do povo. Mesclados na vida urbana se igualam em significado. São a nossa história.

A concepção de Lugar de Memória privilegia a dinâmica, ou seja, a cada espaço de tempo novas famílias, novos nomes serão acrescentados aos que já estão lá. Sem elitismos e sem demagogia ali irão tendo entrada os que representam a construção social e urbanística de Araxá. O grande mosaico do tempo araxaense está iniciando, em construção. Toquemos a obra!

Este livro irá permitir um rememorar acessível a todos os que prezarem nosso passado. Vivam eles aqui ou alhures. Dele advirão reparos e sugestões; sempre bem-vindos. Dele nascerão admiração, carinho e zelo pelas “gentes araxaenses” nascidos ou não, aqui. Os que têm o espírito da terra de Beja, são daqui. Eles nos querem e nós os queremos.

Este é o livro que registra a segunda etapa do Lugar de Memória. As etapas seguintes virão, uma a uma, trazendo para o relevo do grande mosaico, novos araxaenses do passado.

Magaly Cunha Porfírio

Presidente da Fundação Cultural Calmon Barreto

As biografias têm ocupado um lugar privilegiado nos estudos de história. Há uma forte tendência, atualmente, em retomar a este tema que, por algum tempo, ficou esquecido.

Assim como cientificamente é oportuna uma publicação dessa natureza, a abordagem biográfica é um manancial de que dispomos para o conhecimento histórico e a construção da nossa memória.

Percorrendo os caminhos dessas histórias pessoais, inseridas no universo da comunidade, podemos formular uma representação de Araxá através de alguns dos seus moradores.

Os textos aqui reunidos foram produzidos a partir de um roteiro de pesquisa dirigido às famílias dos cidadãos eleitos pelo trabalho que fizeram e pelos dons que desenvolveram.

A análise dos depoimentos prestados — por escrito ou oralmente — e da documentação doada à Fundação Cultural Calmon Barreto requereu tempo e técnica. Compilar os dados, cruzando-os com outras fontes dos nossos arquivos, foi essencial para entender as trajetórias individuais dos personagens.

Todos eles nasceram, viveram e morreram no período que vai das últimas décadas do século XIX até o final do século XX. Estão aqui colocados como sujeitos da história e não somente como pessoas que possuíram registros de nascimento, matrimônio e óbito.

Acompanhando cada texto está a relação de itens doados pela família ao Museu Histórico de Araxá — Dona Beja. São documentos e objetos de uso cotidiano

que inegavelmente trazem imagens reveladoras de seus donos. O objeto é um novo e eficiente suporte para explicar e fazer entender a realidade passada. Ele pode e deve levar-nos à reflexão para tentarmos transformar o presente de forma positiva.

A expectativa é a de que muitos diálogos possam ser mantidos entre o leitor e a vida dos biografados. Esses se revelam por seus perfis, ofícios, crenças e atitudes. Suas experiências podem renascer no tempo, através de cada leitura. Isso porque as biografias são fontes de pesquisa que sinalizam para a vida produtiva de Araxá, para o pensamento e a mentalidade vividos no século em questão. A condição da mulher, os espaços ocupados pelos homens, a valorização dos saberes, o convívio da população local com os imigrantes e ou visitantes são aspectos que emergem das histórias apresentadas. É possível refletir sobre as desigualdades sócio-econômicas, o cotidiano e a fé do povo araxaense. Das suas relações sociais e afetivas captamos informações preciosas quanto à genealogia.

Transformar essas vidas em um livro de biografias é ainda um meio de nos aproximarmos da nossa própria identidade. É o elo que nos une às nossas raízes.

***Onde está o verdadeiro
valor da história:***

*“... em inventar variações ingênuas
sobre um tema provavelmente
corriqueiro, em elevar a melodia
popular a símbolo universal e em
mostrar o mundo de profundidade,
poder e beleza que existe nela”.*

(Nietzsche)

Índice

Abdanur Elias	27
Um canivete.	
Adélia Pereira Valle (<i>Dona Delica</i>)	29
Um quadro com mensagem de seus familiares.	
Adhemar Guimarães	31
Um troféu e documentos.	
Alaor Porfírio de Azevedo (<i>Padre Alaor</i>)	33
Um livro de oração, uma toalha de linho bordada em crivo, um documento e fotografias.	
Alberto Nolli	35
Uma chave de fenda e uma caneca.	
Alice Moura Neves	37
Uma licoreira azul com seis cálices e um bule branco em louça.	
André Aguirre GilA (<i>Padre André</i>)	39
Um documento.	
Antônio Cabral	41
Um prendedor de papel, uma caneta <i>parker</i> , uma maleta com paisagem marchetada, documentos e fotografias.	

Índice

Antônio de Ávila (<i>Sinhô</i>)	43
Um quadro com fotografia e documentos.	
Antônio de Paiva Borges (<i>Dr. Paiva</i>)	45
Uma pinça, uma válvula <i>Doyan</i> e fotografias.	
Antônio Pedro da Costa (<i>Sr. Antoninho</i>)	47
Um chapéu e fotografias.	
Argeu Alves da Costa	49
Um lenço, uma carteira, um troféu e documentos.	
Aurélio Cândido de Oliveira	51
Uma máquina calculadora e uma fotografia.	
Aziz Jacob Chaer	53
Uma garrafa de aguardente <i>Balalaika</i> , um rótulo, um quepe, um quadro com cheque da Casa Bancária Omar Dumont, um cartão de participação de noivado, um quadro com fotografias diversas, dois folhetos.	
Baltazar Santos Reis	55
Uma chave de fenda, um metro, um martelo, um missal com estampa, dois entalhes, uma peça de ferro e treze discos de vinil.	
Benedito Soares da Silva	57
Uma navalha e um relógio de mesa.	

Índice

- Calmon Barreto** 59
Uma revista sobre moedas, ferramentas de trabalho e fotografias.
- Cédia Rios Carneiro** 61
Um terço, um par de óculos e um livro de orações.
- Christiano Barsante Santos (Dr.)** 63
Quatro vidros de farmácia, uma caneta dourada, uma amostra de selos, uma máquina calculadora, um porta-retrato com fotografias, um álbum e discos: "As Grandes Operetas".
- Cláudio José de Faria** 65
Um violão, um par de pratos de cobre da Banda Lira Araxaense.
- Cornélio Wantuil de Siqueira** 67
Um cachimbo, uma gaita, uma balança e uma urna para bingo.
- Dâmaso Drummond** 69
Um livro, um relógio de bolso, um boné, uma calçadeira, uma caneta e um quadro com placas de prata.
- Danilo Cunha (Dr.)** 71
Três livros de Direito, uma toga, um óleo sobre tela retratado por Calmon Barreto, uma medalha com certificado, um vidro de goma laca, um carimbo, um canivete, uma lente, fotografias e diversos documentos.

Índice

Diomedes Gentil dos Santos	73
Letras douradas, um talher, duas bombas para chimarrão, uma gravata de seda, um canivete, uma caixa de rapé, um abridor de lata, um par de abotoaduras, uma caixa de charutos, um par de óculos, diversos documentos e fotografias.	
Elias Leime	75
Um relógio de bolso, um disco com músicas árabes e uma fotografia.	
Ernesto Rosa	77
Uma garrafa de cerveja “Gato”.	
Gaudêncio Ignácio de Almeida	79
Um diploma, uma espátula dourada e fotografias.	
Geraldo Pereira Marques	81
Uma flâmula, uma medalha e um quadro de “Honra ao Mérito”.	
Gil Augusto Montandon (Dr.)	83
Um aparelho de medir pressão.	
Gil Dumont	85
Uma placa e um terço.	
Hermenegildo Contato Júnior (Eurides)	87
Um broche do <i>Rotary Club</i> , duas placas, uma medalha, uma máquina fotográfica, um isqueiro, um canivete e documentos.	

Índice

- João Cecílio, Theotônio e Antenor Damasceno Machado** 89
Um bandolim, uma feira de ourives, partituras de músicas e fotografias.
- João Jacques Henri Montandon (*Senador Montandon*)** 91
Um quadro com desenhos do brasão da família e da residência de ascendentes familiares na Suíça.
- João Preto** 93
Recortes de jornais.
- João Senna** 95
Uma gravata com alfinete, um porta-retrato, documentos e fotografias.
- José Affonso Teixeira** 97
Um quadro com objetos da vida rural, em miniatura, documentos e fotografias.
- José Natal** 99
Uma máquina registradora, uma fotografia emoldurada, moedas e documentos.
- José Pereira Borges (*Juca Pereira*)** 101
Nível de bolha (utensílio para fabricação de correia de couro), um sedém, carteira de motorista, um porta-retrato com fotografia.
- José Porfírio Ferreira** 103
Carteiras, documentos e fotografias.

Índice

- José Primo de Mello (*Juca Primo*)** 105
Uma escrivania e diversas fotografias.
- José Rios Guimarães** 107
Um chapéu panamá, um chicote com cabo representando a cara do boi, uma faca, um livreto da missa dos seus 70 anos, um quadro com oito medalhas, diversos documentos e fotografias.
- José Tobias Ribeiro de Paiva** 109
Um canivete e uma valise.
- Júlio Fernando da Silva** 111
Um aparelho diapasão e fotografias.
- Juvenal Pereira Marques** 113
Uma balança.
- Maria Rita da Cruz** 115
Uma máquina de costura de mesa e duas travessas de ágata.
- Maria Santos Teixeira** 117
Um oratório de madeira, uma bolsa prata (em rede), um par de óculos, uma placa de prata, seis livros de sua autoria, três partituras de músicas, uma tela, um quadro com poesia de sua autoria.

Índice

- Mário Cecílio Salomão (Dr.)** 119
Um otoscópio, duas placas de prata, um espelho de foco, um diploma da Academia Araxaense de Letras, um certificado do curso de Atualização em Emergência Hospitalar, um certificado da Associação Médica Brasileira (Sócio Jubilado), diplomas de cursos e quatro quadros com molduras.
- Melchíades da Cunha Soares** 121
Um quadro com biografia e um par de óculos.
- Oacisto Teixeira da Cunha** 123
Um quadro negro.
- Olívia Fonseca Teixeira** 125
Um podão, uma tesoura e uma fotografia.
- Omar Dumont** 127
Um documento.
- Polybio Magalhães Paiva** 129
Um lampião, um par de estribos, um canivete, uma faca, uma tela da fazenda e fotografias.
- Reginaldo Moura (Covanca)** 131
Um par de óculos, uma calçadeira e um porta retrato com fotografia do Najá Futebol Clube.

Índice

- Revalino José Carneiro** 133
Dois Canivetes, um punhal, um abridor de garrafas, um cortador de unhas e um par de abotoaduras.
- Romeu Zema** 135
Uma carteira de sócio e um envelope timbrado do *Aero Club*, documentos e fotografias.
- Salomão Pereira de Mesquita** 137
Um par de óculos, um diploma de farmácia e fotografias.
- Sebastião Luiz Alves** 139
Um relógio de pulso, um canivete e uma medalha do CERECA.
- Silvério Guimarães** 141
Um quepe.
- Urciano Coelho Lemos** 143
Um relógio de mesa, uma escova para roupa, um chapéu, um chaveiro, um prato (troféu) e fotografias.
- Vander de Castro Alves** 145
Um par de abotoaduras, um par de óculos e uma caneta *parker*.
- Veríssimo Vieira de Paiva (*Barão Veríssimo*)** 147
Uma fotografia emoldurada.



ABDANUR ELIAS

(1889 - 1971)

Nascido na aldeia de Carmasfur, situada ao norte do Líbano, viveu com os pais — Elias Abdanur e Yâmina Abrão Calil — e os irmãos — Zacarias, Rabibe, Rarhure e Matheus — dedicando-se ao cultivo de oliveiras. Das azeitonas produziam o azeite para consumo próprio e para comercialização, garantindo o sustento da família.

O casamento com Lula Salim Neder aconteceu antes da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). Os dissabores do conflito intensificaram-se ainda mais com a sua convocação para o combate. Neste quadro de sofrimento e miséria tiveram 3 filhas que faleceram prematuramente, como vítimas da “peste”. Depois nasceu o primeiro filho, Elias, seguido por Zêque. A família completou-se com os filhos brasileiros Nagib, José, Nadim e Ione.

A imigração para o Brasil em 1924, sugerida por seu sogro, foi revestida pela dor da separação dos familiares que ficaram e pelas remotas esperanças de um reencontro.

Sua história de vida em terra brasileira revelou fortes traços da cultura árabe, mesclados com as tradições locais. Lia e escrevia com fluência na língua árabe, embora tivesse sido apenas alfabetizado, fato que não o impediu de ser hábil no trato com os números, conforme herança do seu povo. Formado na crença ortodoxa, adotou o catolicismo para dar suporte à orientação espiritual transmitida aos filhos. A alimentação, preferencialmente árabe, reservou espaço à mesa para a comida mineira.

Mascateando a cavalo, inicialmente viveu com a família em Sacramento onde foi recebido por patrícios e amigos fiéis. Em Perdizes, a segunda residência, ingressou no ramo de armazém e, depois, no de padaria.

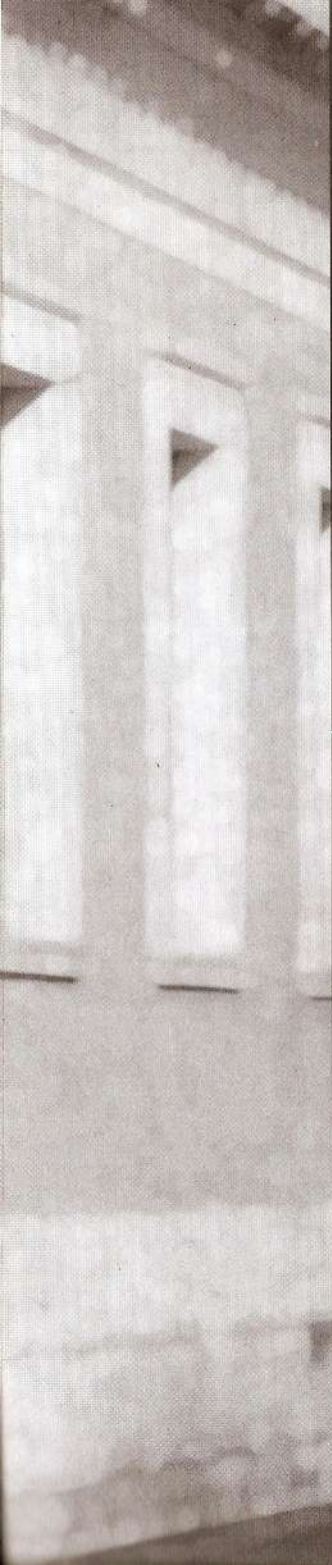
Em 1939 chegou a Araxá motivado, como tantos outros, pelas perspectivas sinalizadas com a construção do Complexo Hidrotermal do Barreiro. O pequeno armazém aos poucos foi substituído por outro negócio familiar, a “Lavanderia Brasil”. A esse serviço aliou a produção de sabão artesanal, depois desenvolvido para ser aplicado nas máquinas elétricas da lavanderia. Garantidas a qualidade e a eficiência do produto, com este passou a abastecer o Grande Hotel. Assim nasceu a *Fábrica de Sabão Araxá* que cresceu, gradativamente, em novos experimentos, em espaço e em número de funcionários.

O processo de obtenção do sabão de tipo marmorizado foi seguido pela fabricação dos sabonetes de lama e sal sulfuroso e de inovações promovidas, inclusive, pela contratação de um químico da *Gessy Lever*. Com os produtos aprovados lançou, então, o *Sabão Pintado*, o de *Coco* e o *Rosa Tank*. Desde então a fábrica sobreviveu à instabilidade econômica do país e, hoje, o produto derivado das riquezas minerais de Araxá ganhou o mercado nacional e, aos poucos, o internacional.

A morte da mulher, Lula, de personalidade forte e simples, causou impacto na estrutura familiar, reorganizada com a união dos seus membros, em especial, de Ione, a única mulher entre os irmãos.

Abdanur Elias casou-se novamente, com Maria Francisca Alves. Desse casamento teve dois filhos: Jorge e Lélia. Durante a vida, apesar dos traumas vividos na juventude como soldado convocado para a guerra, manteve um semblante alegre. Foi patrão amável, atencioso, chefe de família orgulhoso dos filhos, dos netos e da bisneta que chegou a conhecer.

Hoje, a *Fábrica de Sabão Araxá* está presente no cenário comercial e industrial da cidade, sob a administração dos seus descendentes. Com o nome de seu fundador foi batizada uma rua de Araxá, situada à Vila São Pedro.



ADÉLIA PEREIRA VALLE

(Dona Delica)

(1914 – 1990)

Filha de Terêncio Pereira de Rezende e Adélia Rodrigues Valle, *Delica*, como era carinhosamente chamada, nasceu em Araxá, sendo a nona entre os 15 filhos do casal.

Seu pai, fazendeiro, apreciava a música e a poesia. Hábil instrumentista tocava acordeom, flauta, piano, violão, bombardino, bandolim e viola. Participava da política local, chegando a ser vereador e membro do Conselho Administrativo Municipal. Sua mãe, uma das mais tradicionais doceiras de Araxá, ficou conhecida pelo pioneirismo na confecção de doces cristalizados e pela fabricação de farinha de milho.

Aos dezessete anos *Delica* concluiu o curso de normalista, mas continuou sua formação educacional fazendo cursos na área de educação especial, de francês, de inglês e de estudos teológicos. Logo depois ingressou no convento, na congregação das irmãs dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, onde ficou por sete anos.

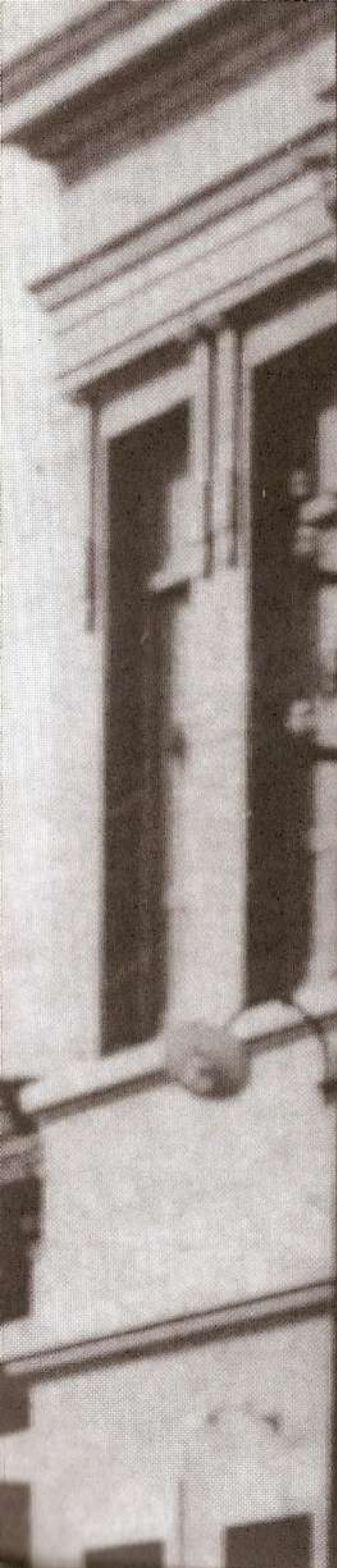
Voltando a residir em Araxá, dedicou-se ao trabalho comunitário e à educação. Foi professora, secretária e auxiliar de direção escolar. Trabalhou como professora de crianças especiais por 10 anos, dedicando-lhes todo o seu conhecimento e afeto. Envolveu-se nos movimentos culturais da cidade, sendo membro fundador da Academia Araxaense de Letras. Julgava sua participação um privilégio, pois mantinha sempre uma postura modesta em relação ao trabalho literário que produzia.

Participava das atividades de sua paróquia, das festas religiosas e das entidades de assistência social, estando sempre à disposição dos demais fiéis. Todo este envolvimento comunitário trazia-lhe enorme satisfação, prazer e realização pessoal.

Com inteligência e habilidade, *Delica* pintava, tocava piano, cantava, bordava, escrevia crônicas, poemas e discursos quando lhe eram solicitados, ensinava e fazia palestras sobre sua religião.

Solteira, assumiu a criação de sua afilhada, Célia Marra Montandon, que com ela foi morar aos 11 anos de idade.

Seguindo os princípios de sua inabalável fé cristã, viveu para servir a quem necessitasse de seus préstimos.



ADHEMAR GUIMARÃES

(1914 - 1985)

Há poucos anos era comum em Araxá a distribuição de panfletos ou convites que faziam propaganda de algum evento esportivo, político, festa religiosa, casamento ou, ainda, que notificava o falecimento de alguém. Este material era levado de porta em porta. A entrega destes panfletos foi um dos trabalhos exercidos por Adhemar e o fez conhecido por toda a cidade. Sua chegada sempre era o anúncio de que algo iria acontecer ou havia acontecido.

Seu avô, José Caputo, era italiano natural de Cosenza, Província de Basilicata, Itália, e chegou a Araxá por volta de 1895. Veio com sua mulher, Ambrosina Alvina Custódio Guimarães, natural de São João Batista do Glória-MG. Com o objetivo de melhor adaptar-se ao novo país, retirou o sobrenome Caputo e adotou o de sua mulher passando assim a chamar-se José Custódio Guimarães.

O pai, Avelino Custódio Guimarães era alfaiate e a mãe Ana Porfírio de Oliveira trabalhava fazendo quitandas, que eram vendidas por seu filho desde a infância. Teve seis irmãos: Azália, Altino, Anésia, Aldovando, Anísia e Aloísio.

Seu primeiro emprego, no armazém de Calimério Guimarães, foi como carregador de mercadorias que ele buscava na Estação Ferroviária Oeste de Minas. Nos tempos áureos do Najá e Ipiranga, foi funcionário da Liga Araxaense de Desportos, atuando como porteiro no Estádio Fausto Alvim.

O trabalho de mensageiro, distribuindo panfletos ou convites, não tinha dia nem hora, podendo ser à noite, nos feriados e finais de semana. A popularidade e a conhecida responsabilidade faziam com que Adhemar fosse, quase sempre, o escolhido para realização dessa tarefa. Sua presença, aos poucos, se incorporou ao cotidiano da cidade.

Casou-se com Izoleta Soares e teve uma filha, Márcia, que lhe deu netos e bisnetos.



ALAOR PORFÍRIO DE AZEVEDO

PADRE ALAOR

(1902 – 1952)



família conta, orgulhosamente, que ele foi o primeiro aluno matriculado no *Grupo Escolar Delfim Moreira*. Na linguagem de hoje, era um “comunicador nato” além de ser “obediente, afável, estudioso, conversador. Gostava de música e de dançar”.

Desde cedo ouvia histórias contadas ou lia cartas que seus pais Elias Porfírio de Azevedo e Maria Dolores de Ávila Azevedo narravam sobre suas viagens ao Rio de Janeiro e São Paulo. Nesses passeios o casal priorizava os roteiros culturais, absorvendo as inovações no teatro, na ópera, na música e no cinema. Trazia ainda lembranças que se tornavam inesquecíveis ao primogênito Alaor e aos seus irmãos: Mário, Araceli, Lamartine, Apulchro, Renato, Genaro, Jarbas, Cecília, Domingos Gusmão e Joaquim Ewandinack.

As festas de caráter religioso tinham também a participação ativa dos Porfírio de Azevedo. Nelas, os membros da família manifestavam a fé e o respeito aos santos católicos, acompanhados de bandas e fogos de artifícios.

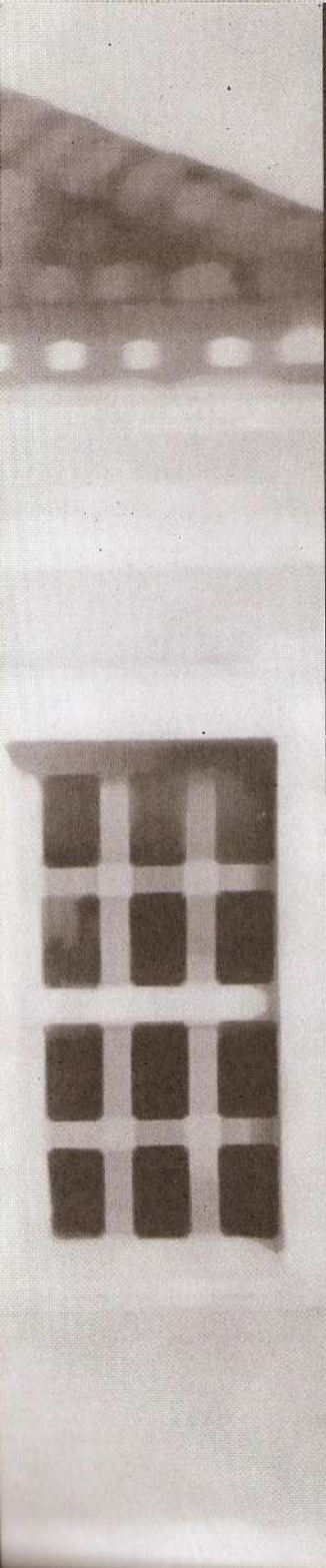
Assim, sua vida escolar foi direcionada para que pudesse concretizar a opção vocacional. Estudou em tradicionais colégios religiosos como o *São Luiz* em Itu e o *Anchieta* em Friburgo. No *Seminário São José*, em Uberaba, foi ordenado sacerdote.

Celebrou a primeira missa para os seus conterrâneos no Natal de 1927, na Igreja Matriz de São Domingos, em construção. Como sacerdote secular, independente de ordens religiosas, atuou como vigário ou coadjutor em várias cidades como Ibiá, Sacramento, Uberaba, Estrela do Sul, Araguari, Serra do Salitre e Araxá.

Teólogo, orador impetuoso e entusiasmado assumiu uma postura política decorrente de sua formação intelectual. Isto lhe valeu tortura e sofrimento no episódio de 1935, conhecido por *Intentona Comunista*.

Do sacerdote nasceu o professor de Português, Francês, Inglês e Latim, bem como o escritor que deixou a obra *Ave Maria* — dois volumes — não editada para o grande público.

Embora fosse extremamente amoroso com a família, uma “verdadeira paixão” o ligava especialmente à sua mãe. Pouco depois de visitá-la, em 1952, deixando-a doente em Araxá, partiu para Patos de Minas onde sofreu um infarto fatal. *D. Dolores* faleceu quase dois meses depois sem saber que seu filho, o *Padre Alaor*, tivera um pedido atendido: o de falecer antes dela.



ALBERTO NOLLI

(1914 – 1952)

Seus pais Palmiro Nolli e Vitória Brunello vieram para o Brasil, ainda crianças, provenientes de Cremona e Pádua respectivamente. Estabeleceram-se no Estado de São Paulo e, embora a família Nolli fosse originalmente ligada à agricultura, os novos membros nascidos no Brasil dedicaram-se principalmente à mecânica.

Deixando a terra paulista, a família Nolli transferiu-se primeiramente para Sacramento–MG e, depois, para Araxá.

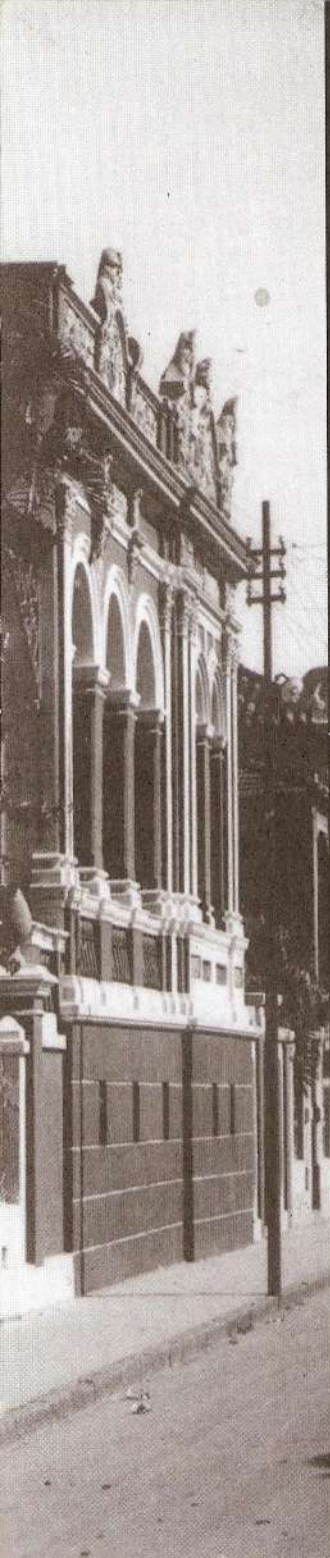
Nascido em Sertãozinho–SP, Alberto Nolli chegou a Araxá em 1927 para morar e trabalhar com seu tio Aquilles Nolli que, já naquela época, seguindo a tradição de muitos descendentes de italianos, exercia a profissão de mecânico.

Sua vida foi, desde muito cedo, dedicada ao trabalho. Aos 13 anos foi para São Paulo e durante dois anos fez curso na *General Motors*. Esta seria sua profissão por toda a vida, tornando-se uma marca da família. Hoje, dois de seus netos são engenheiros mecânicos.

Depois da experiência com o tio, estabeleceu-se com sua própria oficina, transformando-se em um dos mais conceituados profissionais de sua área. Essa liderança teve como conseqüência a sua eleição para a presidência da *Associação Operária Araxaense*, importante instituição representativa dos trabalhadores locais, que tinha como objetivo a união política e cultural da classe. Este respeito também fez dele mestre em seu ofício, sendo que muitos jovens profissionalizaram-se com seus ensinamentos.

Homem de hábitos simples mantinha à mesa os costumes da comida italiana, como o macarrão feito em casa, o risoto e a polenta. Era seguidor da religião espírita, embora respeitasse profundamente o catolicismo. Muitos membros do clero local eram seus amigos e freqüentavam sua casa. Como lazer gostava de pesca e de futebol, sendo um ardoroso torcedor do *Najá Futebol Clube*. Sua paixão pela pescaria o levou a falecer em um acidente de barco.

Foi casado com Ednah Borges Nolli com quem teve os filhos Marísia, Ângela, Maria Conceição, Marcelo e José Gaspar.



ALICE DE MOURA NEVES

(1893 – 1954)



história pessoal de Alice está inserida na história da educação em Araxá. Mestre inteligente e comprometida com a causa do ensino na sua ampla concepção, seu nome está presente no imaginário de gerações de alunos, pais e professores. Oficial e merecidamente ele está eternizado na *Escola Municipal Alice Moura*.

Sua chegada à cidade aconteceu em 1912, quando foi convidada pela família de Maria José de Magalhães, a *D. Iaiá*, para integrar a primeira equipe docente do então Grupo Escolar Delfim Moreira.

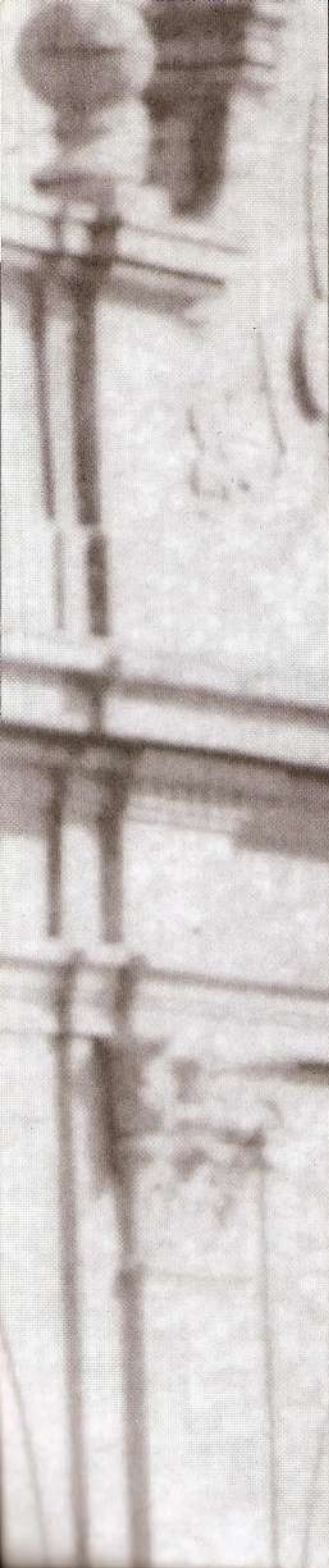
Alice veio de Oliveira, Minas Gerais, assim como os Chaves de Magalhães, como o Dr. Franklin de Castro (político e presidente da Câmara Municipal de Araxá — 1908-1915) e tantos outros que aqui chegaram para estabelecer raízes. Chegou acompanhada do marido, Alfredo Figueiredo Zuquim Neves, e do irmão José Cândido. Posteriormente vieram sua mãe, Beralda Policema da Conceição e Pedro Moura, seu tio. A essa altura já havia perdido o pai, José Antônio Coelho de Moura.

As dificuldades vividas para estudar e tornar-se uma normalista dedicada foram recompensadas pelo reconhecimento profissional que conquistou como professora e diretora do “Delfim Moreira”. O mesmo talento com que desempenhou o magistério foi praticado em exímios trabalhos manuais de costura, crochê e bordado. Tanto um quanto outro foram herdados por filhas, netas e bisnetas, muitas delas, hoje, professoras e bordadeiras.

Suas ações cidadãs estenderam-se à assistência social. Criou e educou várias moças que residiram em sua casa e dela receberam orientação segura para suas vidas. Ora acolhendo órfãos ou meninos de rua, ora atuando voluntariamente no Lar Santa Terezinha dividiu seu tempo, de maneira eficaz, entre a comunidade e a família.

Alice viveu na casa construída pelo marido, Alfredo, localizada à praça São Domingos, ao fundo da Igreja Matriz, onde criou seus dez filhos: Nilza, Newton, Níobe, Nélio, Nivaldo, Maria Alice, José Antônio, Nícia, Maria Nelly e José Antônio.

Morreu tragicamente em acidente automobilístico, quando retornava de um passeio ao Rio de Janeiro. Com ela faleceram os filhos Maria Nelly e Newton, a nora Divina e os netos Wander, Wagner e Walter. Neste dia a cidade chorou, rendendo homenagens à eterna mestra e aos seus familiares.



ANDRÉ AGUIRRE GIL

PADRE ANDRÉ

(1879 – 1965)

Religioso formado na Ordem Agostiniana, era espanhol, natural de Fitera, região de Navarra. Seus pais chamavam-se Francisco Aguirre e Cecília Gil.

Por um período desligou-se da congregação de origem para, por determinação da Igreja, tornar-se padre secular e, assim, suprir a falta de sacerdotes no interior.

Sua aproximação com os araxaenses começou em 1902, quando celebrou sua primeira missa na Igreja Matriz de Santa Juliana. Posteriormente chegou a Araxá, em 1911, para ser o vigário da nossa paróquia.

Durante sua permanência na cidade, exerceu grande influência espiritual sobre os paroquianos dos quais foi sempre o conselheiro e o amigo. Coube a ele, ainda, participar da execução do projeto de urbanização de Araxá, ocorrido com a demolição da antiga Matriz de São Domingos e de outras menores existentes, com a abertura de novas ruas e com a construção da atual Matriz. Para Araxá poder contar com uma igreja do porte desta, viveu-se uma verdadeira epopéia. Pe. André liderou a cerimônia da bênção da pedra fundamental, em 1917, mas não esteve presente ao término, em 1948.

Conciliou o trabalho de vigário e de construtor da igreja com o de provedor da Santa Casa de Misericórdia. Neste período, entre 1920 e 1924, inaugurou um novo prédio para aquele hospital.

Responsabilizou-se por iniciativas importantes para a vida local. Com outras pessoas de representatividade fundou, em 1913, uma escola de ensino particular. Criou a *Associação da Pia União das Filhas de Maria* (1918), a *Associação do Sagrado Coração de Jesus* (1919), a *Conferência de São Tarcísio* (1924) e fomentou a *Conferência de São Domingos*.

Antes mesmo que a congregação das dominicanas aqui se estabelecesse conseguiu que algumas dessas irmãs viessem trabalhar na Santa Casa. Foi também um grande incentivador das tradições praticadas nas festas religiosas.

Os laços de amizade com os paroquianos foram tão estreitos que batizou inúmeras crianças das quais muitas também se chamam ou se chamaram *André*.

Sua partida, em fins de 1925, foi revestida de cerimônias e de muitas manifestações de pesar. Na lembrança dos seus contemporâneos ficou a imagem do vigário que assistia os doentes, os humildes e as crianças.

Longe de Araxá e do seu povo, dele não se esqueceu e nem por ele foi esquecido. Retornou algumas vezes a convite dos amigos e das autoridades. A última delas, em 1963, foi promovida por alguns araxaenses, dentre eles, o então prefeito Domingos Santos. Pe. André reingressara na ordem dos agostinianos e de lá foi trazido, já doente, para aqui viver mais confortavelmente os seus últimos anos.

Acolhido na Santa Casa com apoio material e afetivo dos amigos, após o seu falecimento foi velado na Igreja Matriz e enterrado no Cemitério das Paineiras onde, ainda hoje, o seu túmulo é visitado.



ANTÔNIO CABRAL

(1902 – 1955)

Durante muitos anos a Tipografia e Livraria Cabral compôs o cenário da antiga rua Boa Vista, como referência obrigatória dos leitores e consumidores araxaenses que buscavam os produtos ali comercializados.

Seu proprietário, Antônio Cabral, era mineiro de Araguari, terra natal também de seus pais Manoel Cabral e Elvira Coutinho Cabral, bem como dos seus irmãos Abner, Josefina e Maria Conceição.

Ainda cedo viu-se obrigado a abandonar os estudos para lutar por sua sobrevivência. Mudou-se para Estrela do Sul onde trabalhou em vários setores da agricultura, da pecuária e do comércio até tornar-se um profissional das artes gráficas.

A convite de José Carlos Pedro Grande, profissional atuante em Araxá nas áreas de agrimensura, desenho e tipografia, chegou em 1927 para com ele trabalhar como tipógrafo. Trouxe consigo seu irmão Abner (Nozinho) e, mais tarde, sua irmã Maria Conceição.

Associando-se a *Pedro Grande* lançou em 1929 *A Fálscia*, jornal que se intitulava como próprio de crítica, humorismo e literatura e que tinha Antônio Cabral como seu *director-gerente*.

Casou-se com a araxaense Archidâmia França Teixeira, a *Damica*, filha de Ananias Teixeira e Anna Victória de Jesus, "Nicota", com quem teve 5 filhas: Maria Helena, Elvira, Gilda, Marisa e Ana Victória.

Da sociedade inicial na tipografia permaneceu como seu único proprietário, incorporando ao negócio a célebre Livraria Cabral.

Depois de certo tempo vendeu o comércio para realizar um sonho: adquirir a *Fazenda Mato Seco*, na Antinha, equipando-a com um pequeno haras. Dentre os belos cavalos que criou destaca-se o mangalarga-marchador *Cardan*, vencedor de vários prêmios.

Não durou muito a sua vida de fazendeiro. Com a saúde já debilitada pela doença de *Chagas* voltou à cidade e retornou à condição de proprietário da Livraria Cabral, desta vez contando com as filhas Maria Helena, Elvira e Marisa, no trabalho diário da livraria e também papelaria.

Sua atuação nas esferas comercial, social e esportiva de Araxá deixou registros bem precisos. Ele integrou a primeira diretoria da Associação Comercial e Industrial – ACIA –, foi *rotaryano* e sócio remido do Araxá Tênis Clube. Frequentou assiduamente o Clube Brasil, mas foi no campo esportivo que revelou suas paixões. Fez parte da turma de nadadores matinais da Hidrominas, no Barreiro, sendo que na década de 40, compôs o grupo fundador do *Ipiranga Esporte Clube*, seu time do coração.



ANTÔNIO DE ÁVILA
(SINHÔ)

(1891 – 1964)



alguns homens ou mulheres vivem o seu tempo mas conseguem captar sinais do futuro e, por isso, assumem atitudes inovadoras. *Sinhô de Ávila* personificou um desses exemplos como agropecuarista.

Filho de Tibúrcio Joaquim de Ávila e Thereza Thomázia de Jesus é, portanto, oriundo de família tradicionalmente ligada à terra. Os Ávila chegaram a Araxá no início do século XIX, procedentes da região mineira de Barbacena, estabelecendo-se como um dos sustentáculos da economia agrária rural.

Quando as terras de campo ainda eram preteridas em favor das terras de cultura, ele passou a adquirir aquele primeiro tipo, ampliando consideravelmente seu patrimônio. A realidade atual indica que ele seguiu um caminho correto.

Sua infância foi mesclada pelo trabalho e pelo convívio com os irmãos: Ana Cândida, Olinto, Carlos (Carico), José (Zeca), Mariana (D. Fiica), Lourival (Lorico) e Tibúrcia. Estudou com um professor chamado “Pierre” que percorria a região ministrando aulas para os filhos dos fazendeiros.

Nessa época já assimilava os segredos da vida rural. Na idade adulta consolidaria o aprendizado, tornando-se definitivamente um fazendeiro vitorioso.

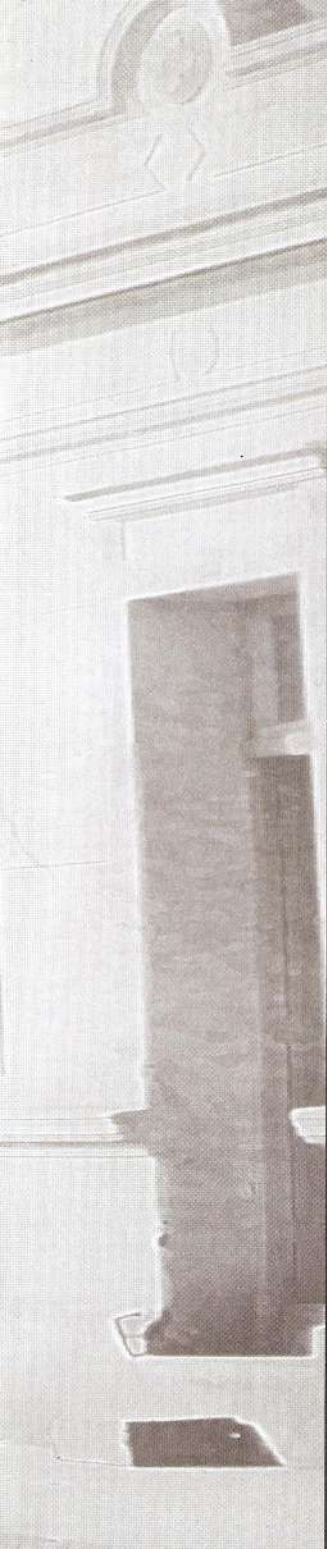
Apolítico por natureza, embora fosse descendente de Mariano Joaquim de Ávila, um dos líderes políticos da nossa história e primeiro presidente da Câmara Municipal de Araxá, procurava não se envolver em questões político-partidárias. Preferia exercer sua cidadania produzindo riquezas, assistindo os inúmeros colonos que viviam próximos a ele ou, ainda, doando parcelas de sua produção de gêneros alimentícios à Vila São Vicente.

Sinhô casou-se com Emirena de Aguiar e teve 8 filhos: Irene, Helena, Íris, Maurício, Cândida, Carlos, Ananias e Teresa.

O trabalho, a leitura e a pescaria eram suas formas preferidas de lazer. Os dois primeiros proporcionaram oportunidades raras aos seus filhos. Educou-os nos melhores colégios, tanto de Araxá como também de Belo Horizonte e de São Paulo.

Atento ao mundo que se modernizava à sua volta, aderiu à novidade do automóvel na década de 20. Habilitou-se como “*chauffer*”, usufruindo um privilégio de poucos, mas indispensável para transitar entre a cidade e a fazenda.

Sua casa acolheu os sobrinhos Eurico, Eurípedes (Pipinho) e Paulo que viviam na fazenda onde não só trabalhavam mas recebiam do tio a proteção paterna. Nessa mesma fazenda, a Três Cruzes, iniciada com a família de seus pais e ampliada por ele, manteve a coesão dos familiares e o semblante sério de um homem de poucas palavras e muitas virtudes.



ANTÔNIO DE PAIVA BORGES

(DR. PAIVA)

(1920 – 1979)

Descendente por linha materna da família Carneiro de Paiva, um dos ramos da família Carneiro de Mendonça, cujos membros participaram da fundação da Freguesia de São Domingos do Araxá, Dr. Paiva nasceu na *Fazenda do Sobradinho*. Mudou-se para a cidade aos 13 anos para estudar.

Em 1937 fez exame de admissão para o ginásio, tendo logrado o primeiro lugar na classificação. Não podendo custear os estudos conseguiu uma bolsa do Prefeito Dr. Fausto Alvim, entretanto o padre Clóvis Vila Nova, professor do Colégio Dom Bosco, preferiu oferecer-lhe trabalho em troca das despesas escolares. Trabalhou como faxineiro no colégio durante todo o curso ginásial que, naquela época, durava cinco anos.

Terminando o colegial, mudou-se para São Paulo onde trabalhou e cursou o científico com o objetivo de ingressar na Faculdade de Medicina. Lá recebeu uma carta do acadêmico de medicina Ayres Maneira, seu colega de grupo e ginásio, que o aconselhou a mudar-se para o Rio de Janeiro onde havia os cursos preparatórios para escolas superiores.

Neste período trabalhava na Indústria Brasileira de Meias S.A. como chefe de seção. Pediu demissão e, com o pouco dinheiro que sobrou do acerto de contas, jogou na loteria e ganhou CR\$ 400,00, quantia utilizada para as primeiras despesas na nova cidade.

Chegou ao Rio de Janeiro em 1946. Prestou vestibular e classificou-se em 15º lugar entre os 201 candidatos aprovados na Faculdade Nacional de Medicina. Trabalhou como interno, estagiário e pesquisador nas principais instituições de saúde da cidade durante todo o curso. Formou-se em 1951 e dois anos depois transferiu-se para Araxá.

Casou-se com Maria do Carmo Dumont e teve oito filhos: Ayres, Eugênio, Maria Rita, Iracema, Régia, Patrícia, Maria do Carmo e Jacqueline.

Perguntado sobre o que mais gostava de fazer, referia-se sempre ao seu trabalho. Esta paixão pelo exercício da medicina rendeu-lhe grande estima junto à população, principalmente os mais humildes que ele atendia sempre com a mesma dedicação. Tendo feito diversos cursos na área de cirurgia e obstetrícia, suas mãos receberam inúmeros araxaenses, chegando a ter 400 afilhados.

Católico, incentivava a família e os colegas a participarem dos sacramentos e festas religiosas. Era devoto de Nossa Senhora da Abadia, cursilista e pertencia ao *Movimento dos Focolares*. Foi o responsável por ter trazido para a Santa Casa de Misericórdia de Araxá as irmãs do Santíssimo Sacramento da Eucaristia, colaborando para a fundação do Colégio Nossa Senhora do Carmo, dirigido por esta congregação.

Dr. Paiva exerceu também atividades nos setores agropecuário e imobiliário. No campo social e político sempre foi participante, ocupando os cargos de provedor da Santa Casa e de vereador municipal.

Recebeu apoio de pessoas muito especiais. Podemos destacar sua tia Teolinda e Dr. Ayres Maneira, que lhe emprestava todos os livros de medicina além de lhe ter doado a roupa e o anel de formatura.



ANTÔNIO PEDRO DA COSTA
(SR. ANTONINHO)

(1894 - 1979)

Aos 15 anos, por interferência de um primo, chegou a Araxá vindo de Boa Esperança, Minas Gerais. Assim, em companhia de sua mãe, Maria Carolina de Jesus, tentava vencer as dificuldades de sobrevivência após a morte de Antônio Alves da Costa, seu pai.

Mãe e filho residiram inicialmente na antiga praça São Domingos, mas foi na rua Mário Campos que o "*Sr. Antoninho*" — como ficou conhecido entre a população — viveu a maior parte de sua vida.

Quando criança vendia quitandas para contribuir com o sustento da família. Foi sapateiro, escrivão de polícia, motorista e, finalmente, oficial de justiça, até se aposentar.

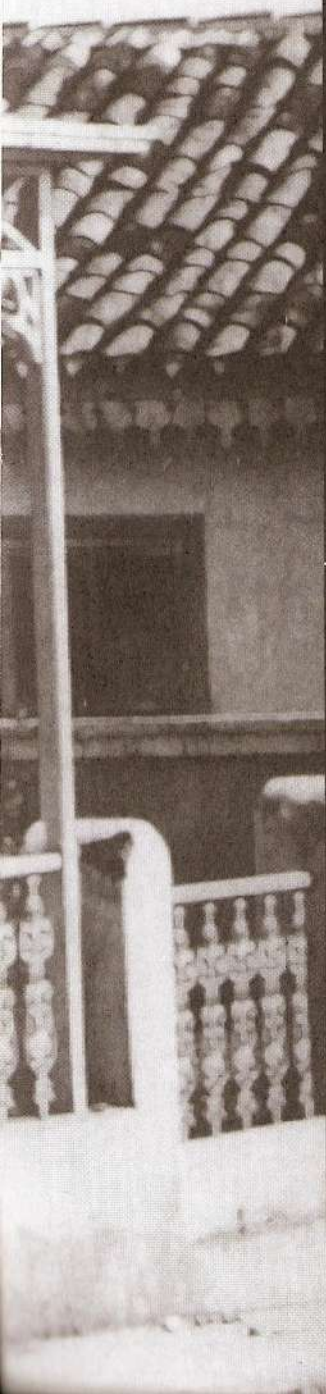
Do primeiro casamento com Maura Soares teve um filho, Baltazar. Com Maria do Rosário Costa teve 10 filhos: Ercília, Vicente, Lourdes, Geraldo, Maria José, Malvina, Generosa, Simeão, Helenice e Reinaldo.

Sua família foi acrescida, ainda, por mais 18 filhos por ele criados. Curiosamente, alguns dos seus filhos e netos seguiram suas trilhas e, do pai-avô motorista, herdaram a vocação que os transformou em proprietários de transportadoras.

Na vida familiar cultivava hábitos simples e o seu maior lazer constituiu-se em praticar integralmente a religião. Adepto do catolicismo, inicialmente, chegou a exercer a função de Irmão do Santíssimo Sacramento. Posteriormente fez opção pelo espiritismo, cuja doutrina permeou todos os seus gestos e atitudes. Durante 50 anos participou do Centro Espírita Caminheiros do Bem. Visitava doentes, hospitais e recebia em sua casa, diariamente, aqueles necessitados de assistência material e espiritual. Introduziu de forma pioneira a *Campanha do Quilo*, iniciativa que se mantém em vigor na atualidade. Promoveu diversas palestras e encontros religiosos.


De personalidade alegre e extrovertida, autor de trocadilhos, foi um cidadão participativo. Freqüentava regularmente as sessões da Câmara e outras de caráter político.

Em reconhecimento ao trabalho que exerceu na comunidade, o poder legislativo concedeu-lhe, em 1977, o título de *cidadão araxaense*.



ARGEU ALVES DA COSTA

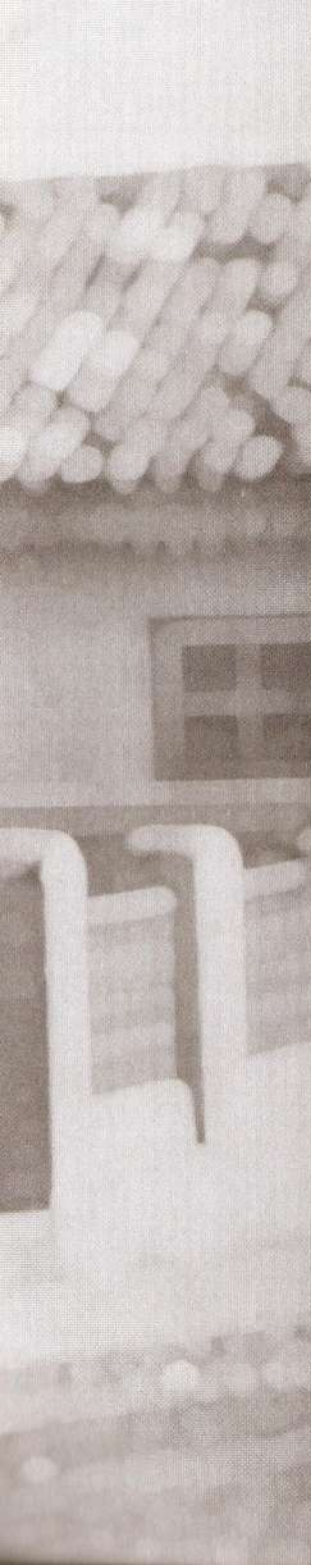
(1904 - 1974)

 araxaense respeitado como pecuarista, comerciante e político, iniciou suas atividades comerciais com apenas um cavalo, chamado *Felizmente*. Esse animal, adquirido com o fruto de seu trabalho, garantiu-lhe os êxitos sucessivos nos negócios que o levaram a ampliar consideravelmente o patrimônio e a conquistar a posição, durante décadas, de “maior comerciante de gado bovino da região”.

No início da década de 40 mudou-se para o Rio de Janeiro, então capital federal, deixando aqui os rentáveis negócios. De volta a Araxá em 1945, fim do Estado Novo e da ditadura Vargas, dedicou-se à vida pública. Como membro fundador da UDN — União Democrática Nacional — liderou a política local, integrando o diretório estadual do partido e assumindo, pelo voto direto, a vice-prefeitura de Araxá.

Com grande visão e tino comercial, o filho dos sitiantes — Antônio Alves da Costa e Ambrosina Rodrigues de Oliveira — casado com Geralda Afonso de Almeida e pai de Cordélia e Helvécio, criou um rebanho a partir do bezerro Gir, batizado por Changai e, assim, projetou seu nome nacionalmente. Em parceria com seu irmão Antenor, foi pioneiro na introdução de animais da raça holandesa em Araxá.

A liderança nata e o empreendedorismo do pecuarista o levaram, ainda, a participar da fundação e da direção do Sindicato Rural e da Associação Rural de Araxá, hoje Associação Ruralista do Alto Paranaíba.



AURÉLIO CÂNDIDO DE OLIVEIRA

(1877 – 1968)

Membro de uma das antigas famílias de Araxá, proprietária de terras no Barreiro e filiada a tantas outras aqui estabelecidas em um tempo remoto, era filho de Eugênio Cândido de Oliveira e Rosina Luiza da Silva.

Viveu sua infância no Barreiro, acompanhando as idas e vindas do rebanho que bebia água nas fontes da futura estância hidromineral. Cursou o primário como era o costume da época e conviveu com os irmãos: Vitrer, Sebastião, Alcídia, José, João, Heráclito, Dercílio, Olintha, Maria das Neves, Maria e Maria Cândida. Do ambiente doméstico partiu para construir sua trajetória individual.

Casou-se duas vezes. Do primeiro casamento com Maria Emiliana de Oliveira, a *D. Marica*, teve 3 filhos: Josopherta (Josa), Josephina (Fina) e Jason. Estes casaram-se, respectivamente, com Calimério Guimarães, Oscar Montandon e Maria Porfírio.

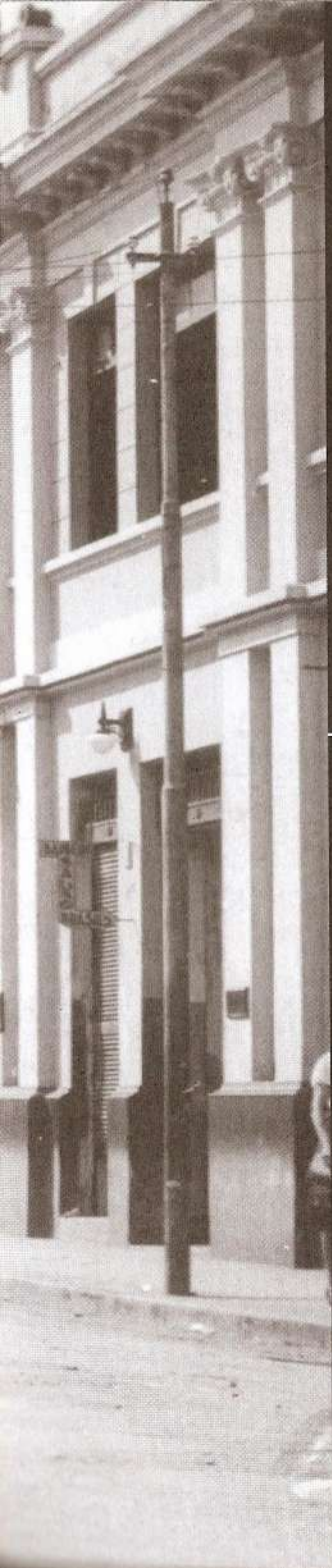
Maurilla Nunes foi sua segunda mulher, com quem teve dois filhos: Ângela Morais Nunes casada com Cláudio Cavicchiolli e Aurélio Nunes de Oliveira.

O povo araxaense, nos tempos da República Velha (1889 - 1930), viveu a política coronelista. Aurélio, assim como parte da população de Araxá, definiu-se como um "Ferreirista", denominação local dos partidários do coronel Adolpho.

Foi Juiz Federal (suplente) do município de Araxá em 1911, escrivão da Coletoria em 1920 e, em 1927, Delegado de Polícia.

Contudo a indústria foi a mais duradoura atividade profissional por ele desenvolvida. Ao lado de seu genro, Calimério Guimarães, tornou-se sócio da firma *Guimarães & Cia* (fundada em 1917) constituída por curtume, selaria e sapataria.

Definido pelos familiares como um homem "religioso, caridoso, social e amigo" foi, indiscutivelmente, uma das forças produtivas que trabalhou pelo crescimento econômico de Araxá.



AZIZ JACOB CHAER

(1906 – 1979)

Depois de uma longa viagem de navio, chegou ao Brasil, ainda criança, acompanhado de seus pais, provenientes do Líbano. Era filho de Jacob Miguel Tannús e Helena Jacob Chaer que vieram para Araxá ao encontro de um parente próximo, o tio Zeferino Chaer.

Órfão de pai aos nove anos, conciliou desde muito cedo o trabalho, a responsabilidade de cuidar de sua mãe e de suas duas irmãs e os estudos, chegando a formar-se em Contabilidade.

Em Sacramento-MG estabeleceu-se como comerciante e conheceu Guilhermina Vieira com quem se casou em 1935 e teve sete filhos: Carlos, Walter, Danilo, Ricardo, Helena, Maria Auxiliadora e Aziz.

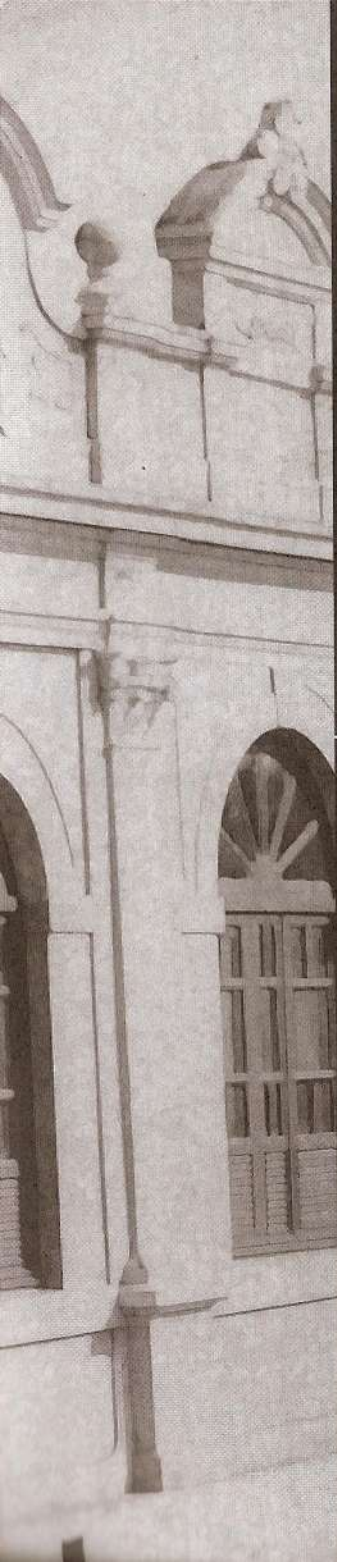
Voltou para Araxá onde mostrou seu dinamismo, envolvendo-se em diversos empreendimentos comerciais e industriais. Foi durante muitos anos representante da Cervejaria *Antártica* e da Usina Junqueira. Fabricou o Guaraná e a Soda Limonada *Araxá*; implantou a *Destilaria Araxá* que engarrafava a aguardente *Balalaika*, envelhecida em enormes tonéis de madeira. Durante um tempo foi também proprietário da *Fábrica de Manteiga Triângulo* que tinha em São Paulo o seu maior mercado consumidor. Seu tino empreendedor foi herdado por seus filhos que hoje atuam nas áreas de construção pesada, engenharia, finanças públicas e comércio.

Em suas ações junto à comunidade de Araxá destacam-se a grande colaboração na construção da Igreja do Rosário e a participação como membro efetivo do *Rotary Club*.

Possuidor de uma alegria contagiante, era freqüentador do tradicional Bar Tip-Top e das festas do Grande Hotel do Barreiro, principalmente os carnavais onde sempre comparecia com um boné de marinheiro que se transformou na marca de sua presença.

Católico, formou sua família em um ambiente cristão. Reunia-se sempre com seus amigos para um *joginho de buraco* e servia deliciosos quitutes, sempre dentro dos costumes culinários libaneses.

O homem de muitas idéias e ações tem o seu nome eternizado como patrono de uma escola municipal no Bairro Orozino Teixeira.



BALTAZAR SANTOS REIS

(1911 – 1978)

Marceneiro, carpinteiro, comerciante e político foram alguns dos papéis cumpridos por Baltazar, cidadão araxaense que também se popularizou na comunidade por sua atuação nos clubes sociais e de serviços, nas irmandades católicas e nas instituições assistenciais.

Filho de Gentil dos Santos e Teodora Vicente da Silva, foi criado pelos avós paternos Jesuíno Alves Ferreira, o “Sr. Vigarinho” e Francisca Santos Ferreira, a “D. Chiquinha”. Seus avós eram proprietários do antigo *Araxá Hotel*, no mesmo lugar onde mais tarde se construiu e, por décadas, funcionou o *Hotel Pinto*.

Sua avó pertencia a um dos ramos do imenso tronco da família Santos e, neste ambiente familiar, ingressou no mundo do comércio quando, ainda menino, vendia as balas de café feitas pela tia Abrilina dos Santos.

Nascido no dia de Santos Reis, 6 de janeiro, ao longo de sua vida solidificou a tradição católica herdada, visível no seu próprio nome. O ano do seu nascimento é o mesmo da inauguração do Grupo Escolar Delfim Moreira, onde cursou o primário e foi aluno brilhante.

Depois da experiência em lidar com a madeira na execução de móveis, tornou-se proprietário de “Móveis Paraíso”, respeitada casa comercial. Como provedor da Igreja de São Sebastião, dinamizou as ações religiosas – especialmente a tradicional festa de São Sebastião – realizando uma das maiores reformas pelas quais passou o prédio da Igreja. Paralelamente contribuiu para os trabalhos desenvolvidos em outras igrejas da cidade, para a construção da Igreja de Nossa Senhora d’Abadia na antiga Água Suja, bem como para o Orfanato Santa Terezinha e Asilo São Vicente.

Foi juiz de paz e vereador. Durante o seu mandato no legislativo (1971 – 1974) esteve à frente, em especial, de projetos relacionados à urbanização e ao abastecimento de água.

Das profícuas gestões exercidas na presidência do Rotary Club, nas diretorias do Clube Brasil e Clube União, estendeu suas atividades à fundação da Sede Operária de Araxá.

A intensidade com que agiu na vida comunitária foi proporcional à dedicação prestada à mulher Maria Carolina, a culinária “Maria do Baltazar”, renomada doceira e quitandeira, à filha Maria de Fátima, ao genro Jorge e aos netos Baltazar e Jonathan.



BENEDITO SOARES DA SILVA

(1893 – 1992)



irmão Coadjutor Salesiano, conhecido na congregação como *Seu Bené*, ingressou no noviciado aos 25 anos e, quando faleceu, com quase cem anos, 72 destes haviam sido dedicados à vida religiosa.

Nasceu na noite de Natal, no lugarejo chamado Roseira, município paulista de Pindamonhangaba. Foi o mais velho dos 6 filhos de Laurentino Soares da Silva e Thereza Maria de Jesus. Entre a infância e a juventude trabalhou duro na roça como servente, ajudando o pai, pedreiro. Depois foi britador numa pedreira da então Estrada de Ferro Central do Brasil. Antes freqüentara uma escolinha de alfabetização, apenas. Mais tarde completou o primário em São Paulo, já como sacristão.

A opção pela salesianidade não foi tranqüila. Houve, para isso, a interferência da congregação já que os recursos financeiros obtidos com o produto do seu trabalho eram essenciais à sobrevivência dos pais e irmãos.

Escalou os degraus exigidos para o preparo da vida de sacristão, atuando na *casa salesiana* do bairro paulista do Bom Retiro, onde viveu entre 1920 e 1939. Depois de um período em São José dos Campos para tratamento de saúde, chegou a Araxá em 1941. Daqui saiu apenas momentaneamente, quando esteve entre os salesianos de Niterói e de Vitória. Em uma destas vezes, foi chamado de volta pelo vigário Pe. Philipinni e aqui permaneceu definitivamente.

O sacristão simples, pontual, dedicado, "um tanto rude", criativo no desempenho de suas funções cotidianas de zelar pela igreja, era também um bom contador de histórias. Bem-humorado, amigo e disponível em servir, imprimiu sua marca na memória dos irmãos salesianos, da comunidade estudantil e dos fiéis que com ele conviveram.

Seus conhecimentos musicais lhe permitiram tocar algumas poucas peças em clarineta, gaita e flauta doce. Mas os seus maiores prazeres, nos raros momentos em que se dispunha ao lazer, eram o futebol, o cinema, o jogo de xadrez e a pescaria. Assim, dividia o seu tempo entre a igreja Matriz, o Colégio Dom Bosco e, invariavelmente, entre o Estádio Fausto Alvim, o Cine Trianon e as fazendas dos amigos que o convidavam para pescar.

Chegou a comemorar as *bodas de ouro* na profissão religiosa mas, com o passar dos anos, a saúde fragilizada o impediu de permanecer como sacristão. Aceitou abandonar a função, sem deixar, contudo, de acompanhar a rotina da sacristia. Enquanto isso, cuidava do pátio do colégio, alimentava os passarinhos, fabricava velas populares ou petecas de palha de milho. Já não mais cultivava chuchus ou abacates, tampouco fazia como antes, os seus terços artesanais.

Durante seus funerais houve missa concelebrada. A Igreja Matriz esteve repleta de paroquianos, alunos e irmãos salesianos. Dentre estes, Pe. Henrique Ribeiro de Brito que assim definiu o Sr. *Bené*:

"... Quem diria que árvores de cascas grossas, de feições feias na sua rusticidade, tornam-se uma atração peculiar, pelo extravagante de seu retorcido, pelo exótico de seu vulto característico, pela beleza e graciosidade de suas flores e a multiplicidade dos feitios coloridos e dos infindos gostos dos sabores de seus frutos? Quem diria?... Arte divina do Criador. Segredos de amor."



CALMON BARRETO

(1909 – 1994)

Durante a primeira infância viveu na *Fazenda Garimpo de Ouro*, propriedade de seus pais Anníbal Barreto e Alfonsina de Sá Carvalho. O pai foi criador de cavalos, de gado e se dedicava às plantações. Com o crescimento dos filhos fixou residência na cidade, ingressando no comércio de secos e molhados.

Segundo pesquisas que ele próprio realizou, os Barreto descendem de bandeirantes que ocuparam o norte de São Paulo e, como fazendeiros, fundaram Barretos. Parte desses dirigiu-se a Goiás e ao Triângulo Mineiro. Quanto à origem materna, minuciosamente identificada por Calmon, remete ao estado do Rio de Janeiro. Seu avô Horácio de Sá Carvalho teria partido rumo a Ribeirão Preto para adquirir terras e, de lá, viera a Araxá em busca de tratamento por meio das águas. O casamento com Maria Ferreira Ribeiro — descendente de famílias norte-americana e judia — foi o motivo para cultivar as raízes araxaenses.

Sua vida em família, as brincadeiras de época com os amigos e os momentos de estudo logo cederam espaço para que a arte, em Calmon, se manifestasse. Estudou no Grupo Escolar Delfim Moreira, mas foram as escolas Nossa Senhora Auxiliadora e Instituto Brasil as responsáveis pelos seus primeiros contatos com o desenho. Com o artista baiano que realizava afrescos em Araxá — Pedro Leopoldo Vieira — iniciou-se propriamente no mundo das artes. As paredes posteriores de sua casa foram o suporte para experimentar desenhos de figura em tamanho natural.

Assim, como precursor na condição de *grafiteiro*, aos 12 anos partiu para o Rio de Janeiro, ingressando na *Casa da Moeda* como gravador. Pouco depois matriculava-se na Escola Nacional de Belas Artes onde foi aluno de mestres consagrados.

Estudando e aperfeiçoando-se, preparou-se para exercer as profissões de artista medalhista, pintor, escultor, ilustrador e, mais tarde, a de professor de arte, catedrático, após a defesa de tese em 1951.

As premiações sucederam-se uma à outra. Menção honrosa, medalha de bronze, de prata e, em 1929, *prêmio de viagem*. Conquistou a aspiração máxima do artista na época: venceu o concurso que lhe assegurou uma estada na Europa. Assim frequentou cursos de restrito acesso, visitou museus e exposições, aprofundando-se na escola européia.

No retorno ao Brasil recebeu a nomeação de gravador-mestre da *Casa da Moeda* mas, depois, preteriu-a em favor do trabalho de ilustrador de importantes revistas e jornais brasileiros. Em 1934 ingressou no Conselho Nacional de Belas Artes, seção gravura, como membro eleito. Nesse período em diante obteve nova medalha de prata e, em 1938, alcançou a de ouro no Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Durante a docência privilegiou a atividade de escultor em relação à de gravurista. Embora já a estudasse há décadas, foi após a aposentadoria que se dedicou à pintura. Nesse momento voltou a viver em Araxá e cristalizou seu papel sócio-cultural na cidade onde nasceu. Divulgou sua obra em um ateliê sempre aberto à visitação, mostrando em suas criações uma temática inspirada na história e no cotidiano local. Doou trabalhos seus às instituições de cunho social, executou grandes painéis e esculturas vistos em lugares públicos ou não.

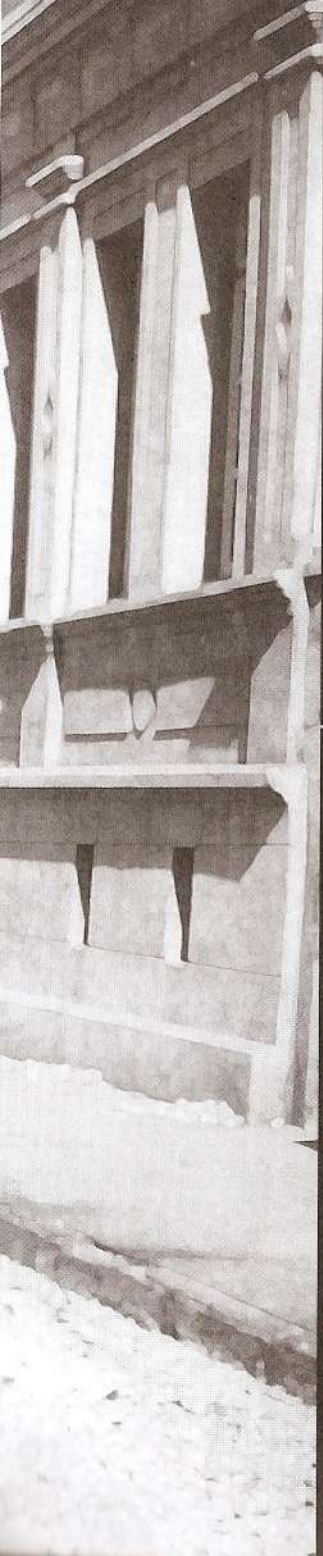
Escreveu alguns livros e, dentre eles, editou *Araticum – Histórias de Calmon Barreto*. No *Correio de Araxá* divulgou crônicas e artigos. A obra literária garantiu-lhe cadeira cativa na Academia Araxaense de Letras.

Da *Fundação Cultural Calmon Barreto* foi muito mais do que um patrono. Foi fundador, amigo e colaborador. Cedeu obras e direitos autorais para reproduções, idealizou e redigiu o seu 1º Salão de Artes Plásticas de Araxá.

Em vida, não fez nenhuma mostra de sua produção artística. Contudo, hoje o Museu Calmon Barreto reúne exemplares de seu imenso acervo.

Calmon foi casado com Felicitas Meyer Beer de quem se divorciou sem ter tido filhos. Na visão dos seus 10 irmãos — José, Djalma, Aníbal Nabuco, Maria Stela, Arlete, Edméa, Átila, Cordélia, Elizabeth e Fernando — ele se distinguiu “não só pelos dons artísticos como também pelo desprendimento e desvelo em relação à família, posicionando-se como um elo familiar”.

Assim como sempre fez a apologia do mestre na formação do artista, ele foi o mestre que seus alunos nunca esqueceram.



CÉDIA RIOS CARNEIRO

(1909 – 1999)



Araxaense, nascida e criada na *Fazenda Mourão Rachado*, tinha na sua religiosidade e em seu caráter — baseado em fortes princípios éticos e morais — suas principais características.

Era filha de Antônio Gonçalves Rios e de Adelina Pereira Guimarães e teve mais dois irmãos: José Rios Guimarães e Maria Rios Paiva. Pela linha paterna descende de Dom Diogo Tavares Rios, espanhol que se estabeleceu no Brasil e deu origem à linhagem da família Rios.

Desde muito cedo, juntamente com seus irmãos, iniciou-se nos trabalhos da fazenda, pois ficou órfã de pai, aos dez anos, e de mãe onze anos depois.

Casou-se aos vinte e um anos com Mauro Afonso Carneiro. Tiveram quinze filhos: Maria Auxiliadora, Salviana, Terezinha, Fábio, Maurício Antônio, Ronaldo, Ricardo, Cordélia, Rosa Maria, Lázaro José, Adelina, Mauro César, Célia, Rogério e Antônio. Adotaram, ainda, uma filha: Juraci.

Tinha o hábito de rezar a oração do “Santo Terço” todos os dias com seus filhos e amigos. Nestes momentos, em que exercia em profundidade sua fé católica, usava um caderno que continha inúmeras orações, escritas em letras grandes devido a sua dificuldade de enxergar.

Viveu durante sessenta e quatro anos na fazenda, ao lado do marido, criando os seus filhos e desfrutando o ambiente tranquilo da vida rural. Cuidava com especial carinho dos jardins, sempre floridos, que circundavam sua residência. Tinha prazer em exercer a arte da culinária fazendo compotas de doces com frutas colhidas em seu pomar, quitandas, polvilho, farinha e queijos com os quais presenteava os visitantes, amigos e parentes. Gostava de produzir seu próprio artesanato, fazendo crochês para enfeitar a casa. Sua grande paixão era a coleção de colchas tecidas em teares.

Colaborava com a escola rural da fazenda, chegando a confeccionar os cadernos usados pelos alunos com as folhas de papel que recebia como doação. A comunidade local homenageou-a dando o seu nome à biblioteca da escola.

Não esquecia os menos assistidos de Araxá. Doava constantemente cereais e alimentos, produzidos em suas terras, às crianças do Lar Santa Terezinha e aos idosos do Asilo São Vicente. Participava de eventos religiosos e colaborava todos os anos para os Festejos de Santo Antônio e São Lázaro, organizados pelos lavradores da região. Mulher sem formação acadêmica, porém sábia, aprendeu e ensinou muito com a sua vida de trabalho, dedicação, fé e amor ao próximo.



CHRISTIANO BARSANTE SANTOS

(1905 – 1991)

Conhecido e respeitado pela população de Araxá como advogado, promotor, jornalista, político, educador e filatelista, Dr. Christiano passou a integrar a comunidade araxaense em 1931, quando aqui chegou para assumir a Promotoria de Justiça. Mineiro de Mar de Espanha, era o quinto filho dentre os 25 de Ernestina Barsante — italiana, natural de Lucca — e de Christiano Gonçalves dos Santos. Ainda criança mudou-se para Belo Horizonte onde estudou no Colégio Arnaldo e, em 1930, bacharelou-se em Direito pela Universidade de Minas Gerais.

Durante o período estudantil, com apenas 24 anos, participou da fundação do jornal o *Estado de Minas*, então chamado de *Diário da Manhã*. Esta experiência rendeu-lhe o cargo de subgerente do jornal e o convívio com consagrados nomes do jornalismo e da política mineiros.

Até 1935 exerceu a função de Promotor de Justiça de Araxá ao mesmo tempo em que atuava como advogado na região.

Na vida pessoal fortaleceu os laços com a cidade, casando-se com a araxaense Sylvania de Almeida e formando uma família composta por 7 filhos: Christiano Fausto, Lucília Cyrene, Sônia Maria, Sylvania Regina, Ângela Mara, Cássio Emmanuel e Germano Marcelo.

Entre 1930 e 1940 foi advogado da Prefeitura de Araxá quando, ao lado do prefeito Fausto Alvim, fundou diversas escolas rurais no município. Essa proximidade com o universo educacional faria dele, ao longo da carreira pública, um educador por excelência, cuja memória foi reportada à atualidade para dar nome ao *Centro de Convivência* dos alunos universitários de Araxá.

Dentre as funções relevantes por ele assumidas incluem-se as de fiscal da *Escola Normal de Araxá* e inspetor seccional do ensino secundário nos Colégios Dom Bosco e São Domingos. Em plena maturidade pessoal e profissional foi inspetor de ensino secundário, vinculado ao Ministério da Educação. Sob sua responsabilidade funcionavam 35 estabelecimentos de ensino.

Sua carreira foi interrompida pelo Golpe Militar de 1964, mas ao deixar o cargo havia criado 120 novos colégios no Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e no oeste de Paracatu. Como ação complementar dessas iniciativas coordenou dezenas de cursos de aperfeiçoamento profissional, contribuindo para a formação de respeitados nomes do ensino nessas regiões. Em Araxá foram fundados, sob sua proteção, os Ginásios *Jesus Cristo*, *Vasco Santose* e os Colégios *Nossa Senhora do Carmo* e *Dom José Gaspar*.

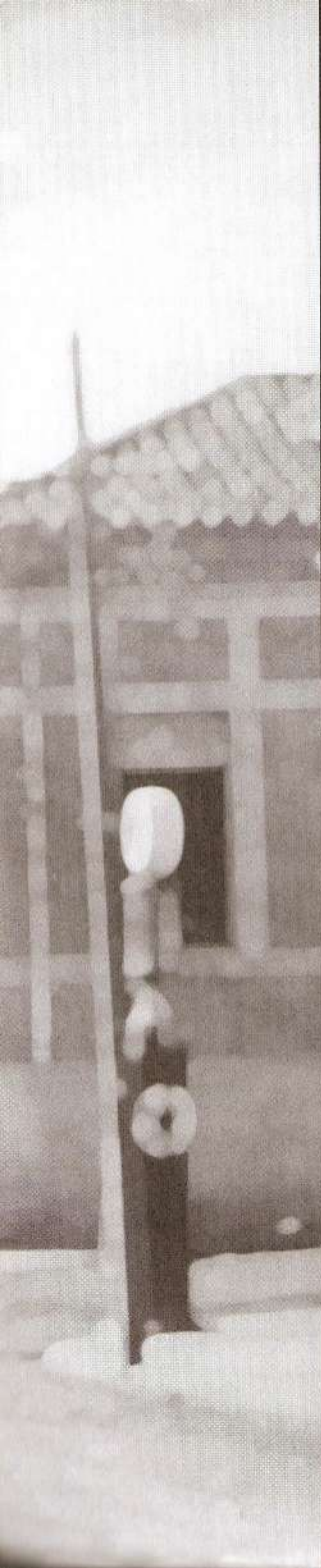
Com forte representatividade comunitária compôs a bancada da Câmara Municipal de Araxá entre 1935 e 1937. Do vereador, dotado de vasta formação humana e intelectual, revelou-se o político competente e o exímio orador.

Integrou o grupo dos fundadores do Rotary Club de Araxá e, por duas vezes, foi venerável da *Loja Maçônica Ação e Silêncio*.

Sua intelectualidade lhe permitiu ocupar a cadeira nº 8 da Academia Araxaense de Letras e acumular um respeitável conhecimento de arte, em especial, sobre filatelia, música clássica e pintura. Como colecionador de selos não só dominou todos os seus segredos como também foi a referência dos jovens araxaenses dedicados ao tema. Nada mais natural ter sido o presidente de honra do *Clube Filatélico Dr. Christiano Barsante Santos*.

Com seu amigo Clóvis Cardoso Júnior, durante muitos anos, esteve à frente da *Fábrica de Produtos Têrmis de Araxá*, produzindo os famosos sabonetes e cremes.

Pioneiro em empreendimentos diversos e talentoso no trato com as pessoas, aliava sua inteligência privilegiada a um “fino senso de humor”. Antecipando o próprio tempo em que viveu, assumiu atitudes típicas daqueles que contribuem para introduzir mentalidades renovadoras.



CLÁUDIO JOSÉ DE FARIA

(1883 - 1943)

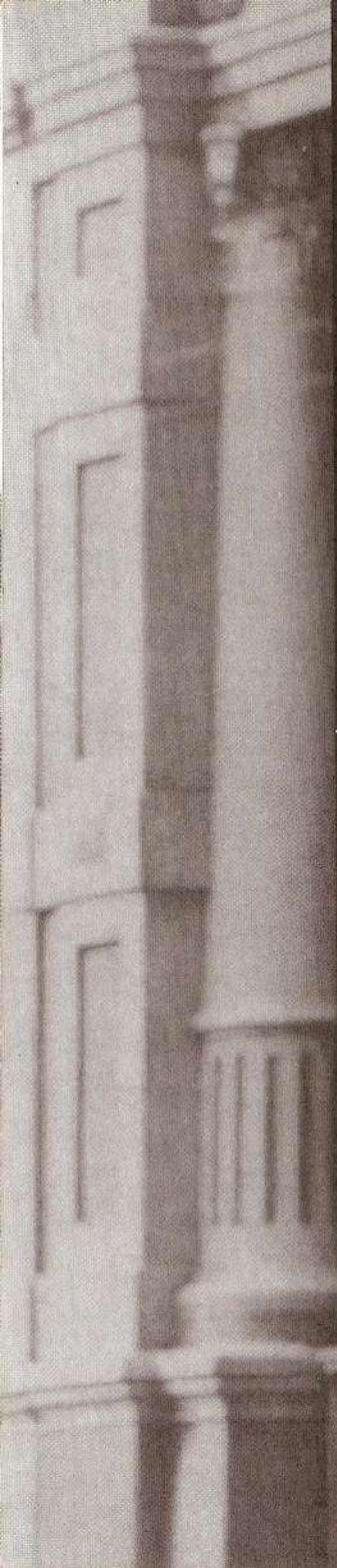
Chegou a Araxá em 1910, vindo de Patrocínio, Minas Gerais, sua terra natal. Filho de Justino José de Faria e Ana Luíza de Faria, perdeu os pais precocemente. Foi criado por um tio que o alfabetizou — ensinando-o a ler e a escrever — e por um padrinho.

Atraído pela perspectiva de o Barreiro transformar-se numa estância hidromineral afamada e estimulado pelo processo de urbanização aqui vivido durante a primeira década do século XX, veio trabalhar no seu ofício de sapateiro. Fundou a *Sapataria Araxaense*, localizada à esquina da antiga Av. d'Abadia (Av. Antônio Carlos) com rua Quintino Bocaiúva (rua Calimério Guimarães) onde comercializava os produtos que ele próprio, hábil e artisticamente, confeccionava. Eram sapatos masculinos e femininos dentre os quais podiam ser encontradas as notáveis botinas de pelica, cujos adornos variavam entre botões ou cordões.

Sua sapataria foi também referência para vários companheiros que aprendiam com o “mestre de ofício” a arte de fazer sapatos. Esta profissão, valorizada dentro do espaço urbano que se transformava, significava a sua garantia de sobrevivência.

O talento de artista indicou-lhe também o caminho da música. Sabia tocar violão, mas foi ao som do sax que comoveu os araxaenses como integrante da *Santa Cecília*, a banda fundada pelo Maestro Elias Porfírio de Azevedo. A vocação musical seguida à risca culminou com a fundação da banda *Lira Araxaense* que, assim como sua sapataria, levava no nome o orgulho em ser da terra. A *Banda do Cláudio*, como se popularizou, foi por ele criada em 3 de agosto de 1919. Em atividade há 83 anos ininterruptos, sobreviveu à ausência do seu fundador, à direção de Silvério Guimarães e de Ângelo Miguel, respectivamente.

Atento à causa social, pertenceu à Conferência de São Vicente de Paulo. Não foi político, mas nunca negou seu voto ao candidato que lhe parecia o melhor para dirigir os destinos da cidade que elegeu como sua e onde nasceram sua mulher Maria Balbina Guimarães e seus filhos: o professor José Geraldo de Faria e Ana Guimarães de Faria, a dominicana *Irmã Marcelina*.



CORNÉLIO WANTUIL DE SIQUEIRA

(1933 – 1988)

Nasceu em Araxá e era filho de Wantuil Augusto de Siqueira e Izoleta Santos Siqueira. Seu pai emigrou para esta cidade, proveniente de Congonhas – MG, na década de 30 e se instalou como comerciante no ramo de confeitaria. Estabeleceu-se posteriormente em Conquista-MG, onde explorou jogos de azar por alguns anos. Sua mãe, de conceituada família araxaense, era excelente costureira e quituteira.

Durante toda a sua vida exerceu funções no poder público municipal e federal. Desde muito cedo iniciou-se na prática de esportes e trouxe para a cidade algumas modalidades que eram até então desconhecidas. Este pioneirismo o levou a implantar, no ano de 1983, a primeira academia de musculação da região. Transmitiu o prazer pelo esporte aos seus filhos e para muitos jovens araxaenses que se iniciaram na prática desportiva com seu incentivo. Hoje, a *Cornelius Academia* é dirigida por seu filho Rodrigo, professor de educação física.

Possuía uma personalidade marcante, transmitindo alegria para todos os que em torno dele se uniam. Gostava de promover festas que ficaram famosas por serem sempre muito animadas. Durante longos anos foi gerente e diretor social dos mais tradicionais clubes da cidade como o Clube Brasil, o Clube Araxá e o Girassol Clube de Campo.

Era homem de muitos *hobbies*. Criava cães de raça, passarinhos cantadores e colecionava armas, assuntos em que se tornou um especialista. Outra grande paixão era a música, sendo um exímio tocador de gaita. Seu gênero preferido era o tango, que dançava com habilidade e sempre ouvia fumando seu cachimbo.

Considerava que sua maior riqueza eram os inúmeros amigos que conquistou. A solidariedade com todos os que dele necessitavam fazia parte de sua vida cotidiana, era a sua marca, tal como seu grave e inconfundível timbre de voz.

“Pai severo, mas amoroso e sempre presente”, foi casado com Rosa Maria Chaer Dib e teve cinco filhos: Fabíola, Rommel, Rayssa, Alonso e Rodrigo.



DÂMASO DRUMMOND

(1907 – 1997)

Nascido na cidade de Floriano, Estado do Piauí, veio para Araxá em 1924, trazido por seu irmão Salomão Drummond, que aqui já residia. O motivo de sua vinda foi tratar de uma forte asma, beneficiando-se do clima ameno que a estância hidromineral proporcionava.

Era filho de Alberto Drummond de Carvalho e Raimunda Genuína de Souza. Ele, serventuário da Justiça e deputado estadual no Piauí, ela, fundadora de organizações católicas da localidade.

Passou a infância na cidade natal, onde usufruiu as águas do Rio Parnaíba, nadando e pescando ao lado de seus nove irmãos: Salomão, Maria Genuína, Honorato, José, Maria Dulce, Fernando, Maria Conceição, Maria Amazile e Paulo José.

Aqui o seu primeiro trabalho foi o de representante de algumas das mais famosas revistas daquele tempo como "O Malho", "Almanaque Eu Sei Tudo", "Careta", "Fon Fon" e outras. Trabalhou também no escritório da casa comercial "A Industrial" e como gerente de um salão de barbeiros. Em 1927 assumiu a direção do escritório da conceituada firma "Santos e Irmãos" que, além de casa comercial, era representante de bancos do Rio de Janeiro e São Paulo e da Standard, fornecedora de gasolina. Em seguida foi trabalhar como escrivão juramentado no Cartório de 3º Ofício, que tinha como titular seu irmão Salomão. Tomou-se posteriormente titular do Cartório de Offícios, do Judicial e Notas e Oficial do Protesto de Títulos e Documentos. Nesta profissão, de serventuário da Justiça, ele se aposentaria.

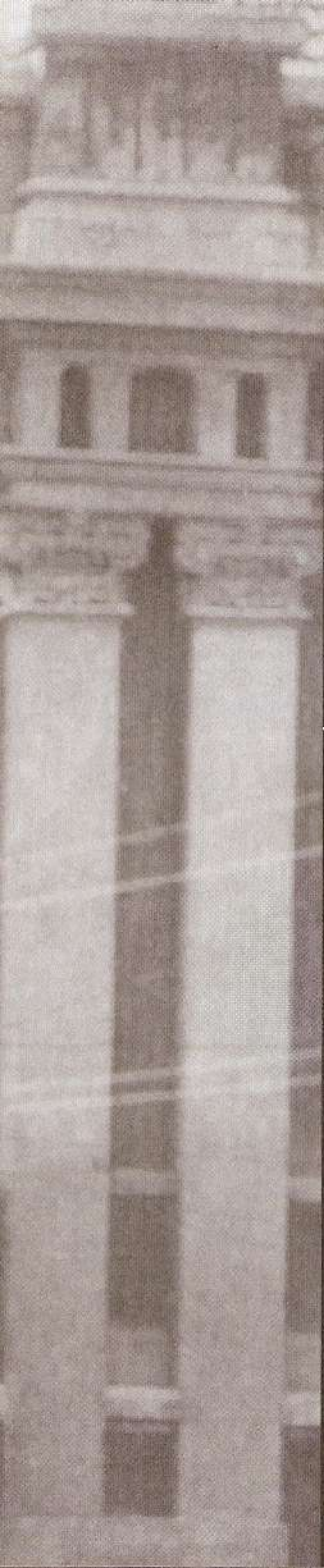
Homem de espírito empreendedor envolveu-se ativamente nos principais acontecimentos de Araxá em sua época. Podemos destacar sua participação como membro fundador do Clube Brasil e seu presidente por vários anos, sócio-fundador da Rádio Imbiara, primeiro gerente da agência local da Caixa Econômica Federal, presidente do Conselho Deliberativo do Instituto de Estudos e Combate às Doenças Tropicais, tesoureiro da Santa Casa de Misericórdia, fundador do Clube Araxá e seu vice-presidente, presidente de honra da Najá Futebol Clube, coordenador da vinda da seleção brasileira de futebol em 1950 para Araxá, presidente e um dos fundadores da APAE, membro do Conselho Administrativo do Banco Dumont S/A, membro do Conselho Deliberativo do Girassol Clube de Campo e um dos fundadores do pequeno jornal semanal crítico-literário, "O Oásis", que aqui realizou, pela primeira vez, um concurso de beleza.

Apesar de ter estudado apenas até o correspondente ao segundo grau, era um autodidata com amplo conhecimento e, em 1995, lançou o livro "A Presença dos Drummond em Araxá", registrando aspectos da história de sua família.

Sua atuação comunitária foi reconhecida pela Câmara dos Vereadores que, em 1969, deu-lhe o título de Cidadão Honorário de Araxá e, depois, o homenageou novamente dando o seu nome a uma das principais avenidas da cidade.

Seu dinamismo e temperamento afável imprimiam-lhe um fascínio especial. As palavras cruzadas e os jogos de xadrez e gamão eram seus passatempos prediletos, tornando-se um hábito entre seus descendentes.

Casou-se com Celme Cunha, filha de Dr. Garibaldi Cunha, conhecido advogado que aqui se estabeleceu, vindo de Belo Horizonte, e teve três filhos: Fábio, Olívia e Márcio, este último falecido aos três meses.



DANILO CUNHA (DR.)

(1909 – 1991)



alguns nomes de personagens da nossa história repetem-se freqüentemente a cada tema pesquisado. Isso porque suas atuações extrapolam as atividades profissionais exercidas, atingindo outras esferas da comunidade. Esse é o caso do araxaense Dr. Danilo Cunha, filho do Promotor de Justiça Dr. Garibaldi Cunha e de Olga Torres Cunha.

Formado em Direito pela UFMG, a representatividade conquistada entre seus conterrâneos levou-o a participar de iniciativas além daquelas naturais da advocacia, a profissão que exerceu por longos 60 anos.

Assim, seu nome está registrado como sócio-fundador do Clube Brasil e seu primeiro presidente; sócio-fundador da Rádio Imbiara de Araxá, inclusive responsável durante anos por programas de grande audiência como o "Camê Social"; sócio-fundador da Academia Araxaense de Letras. Ele foi, ainda, presidente do Conselho Deliberativo do Clube Araxá em diversas gestões e nos tempos iniciais do Aeroclube de Araxá, foi seu consultor jurídico.

Através de artigos publicados no jornal *Estado de Minas* lutou pela construção da rodovia Araxá-Franca e participou de "mesas-redondas" publicadas semanalmente no *Correio de Araxá*.

Acompanhou de perto o sistema de educação por cerca de 30 anos: como Inspetor Federal de Ensino de Colégio de várias cidades e como Inspetor Federal de Ensino da Faculdade de Direito de Uberaba.

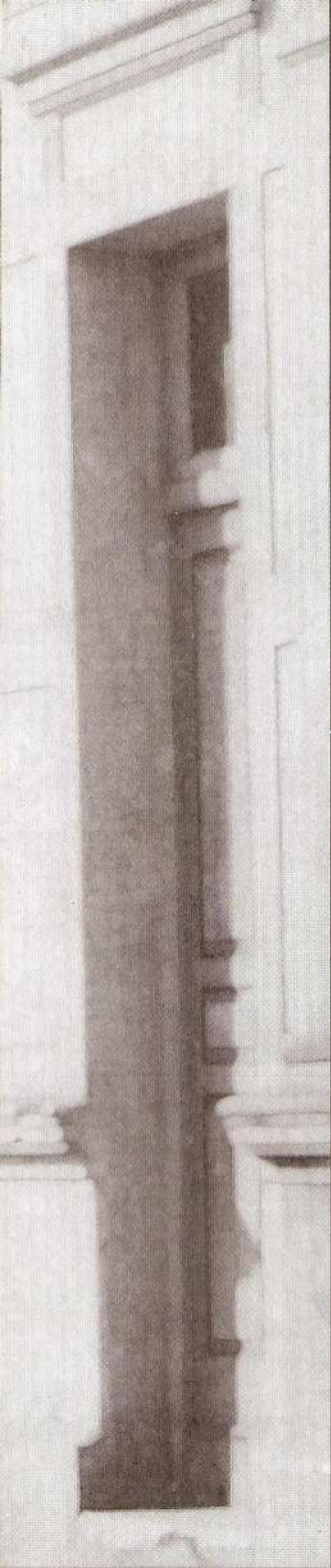
Intelectual atento às idéias que transitaram ao seu redor, fazia de cada acontecimento um motivo de reflexão. O gosto pela leitura, a aptidão para o estudo e a curiosidade latente o mantiveram sempre bem-informado. Assim munuiu-se de meios para enfrentar os desafios impostos.

Sua inserção na política não implicou militância, mas expressou sua afinidade com a causa pública por meio da imprensa. A política e o direito, aliados, oportunizavam-lhe manifestar o dom da escrita e a sua condição de excelente orador.

Na profissão trilhou uma carreira de êxito e de dedicação profunda ao trabalho. Atuou no Tribunal do Júri em mais de 100 defesas e acusações. Nunca perdeu uma causa, amparado no princípio por ele próprio definido: "a colocar um assassino em liberdade ou um inocente na cadeia, fico com o primeiro".

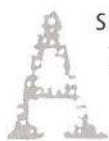
A *OAB de Araxá* foi por ele fundada e presidida nas primeiras ações desempenhadas pela *Ordem* local. Assumiu também a vice-presidência do Instituto dos Advogados do Triângulo Mineiro. Advogou para instituições bancárias, industriais e comerciais e para a Previdência Social.

O reconhecimento pelo empenho por Araxá aconteceu também em forma de homenagens, diplomas e medalhas. Estes lhe foram oferecidos pela comunidade, pelo setor educacional e pela própria classe dos advogados. O Governo de Minas Gerais agraciou-o com a Medalha de Honra da Inconfidência. Hoje, é nome de uma grande avenida que permite a ligação de importantes pontos da cidade. No campo pessoal "criou seus filhos com liberdade e nunca os submeteu às normas. Sua conduta correta e digna foram os seus ensinamentos". De seu primeiro casamento com Dalcy Santos Cunha, teve 3 filhos: Yara, Magaly e Danilo Júnior. Foi casado, em segundas núpcias, com Orlandá Paiva da Silva Cunha.



DIOMEDES GENTIL DOS SANTOS

(1893-1976)



As origens da família Santos remetem à colonização portuguesa no Brasil, quando alguns de seus membros deixaram a cidade de São João da Madeira, próxima a Porto, Portugal, para emigrarem para o Brasil.

Seu sobrenome Santos foi recebido da mãe, Júlia Carneiro dos Santos. Da família do pai, José Veríssimo Montandon, herdou características pessoais das quais se orgulhava, embora não assinasse Montandon (da avó paterna) ou, ainda, Pinheiro (do avô paterno). Exceto o próprio Diomedes e suas irmãs, os demais foram registrados com este último sobrenome. Até chegar aqui, seu pai seguiu um trajeto partindo de Cantagalo (RJ) em direção a Minas Gerais: Bagagem (Estrela do Sul), Paracatu e, finalmente, Araxá. Os Montandon, assim como os Santos e os Pinheiro, estão presentes na vida araxaense desde a sua formação territorial.

Como boiadeiro, fazendeiro, agricultor e pecuarista foi a expressão máxima de um empreendedor voltado para os negócios agropecuários, cujo universo incluiu a aquisição de 29 fazendas. Criava e comercializava gado Gir. Chegou a registrar 53 escrituras de imóveis por ele comprados e vendidos. O tino comercial despontou ainda na infância, quando começou a negociar leite na porta da escola e a entregar pão-de-queijo, roscas e biscoitos feitos por sua mãe, colocando em prática o excelente raciocínio matemático.

Na esfera profissional foi também sócio-fundador da Cooperativa Agropecuária de Araxá e da ABCZ. Ampliou sua atuação social como membro-fundador do Clube Brasil e envolveu-se ativamente nos movimentos que resultaram na implantação da CEMIG e do Estádio Fausto Alvim. Colaborou financeiramente com a Igreja Matriz de São Domingos, Colégios São Domingos e Dom Bosco, Creche Casa de Nazaré, Asilo São Vicente, Lar Santa Terezinha e SOS. Sua benemerência atingiu Belo Horizonte com as freqüentes doações destinadas à Sociedade Mineira de Proteção aos Hansenianos.

A inserção plena na vida comunitária o fez caminhar, inevitavelmente, para o mundo da política. O canal que o conduziu a isso foi o Partido Social Democrático (PSD). Neste exerceu papéis atuantes como o de presidente do partido e de financiador de campanhas que elegiam seus candidatos.

Casou-se com Ranulfa Gomide dos Santos e teve 9 filhos: Dalcy, Paulo, Sebastião, José Veríssimo, Maria de Lourdes, Maria José, Yêdda, Luiz Diomedes e Helena. O caçula dos homens, Luiz, morreu ainda menino, ao lado do Pe. José Três em um trágico acidente na Usina do Pai Joaquim. Na vida em família seguiu rígidos costumes como os horários de almoço e jantar, a higienização absoluta das mãos para lidar com o dinheiro e com os alimentos e o desfrute de reuniões familiares no dia-a-dia e em datas especiais.

Jamais abandonou seu chapéu e seu charuto ou o hábito de viajar com a família. Sempre saboreou a bebida e os pratos preferidos: vinho português, alemão e bacalhoadá. Tampouco não deixou de freqüentar, aos domingos, a missa das nove na Matriz.



ELIAS LEIME

(1889 – 1966)

Com a chegada de Elias, em 1918, procedente do Desemboque e de Tapira, teve início a história da família “Leime” em Araxá.

Nascido em Mínia, no Líbano, filho de Joana e Esperidião Leime, viera para o Brasil como imigrante, em 1905, aos 16 anos, para tentar uma vida tranqüila, distante de guerras, ao contrário daquela experiência sofrida desde a infância.

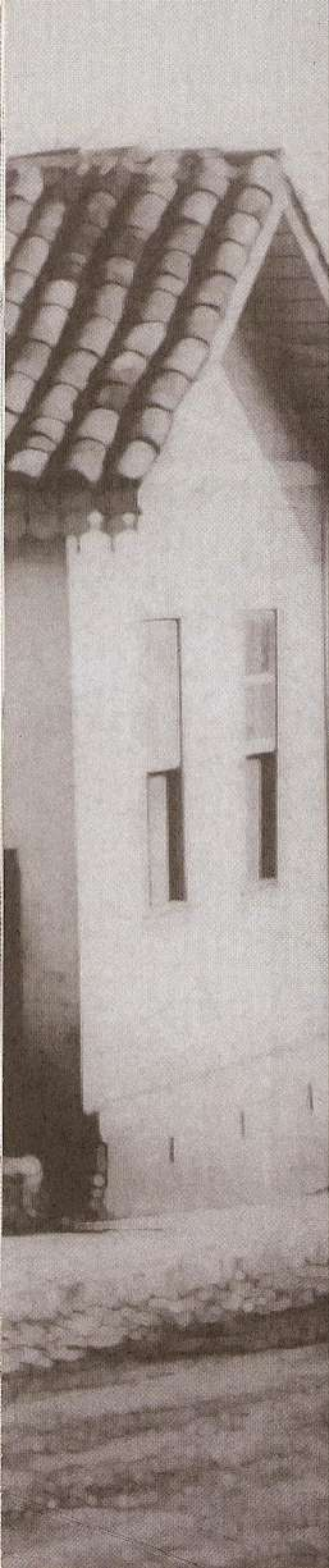
Mascateando por nossa região com as novidades trazidas de São Paulo, sentiu-se seduzido pelas referências a Araxá como cidade acolhedora e progressista. Assim lhes afirmavam os patrícios que aqui já viviam.

Estabeleceu-se como comerciante, primeiro no Largo de São Sebastião e, depois, no Largo do Rosário.

Em 1919 casou-se com Júlia, árabe de origem, filha única de Jamila e João Galdino, aqui residentes desde 1901. O casal teve, então, Eunice, Selym, Diva, Leila, Calil e Pedro. Em 1922, após a morte de seu pai, no Líbano, trouxe para Araxá a mãe, Joana, e a irmã, Zahia.

Trabalhou também como sócio do Cassino do Hotel Colombo até que, em 1933, com a morte do sogro, assumiu os negócios de “Ao 1º Barateiro”. Dirigiu esta tradicional casa comercial até seu falecimento. Foi, ainda, chacareiro e como comerciante — dono de expressiva liderança — participou da formação da primeira diretoria da *Associação Comercial de Araxá*.

Sempre cultivou a amizade e o relacionamento com os patrícios, preservando o idioma e os hábitos alimentares da terra natal. Conduzindo a sólida união entre os árabes foi considerado o chefe da colônia sírio-libanesa aqui radicada.



ERNESTO ROSA

(1888 - 1967)

Com a abolição do regime escravista, os fazendeiros paulistas passaram a adotar em larga escala o trabalho do imigrante. A grande maioria era oriunda de países europeus. Na última década do século XIX, 60% dos imigrantes que entraram em território paulista eram constituídos de italianos, principalmente do norte da Itália. Foi dentro deste contexto histórico que a família de Pedro Rosa e Eleonora Lorenzetti emigrou para o Brasil, trazendo consigo seu filho Ernesto nascido na cidade de Castiglione de Garfagnana, na província de Toscana.

Moraram inicialmente em Cravinhos, interior de São Paulo. Como muitos de seus conterrâneos, trabalharam nas lavouras de café. Posteriormente mudaram-se para Sacramento-MG onde se estabeleceram no comércio e beneficiamento de arroz.

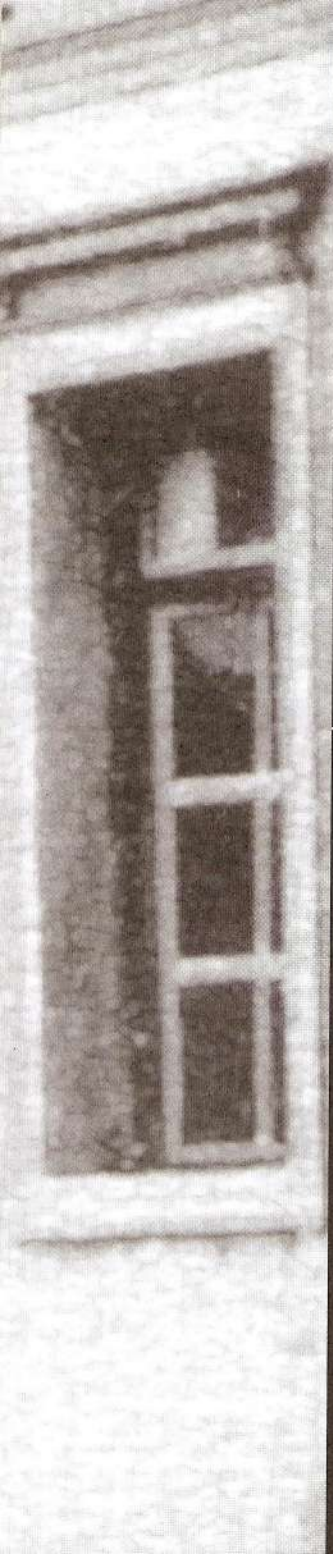
Em 1911, Ernesto casou-se com Letícia Scarpellini, também de origem italiana. Fixou residência em Araxá com a intenção de iniciar-se no comércio de queijo da canastra e café.

Homem de atividades múltiplas destacou-se como fazendeiro, comerciante e industrial. Fabricou em Araxá a cerveja da marca *Gato* e foi sócio-proprietário da Fábrica de Manteiga Triângulo, que era também um grande depósito de queijos. Entre 1925 e 1953 tornou-se agente dos “afamados automóveis Chevrolet”, cuja oficina possuía os mais “aperfeiçoados machinismos para reforma de automóveis”, como dizia a propaganda da época. Pioneiro, no ano seguinte implantou a primeira fábrica de gelo do município. Amante do cinema ficou sócio do Cine Brasil ao lado de Dino Baroni. Foi também proprietário de uma empresa de transportes e de uma fazenda no município de Paracatu.

Comerciante de espírito empreendedor estabeleceu-se em São Paulo entre 1927 e 1929, onde negociava com queijo, manteiga e automóveis.

Mantendo as tradições italianas, sempre reunia os filhos para saborear risoto e polenta e com os conterrâneos, que residiam em Araxá, gostava de jogar *scapone*, *tresete*, *solo* e *truvo*.

Apolítico e católico fervoroso participava da Festa do Divino, importante manifestação religiosa da cidade. Deixou exemplos de honestidade, trabalho e respeito que foram seguidos pelos filhos Arthur, Mário, Oswaldo e Carlos e por suas famílias.



GAUDÊNCIO IGNÁCIO DE ALMEIDA

(1899 – 1995)

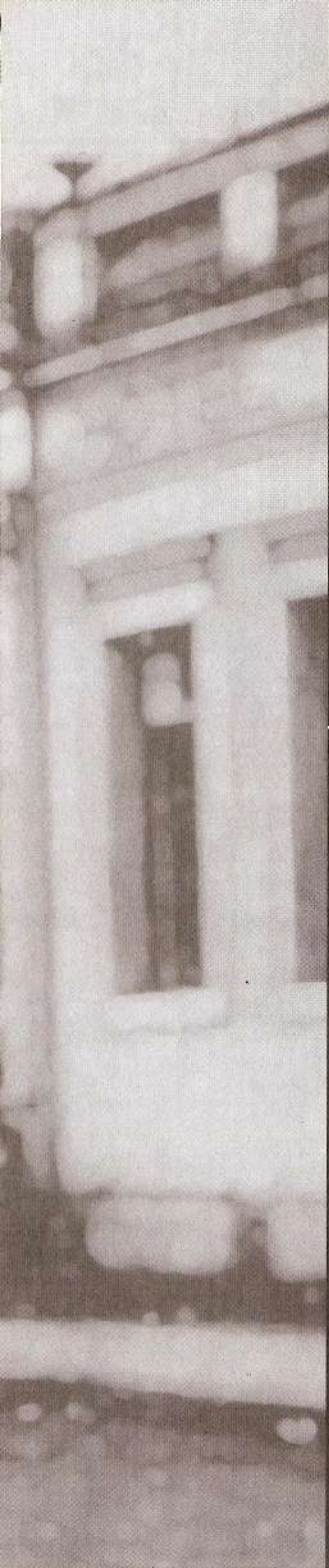
Nascido em Delfinópolis, dedicou a Araxá 75 dos seus 96 anos de vida. Por isso foi reconhecido e conquistou, merecidamente, o título de cidadão araxaense, concedido pela Câmara Municipal.

Dos pais Francisco Ignácio de Almeida e Etelvina Andrade de Almeida herdou uma bela propriedade localizada na cidade natal, bem como o dom de cultivar a terra para assumir sua vocação de agropecuarista. A fazenda da família foi mantida enquanto, aqui, prosperava no ramo do comércio de secos e molhados.

Casado com Ana Pinto, teve 6 filhos: Sílvia, Martha, Márcia, Suzana, Ricardo e Homero e, ainda, dedicou-se à criação de outros dois: Ivanir e Maria Natalina.

Praticou de maneira intensa a religião que adotou, atuando como um dos fundadores do *Centro Espírita Caminheiros do Bem* e como um sustentáculo da *Casa da Sopa Vovó Ana*. O espírito generoso e a fidelidade à crença religiosa alimentaram o corpo e a alma dos mais carentes que dele sempre estiveram próximos.

Como membro ativo do Rotary Club participou de inúmeros projetos comunitários e a experiência de vida pública, adquirida anteriormente como integrante do Partido Republicano, levou-o a alcançar freqüentes sucessos. Durante a longa militância política foi fiel ao ex-presidente da República e seu amigo pessoal, Arthur Bernardes. Por várias vezes presidiu o diretório local do partido que reunia os bernardistas e, assiduamente, envolveu-se nos movimentos cívicos realizados em Araxá.



GERALDO PEREIRA MARQUES

(1923 – 1998)

Descendente de antigas famílias de fazendeiros e comerciantes como os *Pereira Marques*, sua origem paterna, e os *Carneiro de Mendonça – Carneiro de Paiva*, ascendência materna, ele foi o protótipo do homem ativo e arrojado.

O filho mais velho de Olímpio Pereira Marques e Julieta Carneiro de Paiva cresceu ao lado dos irmãos Oswaldo, Maria Auxiliadora, Waldir, Ieda, Júlio César e Carlos Alberto. O cotidiano familiar compunha-se do armazém de *secos e molhados* de seus pais e das relações mantidas com fornecedores e consumidores.

Depois de concluir o curso ginasial no Colégio Dom Bosco, mergulhou no mundo dos negócios. Em princípio integrou a firma do seu pai, ainda na década de 40, quando as circunstâncias econômicas vividas durante a 2ª Guerra contribuíram para o avanço empresarial. Fundaram, posteriormente, a Geraldo Pereira & Cia sucedida pela Casa Olímpio S/A.

Seu nome, a partir de então, extrapolou as fronteiras do município, tornando-se conhecido como um grande atacadista de *secos e molhados*.

Liderou inúmeras iniciativas durante o chamado *Milagre Brasileiro*, nos anos 60 e 70, quando a economia do país viabilizou seus ousados projetos e favoreceu o crescimento vertiginoso dos seus empreendimentos.

Alguns datam desse período e tornaram-se célebres pelo significado que adquiriram na dinâmica da cidade. Eram negócios nas áreas de investimento, construção civil, comércio de móveis, fabricação de roupas, concessionárias *Volkswagen* e *Willys* e atividade cafeeira.

Revelou-se um grande criador de gado gir e sua marca pessoal — G — é hoje reconhecida nacionalmente. Na Fazenda Barreirinho seus descendentes conservam um dos maiores plantéis daquela raça zebuína.

Casado com Maria Augusta de Oliveira, teve dois netos, filhos da filha Eliana e do genro Fernando que, por sua vez, lhe deram quatro bisnetos.

Politicamente engajado pertenceu ao Diretório do antigo PSD, articulou eleições para prefeitos municipais e viu-se representado por dois irmãos vereadores: Oswaldo Pereira Marques e Júlio César Marques.

Das esferas de poder, inclusive financeiro, ingressou em vários segmentos da vida comunitária. Foi sócio-fundador do *Rotary Club* onde ocupou, ainda, a presidência do Banco de Cadeiras de Rodas. Nos esportes atuou como diretor do *Najá Futebol Clube* e, posteriormente, diretor do *Araxá Esporte Clube*. Ao *Clube Araxá* dedicou sua experiência como membro da comissão que o idealizou e responsabilizou-se por sua construção.

Nos anais da Escola Estadual Dr. Eduardo Montandon, antigo Grupo Escolar, seu nome consta como mantenedor da cantina daquela escola. Durante décadas ele forneceu o lanche dos alunos — em grande parte, carentes — assumindo um papel social de grande alcance.



GIL AUGUSTO MONTANDON (DR.)

(1909 - 1976)

Durante mais de 40 anos, ele trabalhou como médico e, historicamente, seu nome está ligado às inúmeras campanhas de vacinação ocorridas na cidade.

Era primogênito dentre os 15 filhos do farmacêutico José Augusto Montandon e de Natália Augusta Montandon. Suas ascendências paterna e materna têm origens franco-suíças. Os ramos familiares foram iniciados em Araxá por Frederico Augusto Montandon, relojoeiro que aqui chegou nas primeiras décadas do século XIX.

Dr. Gil nasceu no antigo distrito araxaense de Dores de Santa Juliana. Desde criança estudou no Colégio Diocesano de Uberaba onde concluiu os cursos primário e ginásial. Prosseguiu os estudos em Belo Horizonte até o ingresso na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais. Médico recém-formado retornou a Araxá para clinicar e trabalhar na Santa Casa. Neste período, seguindo a tendência familiar, chegou a escrever artigos nos jornais divulgando inovações na medicina local.

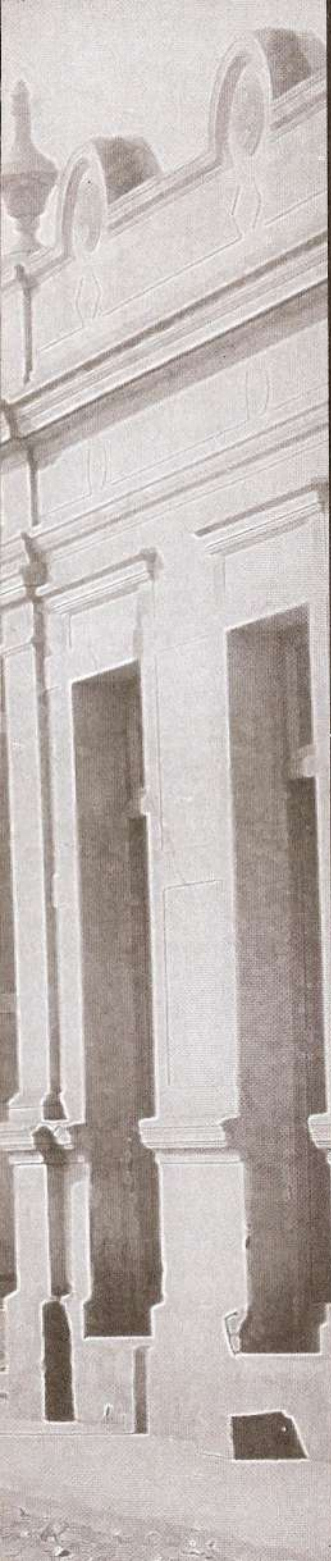
Buscando o aperfeiçoamento técnico, cursou uma especialização médica no Rio de Janeiro, de onde seguiu para residir em Carmo do Paranaíba. Ali clinicou e exerceu, interinamente, a função de Promotor de Justiça. De volta a Araxá retornou à Santa Casa convidado pelo Dr. Pedro Pezzuti. Paralelamente, foi médico sanitarista nomeado pelo governo estadual, alcançando a chefia do Centro de Saúde da Unidade Sanitária de Araxá, função que exerceu até encerrar suas atividades profissionais.

Na década de 50 foi designado para exercer, interinamente, as funções de Diretor Médico das *Termas do Araxá*. Trabalhou no “Instituto de Radiologia Dr. Armando Zema” — órgão precursor do centro de radiologia hoje pertencente à Santa Casa — onde permaneceu atuando, mesmo depois de aposentado.

Dos seus tempos de estudante até à maturidade, costumava expressar os dons literários em versos e trovas. Do acervo legado à família constam também outros trabalhos de sua autoria, escritos de próprio punho, com o fim de proferir palestras que tratavam de temas como puericultura, parto sem dor, fisioterapia, infância e sobre sua experiência à frente das Termas.

Ao lado desses documentos está registrada sua condição de aviador, como aluno do *Aero Club* de Araxá. Há, também, dentre tantos outros, um diploma de Honra ao Mérito pelos serviços prestados à Santa Casa de Misericórdia de Araxá, orgulho de sua mulher, Dora de Oliveira, dos 6 filhos: César, Dora, Gilda, Zuleika, Ana Lúcia e Alexandre e dos seus doze netos.

Cursilhista, acompanhou durante muitos anos a romaria à antiga *Água Suja*, como médico e como católico devoto de Nossa Senhora d’Abadia.



GIL DUMONT

(1909 – 1989)

Filho de Alexandre Ribeiro Dumont e Percília Porfírio Dumont, seus pais filiam-se a duas das antigas famílias aqui radicadas. Sua ascendência paterna tem origem francesa sendo que sua avó, Francisca Honorata Dumont, era prima em primeiro grau de Santos Dumont, o “pai da aviação”. Pela linha materna, descende do ramo de José Porfírio Alvares Machado, o Capitão José Porfírio, de quem era bisneto.

Ainda criança mudou-se com a família para Perdizes onde se casou com Altair de Melo. O casal teve 3 filhos: Maria Aparecida, Malvina e Edmar.

O retorno a Araxá aconteceu em 1940, quando chegou para trabalhar com seu irmão, Omar, na *Casa Bancária Omar Dumont*. Naquele momento, Araxá vivia a expectativa da conclusão das obras do Parque do Barreiro antevendo a dinamização do turismo e de outros setores da sua economia.

Dessa forma mostrou um perfil empreendedor e, ao lado de Omar, participou da criação e direção do *Banco Dumont*, oriundo da *Casa Bancária*. O Banco foi, pois, uma instituição genuinamente araxaense. De 1955, quando foi criado, a 1969, quando ocorreu a venda do seu controle acionário ao Banco de Minas Gerais, pulsou o crescimento econômico de Araxá. Foi o suporte da classe ruralista e dos pequenos empresários que, como os *Dumont*, acreditavam na vida produtiva de Araxá e no seu crescimento urbano.

O nome de Gil Dumont ficou impresso em outras áreas além da financeira. Em sociedade com o irmão, Jaime, fundou, na antiga rua Boa Vista, a *Drogaria Dumont*, que se firmou como referência comercial e farmacêutica.

No ramo imobiliário lançou o loteamento *Santa Terezinha* e, posteriormente, inovou mais uma vez, ao construir um dos primeiros prédios de apartamentos para aluguel, o *Edifício Gil Dumont*. Este compôs o cenário da nossa principal rua, representando um marco na alteração da paisagem central da cidade.

Na visão da família, ele foi um homem que “não limitou sua fé aos momentos passados na igreja, mas expressou seu cristianismo no trabalho social”. Assim, buscou soluções e atenuou conflitos, cumprindo seu papel social sem que para tanto necessitasse de cargos públicos.

Silenciosamente colaborou, de maneira intensa, na construção do *Lar Santa Terezinha*, especialmente na sua capela. Por longos anos assistiu as crianças e as religiosas daquele orfanato, oferecendo-lhes apoio espiritual e material. Durante as festas natalinas fazia chegar o seu carinho, em forma de presentes, a cada criança que ali vivia.

Dividiu seu tempo entre o trabalho, a família e a religião. Discreto e avesso à ostentação, mas bem-humorado e sociável, tornou-se um freqüentador diário do Clube Araxá. Ali mantinha a convivência com os inúmeros amigos e a integração com a vida da sua terra que tanto amou.



HERMENEGILDO CONTATO JÚNIOR

(EURIDES)

(1926 – 2000)

Paulista, natural de Cravinhos, era filho de Hermenegildo Contato — imigrante italiano — e de Eugênia Tonioli, brasileira de origem também italiana.

Sua família residia em Ribeirão Preto onde passou a infância ao lado dos irmãos: Cláudio, Lídia, Nelson, Ivo, Maria e Doraci. Um convite de Luiz Samartano ao seu pai, panificador, para trabalhar na Panificadora e Confeitaria Central trouxe os Contato para Araxá em 1933.

Aqui, a família que já era numerosa cresceu, ainda mais, com o nascimento de Denise, Terezinha e José Carlos, todos araxaenses.

Eurides ou Hermenegildo Júnior são nomes que se referem ao mesmo cidadão. Batizado como Eurides e assim chamado pelos familiares e amigos, deparou-se com uma grande surpresa durante a fase de alistamento militar. O registro civil de nascimento, trazido de sua cidade natal, revelou o seu nome oficial: Hermenegildo Contato Júnior.

Assim Eurides e Hermenegildo foram simultaneamente, duas referências pelas quais era identificado.

Eurides foi o nome adotado também no mundo do futebol. Entre 1938 e 1945, com o irmão Ivo, começou a jogar bola pela equipe do *Tiradentes Futebol Clube* sob o comando de Benjamim Assunção, o *Bejo*. Depois jogou no *Najá Futebol Clube* a convite de Nonô Afonso. Como jogador do time *najaense*, certo dia reforçou a zaga do *Ipiranga*, atuando ao lado de Suim. Este fato fez com que fosse punido pelo técnico do *Najá* com uma suspensão e, a partir daí, decidiu por jogar ao lado dos ipiranguenses e não mais retornar ao time anterior.

De sua vida profissional constaram as experiências obtidas em estabelecimentos comerciais como a *Fábrica de Bebidas Araxá*, o *Bar Califórnia*, a torrefação e moagem do *Café Contato*, a *Padaria e Confeitaria Central*. Foi atendente de bar, sorveteiro e padeiro. Preservando a tradição herdada dos pais, em especial, e das raízes familiares oriundas da Itália, ele e seu irmão Ivo fundaram a Padaria e Confeitaria Contato que se manteve em funcionamento até 1986.

Rotaryano atuante, chegou a assumir a presidência desse clube de serviço, bem como cargos na direção do *Araxá Esporte Clube* e da *Associação Comercial e Industrial de Araxá*. Diante dos vários papéis que assumiu na comunidade, a Câmara Municipal de Araxá reconheceu-o como um cidadão araxaense.

Casado com Brígida Costa formou uma família composta por 5 filhos: Cláudio, Nilza, Neuza, Maria Abadia e Márcio. A eles transmitiu hábitos e tradições herdadas da cultura italiana como a alimentação e os valores do trabalho, da fé e da caridade.



JOÃO CECÍLIO DAMASCENO

(1859 – 1945)

THEOTÔNIO DAMASCENO MACHADO

(1889) – (1939)

ANTENOR DAMASCENO MACHADO

(1894) - 1981

Três nomes que remetem invariavelmente à tradição musical presente em Araxá: JOÃO CECÍLIO, o pai, THEOTÔNIO e ANTENOR, dois dos seus filhos, foram músicos que fizeram dos seus talentos um ofício.

O primeiro membro da família *Damasceno Machado* veio para Araxá procedente de São João del-Rei, ainda no século XIX. Chamava-se Fernandes de Jesus. Desse casamento nasceram 6 filhos araxaenses: Carlota, Marica, Cassiano, Maria, Bárbara e o músico João Cecílio.

JOÃO CECÍLIO DAMASCENO foi ainda ourives e relojoeiro. Popularizou-se também como porteiro do antigo *Grupo Escolar Delfim Moreira*. Fazendo serenatas com o amigo *Candola* ou compondo valsas e dobrados com o músico Gusmão Porfírio de Azevedo, fez da sua casa um ambiente de música constante.

Seus 4 filhos, nascidos do casamento com Anna Rita, preservaram os dons herdados do pai: Anna tocava e ensinava violão, Wilmar foi ourives e relojoeiro, enquanto Theotônio e Antenor notabilizaram-se como músicos.

THEOTÔNIO DAMASCENO MACHADO foi membro da *Banda Santa Cecília* e, mais tarde, regente da *Banda Lira Araxaense*. Tocava clarineta, baixo, bombardino e violão. Assim como o pai e o irmão Wilmar exerceu também a profissão de relojoeiro. Casado com Anna Augusta da Conceição teve os filhos: Joanna, José, Walter, Benedito, Waldete, Geraldo, João Augusto, Fausto e Maria Abadia.

ANTENOR DAMASCENO MACHADO, solteiro, viveu para a música e através dela tornou-se conhecido da população e por ela admirado. Versátil, desempenhava habilmente o domínio de instrumentos como violão, bandolim, violino, piano, baixo, bombardino e outros, de sopro. Integrou a Banda Santa Cecília e foi seu regente por longo tempo. Da mesma forma que seu irmão Theotônio, compôs dobrados e valsas.

A herança musical transmitida entre os *Damasceno* mantém-se viva na geração presente. Alguns bisnetos de THEOTÔNIO e, portanto, descendentes de JOÃO CECÍLIO seguem, hoje, o mesmo caminho da música.



JOÃO JACQUES HENRI MONTANDON
(SENADOR MONTANDON)

(1872 - 1964)

Político, farmacêutico, agrônomo, fazendeiro e jornalista, nasceu em Bagagem, atual Estrela do Sul, no período em que seus pais, o araxaense Dr. Eduardo Augusto Montandon e sua mulher, Brasilina Gonçalves, viviam naquela cidade mineira.

Ele foi o sexto dentre os dezesseis irmãos Montandon: Augusto Eduardo, Albina, Antônio Ami, Anna Augusta, Alexandrina, Perciliana, Eduardo, Heitor, Maria Augusta, José Augusto, Joaquim Augusto, Brasilina, Josephina, Henriqueta, Sancho e Alfredo. Foi casado com Zulmira Tito e embora não tenham tido filhos legítimos, criaram, como tal, a sobrinha Maria de Lourdes Montandon, a *Nenê do Jacques*.

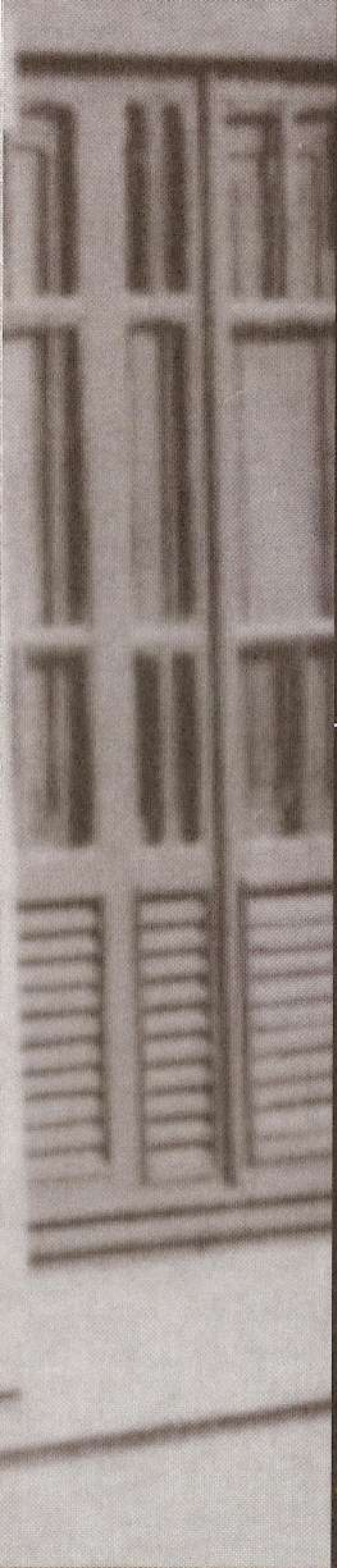
Depois de completar os estudos em Ouro Preto onde se formou em Farmácia e Agronomia, fixou residência em Araxá. Adquiriu uma farmácia, trabalhou como agrônomo e enveredou pelo mundo dos negócios participando como sócio de algumas empresas. Estas introduziram serviços inovadores nas primeiras décadas do século XX, inclusive realizando melhoramentos no Barreiro.

Em sua homenagem uma das principais vias de Araxá passou a chamar-se avenida *Senador Montandon*. Isso porque ele desempenhou, por várias legislaturas, a função referente à cadeira de deputado na Assembléia Estadual, então denominada Senado Mineiro. Na verdade, sua atuação política assumiu uma dimensão que avançou os nossos limites geográficos e, principalmente, provocou mudanças no cotidiano da população.

Durante a transição do Império para a República, ingressou na política local como vereador. Em 1904 liderou um grupo de oposição ao Coronel Adolpho, formando uma espécie de facção que se denominou *Jacquista*. Arregimentando forças, fundando e presidindo partidos locais, nomeando prefeitos e administradores dividiu com os líderes *Ferreiristas* o domínio da cena político-administrativa de Araxá durante meio século.

Como senador estadual assumiu as legislaturas do período entre 1919 e 1930, tendo presidido o Senado nos dois últimos anos de mandato. Colaborou com o governo nos preparativos da revolução de 1930 na região do Triângulo Mineiro. Em 1932 recrutou voluntários para atuarem contra os revolucionários paulistas. Foi Deputado Federal na Constituinte de 1933 e na legislatura seguinte, quando ocupou a vaga de Benedito Valadares que assumia, então, o governo de Minas Gerais.

Dentro do seu projeto político criou a primeira versão do *Correio de Araxá*, em 1913. Em circulação durante muito tempo, este jornal expunha as idéias dos *Jacquistas*. A prefeitura de Araxá foi um sonho antigo que se realizou entre 1950 e 1951. Mesmo depois de afastar-se da vida pública, manteve vivo o prestígio conquistado. Dentre as célebres atitudes que lhe são atribuídas está a de dizer aos seus correligionários que quando não se está satisfeito com o governo, usa-se o voto para derrubá-lo.



JOÃO PRETO

(1877, aproximadamente – 1967)

João Preto, agora, é o nome de uma caninha fabricada em nossa cidade. João Preto, agora é o retrato pintado e doado ao Museu Dona Beja por Paulo Miranda, jovem e promissor artista araxaense. João Preto, agora, é lembrança, folclore, peça preciosa na coleção de figuras pitorescas. E mais: êsse negro zureta embarcou na saudade de cada um de nós.

Assim o poeta Vander de Castro Alves registrou a morte desse *tipo popular* que cotidianamente circulava pela cidade. Ao falecer, João Preto mereceu, também, crônicas publicadas na imprensa por Façal Tannús e pela escritora Maria Santos Teixeira.

Nossos escritores descreveram os seus traços pessoais, invariavelmente definidos como o de um homem que perambulava pelas ruas, simulava o cheiro da cachaça ingerida com um copo de leite ou, então, tornava-se falante e corajoso. A *"coragem fictícia"* era demonstrada aos policiais a quem declarava guerra e dirigia *"inofensivo xingatório"*. Perto deles curvava-se fazendo-lhes reverência e pedindo-lhes a bênção.

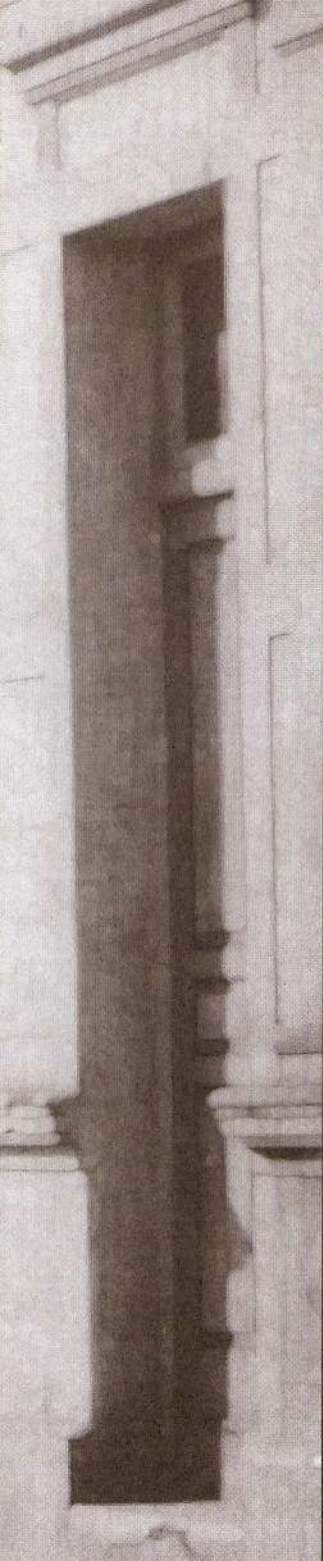
O *"medo pueril"* que sentia dos soldados repetia-se em relação às onças e aos lobos que povoavam suas visões.

Seu comportamento transformava-se ao ouvir a frase: *"Todo negro mau tem um mancado"*. Mancava, então, incessantemente, impressionando pela seriedade que o seu semblante assumia.

Atraindo a atenção das crianças — suas fiéis admiradoras — estendia os braços magros em direção às nuvens, fazendo o sinal da cruz repetidamente. Benzia as chuvas pronunciando palavras incompreensíveis.

Vestia-se com um *"grande paletó poído e descorado"*, *"velhas calças curtas e apertadas"*. Na cabeça, protegia-se com *"o velho chapéu guarnecido de flôres presas na fita desfiada"*.

Durante 40 anos ele residiu na casa da família Leime onde a presença do chefe Elias imprimia-lhe respeito. Diz a tradição popular que sua infância, como escravo, fora vivida na fazenda do Barão Veríssimo onde ele e o sobrinho do fazendeiro teriam sofrido um acidente no alambique incendiado. A fatalidade teria tirado a vida do seu companheiro. Quanto a João Preto permitiu-lhe livrar-se do fogo em um rio próximo, destinando-lhe uma vida longa. *"Volta e meia, lá vinha êle com intermináveis e confusos episódios da escravidão. Nunca se viu um menino durar tantos anos assim"*.



JOÃO SENNA |
(1903 – 1962)

Muitos o chamavam de João de Senna mas, na verdade, no seu nome não constava a preposição “de”. Filho de Astolfo Senna Ferreira e Maria Alves Barcelos, nasceu na cidade mineira de Cruzeiro da Fortaleza. Depois de ficar órfão de pai e mãe, foi trazido para Araxá pela tia e madrinha Flavina Alves Barcelos que o criou até os 15 anos. cursou o primário no “Delfim Moreira” e, após ter deixado a casa de sua tia, foi morar e trabalhar na *Casa Síria*, loja de Manoel Galdino. Depois, empregou-se na *Casa Mineira* onde também passou a residir.

Casado com Maria Alves teve uma única filha, Maria das Dores Senna Oliveira, que lhe deu 5 netos.

Com o respaldo do primo, Osório Barcelos, e do tio de sua mulher, Argeu Alves da Costa, abriu o seu primeiro negócio. Era o *Armazém João Senna* no largo de São Sebastião que, nos anos 30 e 40, se constituiu em um dos maiores estabelecimentos de Araxá no ramo de gêneros alimentícios e combustíveis.

Durante a escassez de produtos verificada na 2ª Guerra Mundial, colocou sua experiência profissional em ação. Esta, aliada ao espírito empreendedor e irrequieto, o fez superar a crise e dela sair mais fortalecido como comerciante.

Apaixonado por futebol, foi membro ativo e presidente da *Associação Esportiva Araxaense*. Participou de inúmeras iniciativas de estímulo ao esporte e, na década de 50, presidiu por duas vezes o *Najá Futebol Clube*.

Sempre se envolveu em campanhas de assistência social. Nos anos 40 fez parte da comissão para angariar fundos a fim de concluir a Igreja Matriz de São Domingos. Atuou como membro do Conselho Deliberativo da ACIA, entidade de classe que veio a presidir na década seguinte.

Mesmo tendo concluído apenas o curso primário, teve a leitura como hábito constante e, através dela, procurou estar bem informado sobre todos os assuntos.

Suas características pessoais o conduziram, inevitavelmente, à prática política. Nesse âmbito seu nome já consta, desde 1936, como candidato a vereador pelo *Partido Progressista* liderado pelo Dr. João Jacques Montandon. Nos anos 50 assumiu a suplência na Câmara Municipal pela bancada PSD-UDN e, posteriormente, foi eleito vereador pelo PSD. Liderou os *pessedistas* nesta legislatura e apresentou projetos nas áreas de saneamento básico, educação, trânsito, transportes, funcionalismo público, tributação, lazer e diversões.

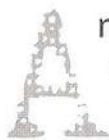
Na década seguinte foi eleito e reeleito presidente da Câmara. O exercício do cargo foi interrompido em decorrência do agravamento do seu estado de saúde, seguido de seu falecimento, em novembro de 1962.

A reunião ordinária da Câmara Municipal de Araxá do dia 20/11/1962 constou de uma sessão em homenagem ao seu ex-presidente. Em seguida ao voto de pesar foi apresentado o projeto que denominou “Av. Vereador João Senna” a antiga Av. Marechal Floriano.



JOSÉ AFFONSO TEIXEIRA

(1907 – 1985)



Araxaense, tem sua origem nas famílias Ávila e Teixeira, ambas responsáveis, dentre outras, pela fundação de Araxá, a partir do final do século XVIII. Seus pais, Antônio Affonso Teixeira e Anna Cândida de Ávila, pertencem a estes antigos ramos familiares, ligados à terra por forte tradição rural.

Pela linha materna descende de Mariano Joaquim de Ávila, uma das grandes lideranças políticas locais no tempo do Império e o primeiro presidente da Câmara Municipal de Araxá, instalada em 1833.

Durante a infância vivida na *Fazenda Boa Vista*, propriedade da família, assimilou as formas de criação de gado, de cultivo do arroz, milho e feijão e de produção de queijos, doces, farinhas e polvilhos.

Este aprendizado garantiu-lhe o êxito no trato com as atividades rurais quando, mais tarde, herdou da mãe, viúva, a *Fazenda São José*, patrimônio desmembrado da *Boa Vista*.

Suas experiências pessoais foram enriquecidas pela fase em que viveu como estudante, em São Paulo. Depois de cursar os primeiros anos escolares em Araxá, foi aluno interno de conceituada escola na capital paulista, oportunidade propiciada por iniciativa e interferência de sua mãe.

Casado com Theodora de Resende, também araxaense, incentivou-a freqüentemente a plantar mandioca para fabricar farinha e polvilho, produtos que hoje são reconhecidos pela excelente qualidade e pela forte identificação com o nome Araxá.

Entre as residências da fazenda e da cidade, na antiga Rua Boa Vista criou os 8 filhos: Manfredo, Mercedes, Myriam, Moema, Múcio, Eliana e as gêmeas Mara e Cornélia.

Como agropecuarista integrou o quadro de sócios da Associação Ruralista do Alto Paranaíba – ARAP – e da Cooperativa Agropecuária de Araxá – CAPAL. Como cidadão sensível às causas sociais, fez doações esporádicas ao Asilo São Vicente e a outras entidades. Contudo, na área da assistência social, a condição de sócio-fundador do *Hospital Regional Dom Bosco* foi a que lhe proporcionou maior realização pessoal.



JOSÉ NATAL
(1902 – 1962)

Sacramentano, primeiro filho de Eulógio Natal e Rescenvinda Oliveira Natal, teve uma infância feliz, usufruindo as brincadeiras e a experiência como aluno do grupo escolar.

Aos 17 anos, viu ser alterada a rota de sua vida tranqüila. Com a morte de sua mãe e o segundo casamento de seu pai, deixou o conforto e a estabilidade familiares para tentar a própria sobrevivência.

Chegou a Araxá em 1921, sozinho, para trabalhar como motorista na recém-criada firma do italiano Domingos Zema que, anteriormente, residira em Sacramento, berço da amizade entre as famílias Zema e Natal.

Seguindo um caminho próprio, permeado por muito trabalho e determinação, estabeleceu-se como comerciante. A antiga rua Quintino Bocaiúva, hoje rua Calimério Guimarães, foi o cenário da sua atuação como proprietário de um armazém de secos e molhados.

Esta mesma rua havia proporcionado o encontro com a futura mulher, Maria Tereza Guimarães, filha do italiano José Caputo, ou melhor, José Guimarães e de D. Ambrosina. Com ela se casou, solidificando as raízes araxaenses através dos 5 filhos do casal: Cora, Martha, Margarida, Terezinha e Walter.

De religião espírita, sobrinho do espiritualista Eurípedes Barsanulfo, foi um homem generoso que ofereceu oportunidade de emprego a muitos e reuniu um grande número de amigos. Dono de uma personalidade séria e severa, porém mesclada de bom humor, apreciava uma mesa farta e boa e possuía um gosto especial por esportes. Coube ao seu único filho, Walter, manter a tradição herdada do pai e também cultivada com veia cômica, quer seja na condição de comerciante bem sucedido no mesmo ramo de negócios do pai, quer seja como esportista consagrado na história do nosso futebol.



JOSÉ PEREIRA BORGES

(JUCA PEREIRA)

(1900 – 1988)

Filho de João Pereira de Resende e Ethelvina Borges de Resende, Juca Pereira reúne em suas raízes paternas e maternas alguns dos expressivos ramos familiares de Araxá.

Durante a infância vivida na fazenda, absorveu as lições sobre a lida no campo, sobre os segredos do universo rural e recebeu as primeiras letras através do professor Getúlio França, especialmente convocado para a alfabetização dele e dos irmãos.

Prosseguiu os estudos no Colégio Marista Diocesano de Uberaba. De volta à terra natal, assumiu a *Fazenda Lagoa Seca*, propriedade adquirida por seu pai e cujas terras são preservadas, ainda hoje, entre a família.

Em 1925 casou-se com Cecília Porfírio de Azevedo, filha de Maria Dolores e do Maestro Elias Porfírio de Azevedo, com quem formou “dezesseis diferentes histórias de seus dezesseis filhos”: José Rubens, Cecília Beatriz, Paulo César, Aloísio Renato, Margarida Maria, Danilo André, Ronaldo Alencar, Maria José, Ana Maria, Marcos Roberto, Maria Elena, Maria Alice, Ricardo Wagner, Vítor Hugo, Leda Maria e Maria Virgínia.

Sob a orientação do pai e com a colaboração dos agregados rurais abriu caminhos entre a fazenda e a cidade, construindo uma estrada de rodagem. “Exímio marceneiro, cuidava da manutenção das casas, currais e cercas da *Lagoa Seca*. Habilidoso artesão, fabricava sedéns, correias, laços, porteiras e até a engenhoca para converter a cana de açúcar em garapa”.

O contato estreito com a paisagem rural transformou-o em um profundo conhecedor da geografia regional e, com isso, um ferrenho defensor dos chapadões, das serras e de tantas outras riquezas naturais.

A liderança exercida espontaneamente na comunidade rural foi decorrência do gosto em servir. Frequentemente era solicitado para transportar doentes e ou médicos, por ser o único a possuir caminhão nas redondezas da fazenda. Realizava benzeduras em pessoas acometidas por cobreiro, tal qual exigia o ritual dessa tradição. Religioso e atento às questões sociais, dedicou-se à obra assistencial do Asilo São Vicente ocupando, inclusive, a presidência da instituição. Para amenizar a rotina diária, costumava exercitar o talento de contar casos, encenando com perfeição os protagonistas de suas histórias.



JOSÉ PORFÍRIO FERREIRA
(JUQUINHA GALDINO)

(1893 – 1971)

Conhecido como *Juquinha Galdino*, era filho do segundo casamento de seu pai, Galdino José Ferreira com Anna Porfírio da Rocha e Silva, a *Sianinha*, que vivia, então, o seu terceiro matrimônio. Essa prática era comum na sociedade da época e deu origem a um forte entrelaçamento entre as famílias que assim cresciam progressivamente, contribuindo para o aumento populacional.

Seus antepassados, pela linha materna, estão entre os primeiros moradores de Araxá. O tetravô, José da Silva Botelho, chegou de Oliveira com os irmãos e os filhos para se estabelecerem em terras de sesmaria que lhes foram concedidas no lugar denominado *Fundo da Mandioca*. O avô materno, Capitão José Porfírio Álvares Machado, esteve à frente dos voluntários de Araxá que lutaram na Guerra do Paraguai. O Capitão José Porfírio foi político, membro-fundador da primeira loja maçônica local e liderou diversas iniciativas na comunidade, entre elas, a fundação do Centro Católico de Araxá (1914) e a criação do primeiro teatro existente na cidade (1891).

Procedente de Conquista-MG, Galdino, seu pai, estabeleceu-se no comércio de gêneros alimentícios e chegou a ser proprietário do mesmo teatro local que, mais tarde, funcionou como cinema. Sua mãe, por sua vez, foi pioneira na produção de doces caseiros, atividade ainda preservada com sucesso por seus descendentes que comercializam o produto e com isso divulgam intensamente o nome de Araxá.

O menino Juquinha estudou com professores particulares como José Bento de Oliveira Coelho e Leão Coelho de Almeida que, no passado, alfabetizaram a maioria das crianças araxaenses. Adepto da leitura e da música clássica, gostava de ler jornais e dicionários, falava francês e possuía noções musicais.

Profissionalmente percorreu vários caminhos que comprovam sua capacidade de trabalho e dinamismo. O primeiro emprego foi no açougue de seu irmão, o Maestro Elias Porfírio de Azevedo. Foi escrivão do Fórum e Guarda-Livros do Cartório local. Foi também proprietário de um armazém de secos e molhados em Ibiá e, posteriormente, agropecuarista, dono das Fazendas da Mata, da Mandioca e da Serra.

Seguindo uma tendência familiar às atividades de lazer e cultura, dedicou-se a empreendimentos importantes como a aquisição do *Cine Capitólio* — situado na antiga rua do Comércio — e a do *Grande Hotel de Araxá*, na Av. Imbiara, exatamente no lugar do atual prédio do Colégio Dom Bosco. Este hotel representou um grande avanço para Araxá inserir-se na condição de estância hidromineral.

Foi casado com Mariana de Ávila, a *D. Fiica*, filha de Tibúrcio Joaquim de Ávila e Thereza Thomázia de Jesus, com quem teve 5 filhos: Aston, Antônio, Paulo, José e Marcos.



JOSÉ PRIMO DE MELLO

(JUCA PRIMO)

(1883 - 1951)

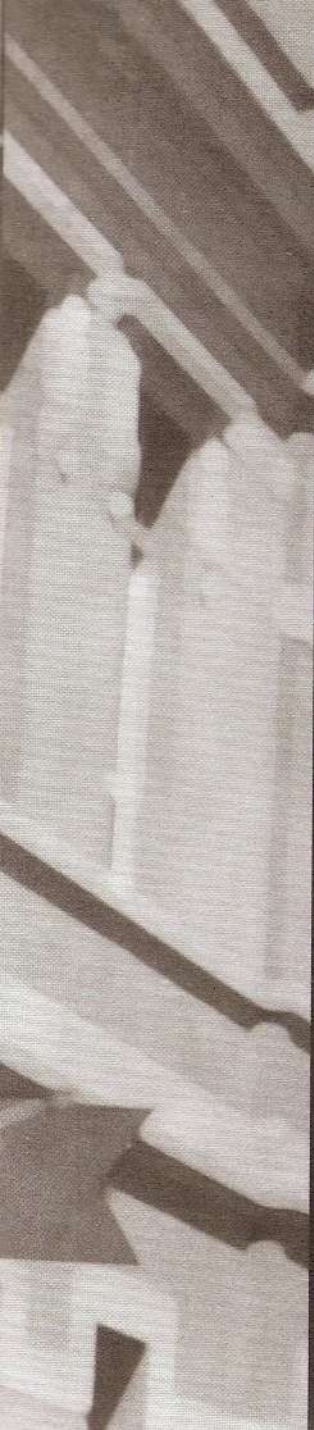
Embora fosse nascido em Bom Despacho, Minas Gerais, amou Araxá como se esta fosse a sua terra. Desde que aqui chegou em 1940, tornou-se, definitivamente, um legítimo araxaense.

Antes, porém, passou parte de sua vida em Santo Antônio do Monte onde a família residiu após a morte de seu pai, José Primo Correa de Mello, e o novo casamento de sua mãe, Francisca Luísa Gontijo de Mello.

Casou-se, aos 21 anos, com Maria Luísa de Oliveira (Maricota) que com ele compartilhou o sonho de deixar as raízes próprias para viver uma nova experiência em Araxá. Eles tiveram 12 filhos dos quais 3 faleceram ainda criança. Os outros são Djanira Luísa, Teresa Luísa, Alzira Luísa, Dinorah Luísa, José Primo Jr. (Nonô), Walter, Francisco (Neném), Maria Luísa e Vera Iolanda Luísa.

Ainda jovem e dotado de sensibilidade musical, integrou a orquestra de Santo Antônio do Monte, tocando requinta. Profissionalmente atuou como dentista prático, Juiz de Paz, comerciante e fazendeiro. Foi como proprietário e criador que dirigiu seu olhar para Araxá, atraído por triplo motivo: a criação de gado zebu, o poder de cura da água sulfurosa do Barreiro e a hospitalidade dos araxaenses.

Carismático, carinhoso e firme nas decisões, trilhou seu caminho de fazendeiro com êxito e determinação. Deixou filhos e netos que dele se orgulham intensamente e o seu nome ficou gravado em uma de nossas ruas centrais.



JOSÉ RIOS GUIMARÃES

(1911 – 1991)

No menino que perdeu o pai precocemente e trocou a infância pelo labor, a inocência foi substituída pela responsabilidade de zelar pela mãe e pelas irmãs mais novas, Cédia e Maria.

Filho de Antônio Gonçalves e Adelina Pereira Guimarães, dela recebeu a orientação rigorosa para enfrentar a vida com honradez, coragem e religiosidade. Freqüentou por pouco e disperso tempo a escola disponível na região da *Fazenda Mourão Rachado*, município de Araxá, onde nasceu e foi criado.

Da pequena propriedade da família saía para negociar as poucas cabeças de gado. Foi carreiro e candeeiro, acompanhando e comandando carros de bois de muitos proprietários rurais.

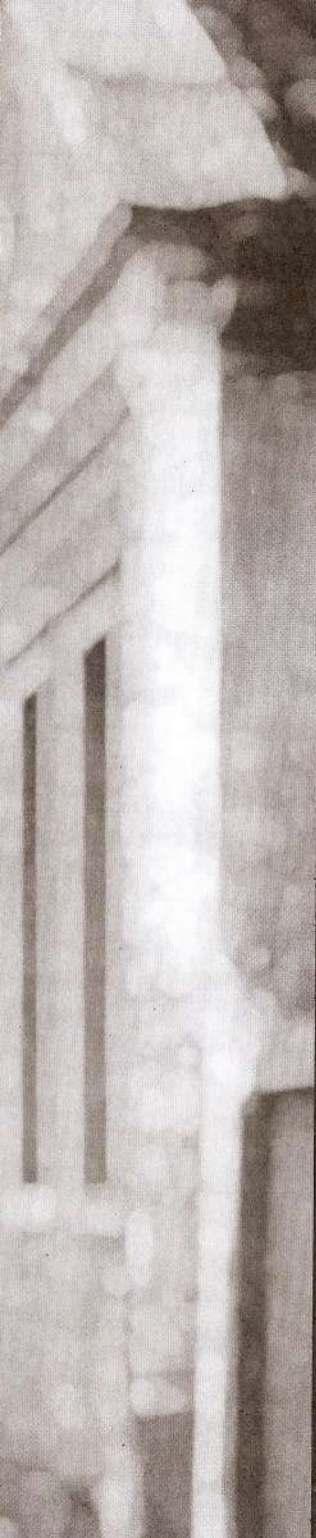
Sem espaço para ser criança e adolescente, superou as dificuldades com inteligência e determinação. De condutor de gado de terceiros na juventude, chegou à maturidade como um agropecuarista vitorioso e respeitado. Proprietário de terras mineiras e baianas, a marca **JR** levou o nome de José Rios e de Araxá para estados do sudeste e do centro-oeste do país.

Como homem de negócios vislumbrou diversas oportunidades, dentre essas, a venda de uma fazenda ao grupo multinacional *Nomurabrás*. Comandou pessoalmente, sozinho, a negociação travada com administradores, advogados, intérpretes, agrônomos e veterinários, representantes do governo japonês.

Adotou para si o preceito de "crescer com Araxá e em Araxá". Por isso decidiu por manter aqui suas atividades na pecuária de corte, recusando-se a transferi-las para centros mais promissores.

Enquanto a lembrança da infância pobre o levou a contribuir com afinco para a manutenção de entidades filantrópicas locais, o perfil de cidadão revelou-se na pluralidade de suas ações comunitárias. Teve decisiva atuação para que a cidade pudesse contar com clubes, associações e fundações, a saber: os Clubes Araxá e Girassol, a Associação dos Ruralistas do Alto Paranaíba, a Cooperativa Agropecuária de Araxá e a Fundação Cultural de Araxá que inaugurou o nosso ensino universitário.

Condecorado em todas as esferas de poder, hoje dá nome a uma histórica alameda, a antiga estrada Araxá-Barreiro. Naquelas paragens, de onde partiu da condição de condutor de gado até chegar a proprietário, ele conheceu a mulher, Geni Zema. Filha de imigrantes italianos, hoteleiros na estância, com ela formou uma família de 3 filhos: Adelina Laura, Edmur Antônio e José Henrique, além de netos e bisnetos.



JOSÉ TOBIAS RIBEIRO DE PAIVA

(1881 – 1948)

Ele nasceu em Alegre, Espírito Santo, filho de Joaquim Tobias Ribeiro de Paiva e Irinéia Leopoldina Ferreira de Aguiar.

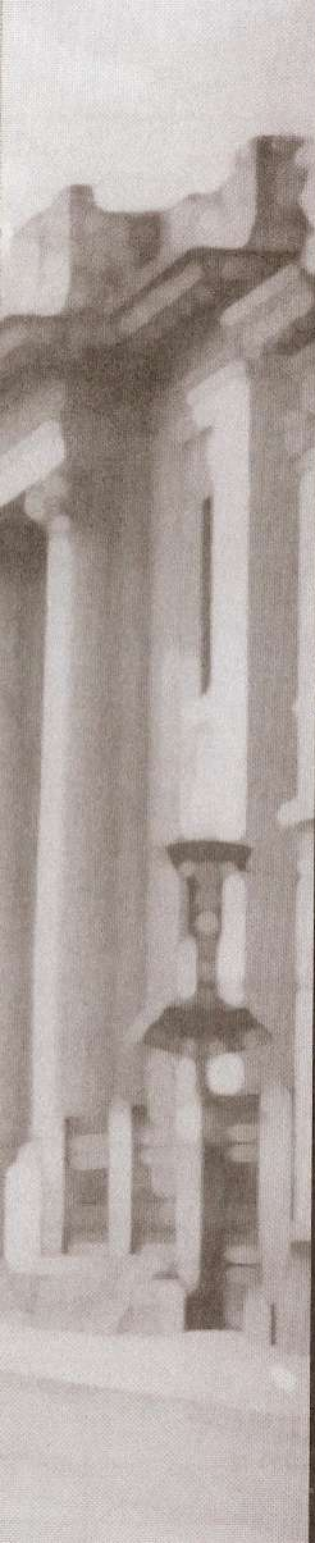
Seus pais têm laços comuns de parentesco que os unem às famílias Ferreira, Paiva e Aguiar. Chegaram a Araxá em 1891, aproximadamente, atraídos pela vida bem-sucedida de muitos membros de suas famílias já estabelecidos na região. Esse motivo foi reforçado pela viuvez de Maria Rita de Aguiar, a *Priminha*, irmã de José Tobias.

Passou parte da infância na fazenda, no atual município de Pedrinópolis, antes Araxá, onde ele e os irmãos fizeram os primeiros estudos, ministrados por professores particulares.

Casado com Maria José de Magalhães, por sua vez, filha do *Capitão Chaves* e de Maria José de Castro Magalhães, teve uma família composta por 9 filhos: Joaquim Tobias, Tobias, Adolfo, Aloísio, Alaor, Maria, Heloísa, Zilda e Margarida.

Assim como dita sua tradição familiar, dedicou-se inteiramente à agropecuária. Proprietário da *Fazenda da Mandioca*, por ele construída, transformou-a em um espaço de produção, mas também de reunião constante do imenso número de parentes. Anualmente comemorava seu aniversário — 18 de dezembro — com missa e cerimônias de casamentos e batizados reunindo amigos e empregados. Estes últimos totalizavam mais de 200 pessoas.

Sua relação próxima com a realidade daqueles que para ele trabalhavam levou-o a criar e encaminhar 32 crianças. Fundou uma escola rural onde mantinha as professoras com salário e moradia. Na cidade, não se furtou a colaborar eficazmente com a Santa Casa de Misericórdia e com o Asilo São Vicente.



JÚLIO FERNANDO DA SILVA

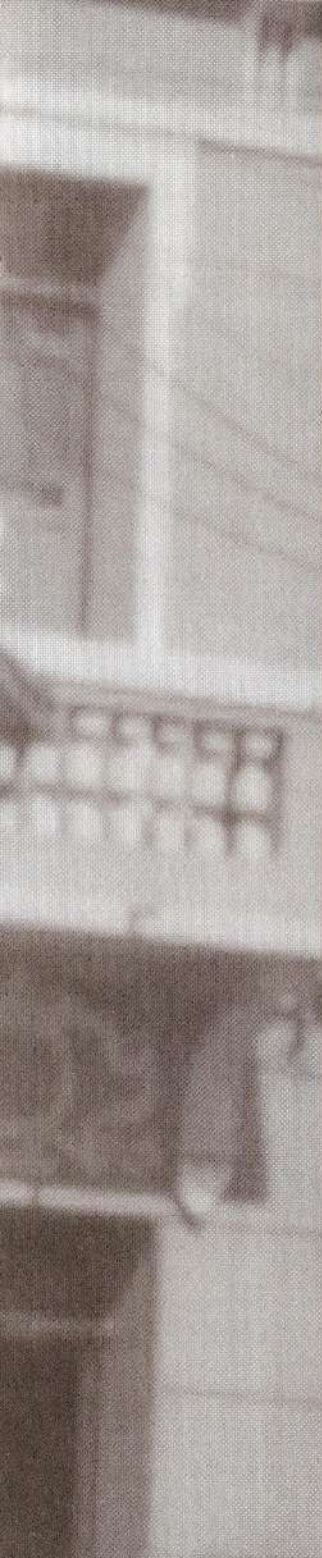
(1917 – 1994)

Natural de Patos de Minas, filho de Rosária e de José Ferraz, chegou a Araxá em 1949. Acompanhando o momento propício ao turismo, veio para trabalhar como músico no Grande Hotel do Barreiro.

O talento musical logo cedo manifestado rendeu-lhe a profissão exercida na vida adulta. Apresentando-se em clubes, hotéis, igrejas e tantos outros lugares e eventos, chegou a formar a *Orquestra Júlio Fernando*. Antes disso, esteve à frente da *Orquestra Laranja*. Esta foi composta graças ao seu trabalho com meninos e meninas do Barreiro e à abnegação do dr. Luis Aranha, freqüentador assíduo da nossa estância, que doou os instrumentos para que fossem ministradas aulas de música às crianças. O nome da orquestra foi uma homenagem dos músicos ao seu benfeitor.

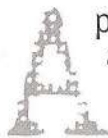
Conhecido na cidade como músico e afinador de piano, representou sua classe como Delegado da Ordem dos Músicos de Minas Gerais.

Casado com Maria José Ribeiro e pai de três filhos, Clério Júlio, Cleusa Luzia e Cleber Júlio, viveu um grande momento quando, nos últimos dias de sua vida, recebeu o título de cidadão araxaense, homenagem concedida pela Câmara Municipal de Araxá



JUVENAL PEREIRA MARQUES

(1895 - 1975)



presença da família Pereira Marques, nesta região, remonta à fase de formação do município araxaense como sede de antigos distritos, a partir do final do século XVIII. Em Guaritas, distrito de São Jerônimo dos Poções, atual município de Carmo do Paranaíba, ou seja, em terras que, no passado, pertenceram a Araxá, nasceu Juvenal, segundo filho do casal de fazendeiros, João Pereira Marques e Josina Pereira Marques.

Ao lado dos irmãos, Elisa, Olímpio, João, Edmundo, Jovino, Sílvia, Aurora, Joviniano, Clarimundo, Olívia, Guiomar, Julieta e Elisena, viveu a infância na fazenda. Estudou com professores particulares que percorriam a zona rural e, ainda menino, tinha o hábito de vir à cidade fazendo companhia ao seu pai. Em 1912 veio sozinho, a negócio, trazendo duzentas arrobas de café para serem vendidas à expressiva firma comercial da época, a Santos & Irmão. Esta viagem representou o início dos contatos mais próximos que a família Pereira Marques manteria com a vida urbana de Araxá, onde seus membros, mais tarde, fincaram raízes.

Mudou-se para Argenita onde se estabeleceu como comerciante de tecidos. Em 1923 transferiu-se, finalmente, para Araxá, instalando-se no mesmo ramo de comércio com a *Casa Brasileira*. Neste momento, seus pais e irmãos mais novos já residiam nesta cidade onde João Pereira Marques abriu uma loja e um armazém de secos e molhados.

Na década de 30 adquiriu o Hotel Glória, aqui fundado anteriormente por seu pai. Este hotel, confortavelmente equipado, possuía pinturas em afresco trabalhadas pelo mestre Pedro Leopoldo, o mesmo que despertou Calmon Barreto para o mundo das artes. O ambiente desse hotel, assim como o dos demais, mesclava a convivência das famílias locais com os hóspedes que vinham de toda parte, fenômeno que contribuiu para conferir a Araxá certos ares cosmopolitas.

Casou-se pela primeira vez com Maria Pereira Borges e teve 3 filhos: Maria, Geralda e Waldemar. Do segundo casamento com Anna Cameiro de Paiva nasceram: Josina, Terezinha, José, Walter, Dalva, Marísia, Wander, Maria Júlia, Marco Antônio, Ana Lúcia e Luís Alberto.

Estendeu suas atividades à política e chegou a assumir interinamente o cargo de Juiz de Paz, mas foi através da religião que expressou sua forte tendência humanitária. Viveu de forma exemplar a condição de membro-irmão do *Santíssimo Sacramento*, função que exigia envolvimento em cerimônias religiosas e um intenso trabalho de ação social. Participou da Irmandade de São Francisco e São Sebastião e a presidiu por longos anos. Uniu-se a alguns companheiros e fundou a Conferência Vicentina de São Sebastião. Para um homem que moldou sua vida nutrindo-se da fé católica, é interessante o fato de ele ter nascido no Dia de Todos os Santos e falecido no dia de Nossa Senhora d'Abadia, de quem era devoto.

O seu sepultamento foi acompanhado por uma infinidade de pessoas que ele assistia material e espiritualmente e por tantas outras as quais tinha curado com suas benzeduras. Hoje, é nome de uma rua no bairro Alvorada.



MARIA RITA DA CRUZ

(1870 – 1955)

Entre os membros da família Cruz conta-se, tradicionalmente, que ela descende de escrava, porém foi nascida em liberdade. Batizada como Maria Rita de Jesus era filha natural, depois legitimada, de Carlos Felipe de Menezes e de Graça Maria de Jesus. Perdeu o pai ainda menina e recebeu uma herança que lhe permitiu adquirir o direito de propriedade sobre a própria mãe, concedendo-lhe a liberdade.

Jamais passou pelos bancos da escola, mas aprendeu a ler, a escrever e a operar cálculos matemáticos que lhe permitiram enfrentar a vida com desenvoltura.

Enquanto residia com a mãe em uma fazenda, conheceu João da Cruz, marceneiro e carpinteiro, com quem se casou e formou uma família de 12 filhos: João, Marieta, Carlos, Abner, Maria, Enéas, Benedita, Firmiana, José, Geralda, Celina e Celuta.

Inicialmente o casal foi proprietário de uma parte de terras em sociedade com amigos. Depois vendeu-a para adquirir uma chácara em área próxima ao atual aeroporto de Araxá, onde a família morou por muito tempo. A mudança para a cidade aconteceu em 1919, quando passaram a residir na casa que o próprio João da Cruz construíra na antiga rua da Raia, hoje Dom José Gaspar.

Em 1925 ela ficou viúva e, para dar continuidade à criação e educação dos filhos, trabalhava como costureira. À noite fazia doces e lingüiças que eram vendidos em armazém.

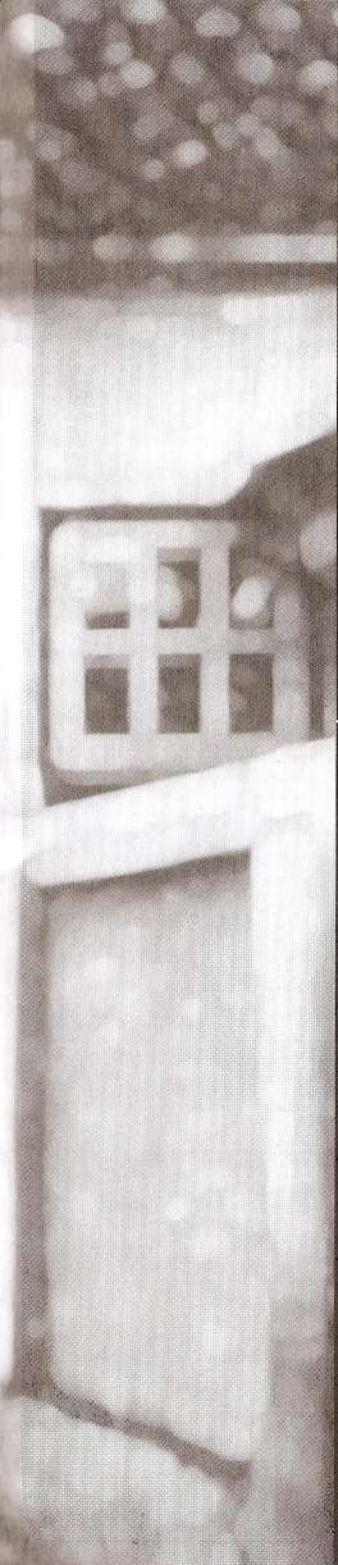
Dominava o ofício e a arte da tecelagem manual praticados em seu tear, especialmente feito pelo marido marceneiro.

Sua história de vida merece ser popularizada, principalmente, em virtude do trabalho social que desenvolveu. Dentro de uma conduta humanitária ditada pela fé católica, serviu à comunidade como benzedeira, enfermeira e parteira.

Conhecedora dos poderes curativos derivados das plantas, foi uma verdadeira adepta da medicina natural. Com chás e banhos, soube combater doenças em adultos e crianças, amigos e desconhecidos, mendigos e doutores. Para munir-se de plantas medicinais, caminhava por pastos e margens dos córregos da redondeza. Levava uma enxada ao ombro e, quase sempre, um ou outro filho como companhia.

Não raro, parte de sua casa transformava-se em enfermaria onde — sob seus cuidados e a pedido dos médicos — pacientes aguardavam o momento de serem atendidos ou, então, internados na Santa Casa de Misericórdia.

Ela formou uma família numerosa, composta por filhos, genros, noras e 30 netos. No trabalho comunitário, seu filho Enéas — irmão-mesário e administrador voluntário do Asilo São Vicente de Paulo e membro da Irmandade do Santíssimo Sacramento — foi seu fiel herdeiro e sucessor. A capacidade de manter a família unida e de transmitir a tradição católica são hábitos preservados por seus descendentes.



MARIA SANTOS TEIXEIRA

(1915 – 2000)

Araxá tem produzido grandes escritores. Entre eles certamente está Maria Santos Teixeira. Esta criativa escritora araxaense, filha de Teófilo Ferreira dos Santos e de Alice Ribeiro Montandon dos Santos, escreveu romances, poesias, crônicas e contos, totalizando seis livros publicados.

Seu pai era comerciante e sócio-proprietário da tradicional *Casa Santos & Irmão*. Aos nove anos perdeu sua mãe e foi estudar no internato do Colégio Nossa Senhora de Oliveira, em Oliveira-MG. Ali se formou no magistério e teve os primeiros conhecimentos artísticos, aprendendo a tocar piano e iniciando-se na arte da pintura.

Voltando para Araxá tornou-se professora do Grupo Escolar Delfim Moreira, profissão que exerceria por dez anos.

Em 1937 casou-se com Tibúrcio Afonso Teixeira, médico, e teve cinco filhos: Ana Alice, Antônio Leonardo, Marcílio Leonardo, Maria Leonor e Vitor Leonardo.

Afastando-se de suas atividades na cidade, o casal transferiu residência para a fazenda. Nesta fase trabalhou com a alfabetização de crianças e adultos da zona rural e iniciou a sua produção literária.

Seu primeiro livro publicado foi um romance intitulado “O Escravo Branco” cujo enredo transcorria durante o período do regime escravista. Segundo a própria autora, em sua nota introdutória, desde menina fora atraída por tudo o que envolvia o tema escravidão e, tendo convivido com ex-escravos, desenvolveu sua narrativa entre lembranças de personagens reais e fictícios. Esta história foi adaptada pela escritora Ivani Ribeiro para uma rádio-novela lançada em 1962.

Seguiu sua obra publicando “O Solar de Dona Beja”, “Retalhos que o Tempo Deixou”, “A Cantiga do Carro”, “O Rouxinol” e “Minhas Emoções”. Entre romances e contos de cunho regionalista, descreveu um painel da vida do sertanejo do interior de Minas Gerais, baseando-se principalmente em sua própria vivência no campo.

Com forte formação cristã, recebida da família e nos tempos de internato, participou dos trabalhos da pastoral de assistência à população carente e deu cursos de iniciação religiosa, de batismo, de noivos e de primeira comunhão.

Foi membro da Academia Araxaense de Letras, da Academia Municipalista de Minas Gerais e patrona da Biblioteca da Escola Estadual Luiza de Oliveira Faria.



MÁRIO CECÍLIO SALOMÃO (DR.)

(1918 - 1987)

Passa a denominar-se *Dr. Mário Cecílio Salomão o Posto de Saúde situado (...) no Bairro Santa Luzia nesta cidade*. Assim determina uma lei municipal que reconhece o trabalho do clínico geral, cirurgião e cardiologista, em benefício dos seus conterrâneos.

Filho dos imigrantes árabes — Cecílio José Salomão e Felícia Salomão — estudou no “Delfim Moreira”, integrou a primeira turma de formandos do antigo *Ginásio Dom Bosco* e colou grau em medicina, pela UFMG.

Trabalhou como médico da Santa Casa de Misericórdia durante mais de duas décadas, assumindo a sua direção por 4 anos. Prestou assistência médica também ao DER, ao Tiro de Guerra, ao INPS, atendeu a população carente a qualquer hora do dia, e seu nome consta como um dos fundadores do *Hospital Regional Dom Bosco*.

A liderança conquistada junto à comunidade extrapolou os limites tênues da sua profissão com a busca do bem-estar coletivo. Fundou a *Associação dos Alcoólicos Anônimos de Araxá*. *Rotaryano* convicto, por mais de uma vez, assumiu os cargos de presidente, vice-presidente e secretário do *Rotary Club de Araxá*, oportunizando a doação da *Escola Rotary* ao Estado de Minas Gerais.

Na política elegeu-se vereador por dois mandatos, protagonizando importantes cenas do legislativo araxaense.

Como cristão coube-lhe ocupar, por várias vezes, a presidência, a vice-presidência e a direção dos Cursilhos da Cristandade. Tais funções, aliadas à de Ministro da Eucaristia, eram a expressão das suas atitudes, por ele assim reveladas textualmente: “O Deus que conheço e amo não é assustador. Posso vê-lo no rosto de cada irmão. Portanto, sem ambicionar os primeiros lugares, luto para chegar lá, onde melhor posso servir o meu próximo.”

A religiosidade e o talento literário aglutinaram-se, fazendo também do médico, cidadão e político, um membro da Academia Araxaense de Letras.

Os últimos anos de sua vida foram passados em Brasília onde trabalhou em hospitais e exerceu o cargo de Diretor do Serviço Médico no Ministério do Trabalho. Contudo, seu sepultamento aconteceu em Araxá, conforme desejava.

Casado com Yara Marília Cunha Cecílio, teve 5 filhos — Mário Cecílio, Terezinha Marília, José Roberto, Danilo e Cristiane. Sua única irmã, Maria Josefina, assim o define: “foi um renovador e progressista, porém, intransigente no essencial. Abriu novos horizontes, respeitou a pessoa humana, aceitou a pluralidade na maneira de viver a fé em Jesus Cristo, para mais clara visão do Evangelho. Viveu comprometido com Cristo e com o semelhante e viveu debaixo da Graça de Deus.”



MELCHIADES DA CUNHA SOARES

(1893 – 1968)

De origem portuguesa, a família Cunha Soares tem suas raízes na cidade do Porto. Emigrando para o Brasil em meados do século XIX, estabelece-se no município de Aiuruoca – MG e, posteriormente, em Araxá onde Melchiades nasce.

Inicialmente colabora com seu pai no trabalho agrícola, mas após seu casamento com Zoraida Porfirio, instala-se como comerciante de roupas masculinas com a loja “Ao Preço Fixo”. Treze são os filhos de Melchiades e Zoraida: Yolanda, Maria José (Irmã Zoraida), Plínio, Lourdes (Irmã Alexandrina), Osvaldo, Olga, José, Vera, Roberto, Carlos, Maria do Rosário, Melchiades Júnior e Sebastião.

Envolvido com os problemas municipais, não se afasta das questões políticas de seu tempo, seguindo a liderança do Coronel José Adolpho de Aguiar, do grupo chamado de “Ferreiristas”, e que se opôs aos adeptos do Senador João Jacques Montandon, denominados “Jaquistas”.

Na década de 20, o comando político de Araxá encontra-se com o grupo “Ferreirista” (representação local do Partido Republicano Mineiro) que o designa para o cargo de Escrivão da Coletoria Federal. Com a Revolução de 1930 e a eleição de Olegário Maciel, em Minas Gerais, assumem o poder municipal os correligionários do Senador João Jacques, do que resulta a sua destituição daquele cargo público.

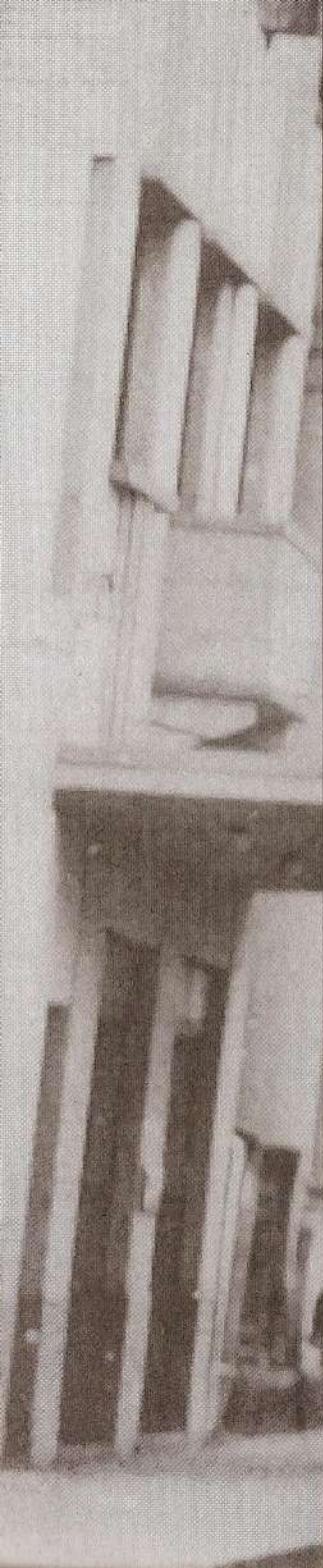
Em 1931 muda-se para Penápolis – SP buscando novas oportunidades. Exerce ali o cargo de escrivão por dois anos. Com o apoio dos amigos, dois anos depois retorna a Araxá e passa a exercer diversas atividades, entre elas a representação da Sul América Companhia de Seguros, das Confecções Renner, da Associação Comercial do Estado de São Paulo e de diversos jornais.

Com o processo de redemocratização e a conseqüente reorganização política do país filia-se ao PSD (Partido Social Democrático). Por este partido candidata-se a vereador em 1947 e 1950, elegendendo-se primeiro suplente nas duas eleições. Nesse período exerce o cargo de vereador por quase toda a legislatura. Na gestão municipal de José Adolpho de Aguiar (1947-1951) é convidado a trabalhar como Tesoureiro Municipal, função que ocupa até sua aposentadoria.

Eleito presidente da Câmara em 1954, assume o cargo de prefeito no período de 01/06/1954 a 31/01/1955 devido ao afastamento do prefeito em exercício, José Adolpho de Aguiar. Convocado por seu partido, o PSD, disputa as eleições de 1958 para o cargo de chefe do executivo, mas o resultado favorece o candidato petebista, Hely França, que conta com o apoio de João Goulart.

Após a instauração da ditadura militar, filia-se ao MDB (Movimento Democrático Brasileiro), partido de oposição àquele regime, em solidariedade à cassação e exílio de correligionários como Juscelino Kubitschek, do qual é admirador confesso, e de parentes próximos como seu sobrinho Paulo de Tarso Santos, ex-Deputado Federal, ex-Prefeito de Brasília (1962) e ex-Ministro da Educação (1963). Novamente inserido no mundo político, apóia a candidatura de Paulo Márcio Ferreira, vitoriosa nas eleições municipais de 1966.

Descrito pelos amigos como “versátil, simpático, que discorria sobre assuntos os mais diversos”, possuía um temperamento afável e hábitos simples que o tornavam querido por toda a comunidade araxaense.



OACISTO TEIXEIRA DA CUNHA

(1900 – 1950)

Os Teixeira chegaram a Araxá durante a transição do século XVIII para o XIX, no momento em que os primeiros moradores formaram suas fazendas. Ou se instalaram no arraial de São Domingos do Araxá que começava a se delinear em torno da antiga Igreja Matriz.

Este tronco familiar aqui se enraizou com Jacintho Manoel Teixeira que, através dos seus 10 filhos, gerou diversos ramos. De um desses descende Oacisto, filho de Ambrósio Teixeira da Fonseca e Fidelina Maria das Neves. Embora em suas origens mais remotas a família tivesse vínculos estabelecidos com a terra, os membros desse ramo logo cedo abandonaram a vida no campo para ocuparem-se de funções tipicamente urbanas.

Ao longo de sua vida foi alfaiate e funcionário público, trabalhando como escrivão do Crime e da Delegacia de Polícia. Na década de 20 integrou a equipe fundadora da *Associação Operária Araxaense* que, inspirada nos ideais trabalhistas, reuniu cidadãos que exerciam diversos ofícios com o fim de unir política e culturalmente a classe. Depois de ter assumido funções administrativas nessa associação, participou do movimento que buscou promover um lazer saudável aos trabalhadores. Assim, em 1945, foi co-fundador do Operário Esporte Clube, obtendo junto ao então prefeito, Dr Waldir Luiz Costa, o terreno para a sede própria do clube, hoje *Estádio de Futebol Oacisto Teixeira*.

Sua maior herança paterna foi a tendência para a leitura. Ainda que tenha cursado apenas o primário, assim como seu pai, acompanhava assiduamente as notícias do país e do mundo, primeiro, através dos esparsos jornais que chegavam à cidade, depois, por meio do rádio.

Casado com Semíramis Barreto, filha de Urbano Barreto e de Maria de Paiva Barreto, teve 11 filhos, dos quais 3 faleceram prematuramente. Criados com extrema severidade, receberam nomes inspirados nos romances indianistas, especialmente os de José de Alencar. São eles: Ubirajara, Jurandir, Guaracy, Aracy, Potyguara, Jaguarê, Tamandaré e Pery.



OLÍVIA FONSECA TEIXEIRA

(1925 – 1995)

Olivia nasceu em Araxá, na antiga rua Boa Vista, onde também funcionavam o bazar, o estúdio fotográfico e o orquidário de seu pai, Octávio Fonseca. Mineiro de Prados, ele havia chegado aqui como fotógrafo ambulante vindo do Rio de Janeiro, onde se especializara em conceituados ateliês de tradição francesa. Orestina Valle, sua mãe, era descendente de famílias locais como os “Afonso Teixeira” e os “Rodrigues Valle”.

Única mulher entre os seus três irmãos — Gilberto, Vicente e Maurício — fez da sua casa, na idade adulta, um ponto de encontro e referência dos familiares e amigos.

Estudou no *Grupo Escolar Delfim Moreira* e no *Colégio São Domingos*, onde concluiu o curso normal, mas sua carreira como normalista daria espaço, no futuro, à vocação de comerciante.

Casou-se com Omar Affonso Teixeira com quem teve os filhos Regina e Ricardo. Depois do casamento residiu em uma chácara onde hoje é o bairro Alvorada, mas a residência da rua Capitão José Porfírio foi o lugar onde viveu por mais de 40 anos.

Neste cenário aliou o ambiente doméstico ao profissional. Com a viuvez prematura, assumiu a responsabilidade na criação dos filhos e ingressou no mercado de trabalho: primeiro comercializando roupas femininas, depois, enxoval para crianças e, finalmente, instalando-se no ramo de floricultura. O convívio com as flores permitiu-lhe também desenvolver o talento na arte da decoração, ornamentando locais para festas e cerimônias de caráter social, religioso, político e cultural.

Dentro da sua esfera de atuação, ministrou aulas de arranjos decorativos. Expôs seus trabalhos em mostras individuais e coletivas. Freqüentou cursos de aperfeiçoamento, visitou exposições, manteve contatos profissionais em constantes viagens a São Paulo e à Europa. Assim aprimorou dons artísticos e introduziu inovações no comércio local.

Paralelamente atuou como palestrante dos Cursos da Cristandade. Participou da fundação da *Casa do Menor Júlio Dário*, pertenceu à *Associação das Damas de Caridade* e colaborou com o *S.O.S. de Araxá*.

A produção dos livros de culinária *Araxá Põe a Mesa* contou com a sua ativa participação. A renda proveniente da venda da obra é destinada ao “Hospital Mário Penna” de Belo Horizonte e à *Associação das Auxiliares do Lar de Araxá*. Essa última foi fundada também graças à sua disponibilidade em empenhar-se para o bem da comunidade. Da mesma forma integrou a diretoria da Fundação Cultural Calmon Barreto em uma de suas primeiras gestões.

A araxaense, que aplicou sua criatividade trabalhando pela terra natal, faleceu longe dela, na cidade do Porto, em Portugal, onde vive sua filha Regina.



OMAR DUMONT

(1907 – 1976)

Pioneirismo e capacidade empreendedora podem ser algumas das palavras utilizadas para definir o araxense Omar Dumont.

Aos 4 anos mudou-se com a família para Conceição do Araxá, atual cidade de Perdizes e, precocemente, aos 14 anos, iniciou suas atividades no comércio local, abrindo um armazém de gêneros alimentícios e bebidas. Em pouco tempo acumulou o razoável capital de duzentos contos de réis e expandiu seus negócios para a cidade de Araxá, onde também obteve sucesso no empreendimento.

Embora sua economia estivesse em crescimento, Araxá não possuía estabelecimentos bancários em 1936. Observando nesta lacuna uma oportunidade de negócios, tornou-se representante de grandes bancos, inclusive do Banco do Brasil. Um ano depois abriu sua própria Casa Bancária com autorização e Carta Patente do Ministério da Fazenda. Com os bons resultados obtidos e o constante aumento no volume de empréstimos, seguindo o conselho das Autoridades Monetárias, em 1955, transformou a Casa Bancária Omar Dumont em uma sociedade anônima: o *Banco Dumont*.

Em uma reportagem de 1962 o banqueiro assim demonstrava seu entusiasmo com a instituição: “Temos o máximo empenho em servir às molas mestras da economia e do progresso de Araxá, representados pelo desenvolvido comércio, pela lavoura e pela indústria, agora entrando em uma fase, digamos assim, dinâmica”.

Sua crença no progresso de Araxá não se limitava à atividade financeira. Expandiu seus negócios nos ramos da pecuária, autopeças e concessionárias de veículos, cerâmica, indústria de moagem, indústria gráfica e construção civil. Buscava sempre parceiros em seus empreendimentos e orgulhava-se de nunca ter tido problemas com seus sócios.

Deixou sua marca nas atividades que desenvolveu junto à comunidade. Foi presidente da Associação dos Ruralistas do Alto Paranaíba, da Vila São Vicente de Paulo e provedor da Santa Casa de Misericórdia. Como católico praticante foi membro da Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Na política era simpatizante do PSD (Partido Social Democrático) e defendia suas idéias com convicção. Procurava estar informado sobre tudo o que acontecia nas esferas local e nacional e, para isto, era ouvinte constante do *Repórter Esso* da Rádio Nacional.

Casou-se em 1929 com Iracema Dumont Fonseca e teve quatorze filhos: Omar, Odete, Onice, Olga, Maria do Carmo, Maria Celeste (freira), Alexandre, Maria Percília, Adalberto, Maria Conceição, João Bosco, Maria Iracema, José Leôncio e Paulo César. Adotou outros dois: Nair e José.

Gostava de sua casa movimentada, sempre com muitas pessoas e, em determinado período, chegou a lamentar que nela só residissem 10 pessoas. Alguns de seus filhos tinham se mudado de Araxá para estudar, outros haviam se casado.

O *Banco Dumont* encerrou suas atividades em 1969, transferindo o controle acionário para o Banco de Minas Gerais. Aos poucos Omar Dumont foi se afastando de seus negócios para viver exclusivamente para a família.



POLYBIO MAGALHÃES PAIVA

(1909 – 1999)

Descendente de famílias tradicionais de Araxá, nasceu na *Fazenda Monte Alto* e trabalhou durante toda a sua vida no ramo da agropecuária.

Seus pais eram Emygdio de Aguiar Paiva e Alice Magalhães. Dos Magalhães descendeu de Antônio Chaves Magalhães, Capitão Chaves, e Maria José de Castro que vieram residir em Araxá, em 1904, a convite do Coronel Adolpho Ferreira de Aguiar.

Da parte paterna era descendente de Manoel Ferreira Carneiro, de origem portuguesa, conhecido como *Jangada*. Segundo a tradição familiar o apelido derivava de sua habilidade em construir este tipo de embarcação e em atravessar rios caudalosos. *Jangada* era caixeiro viajante e, certa vez, recebeu como pagamento por suas mercadorias um pedaço de terra na região de Santo Antonio do Amparo – MG. A firma portuguesa da qual era representante não aceitou a negociação e *Jangada* viu-se obrigado a assumir as terras e, mais tarde, mudar-se definitivamente para o Brasil. Seus descendentes se transferiram para a região de Araxá, adquiriram a *Fazenda São Mateus* e deram origem a uma numerosa família.

Em Araxá, Polybio estudou no *Grupo Escolar Delfim Moreira* que tinha como diretora sua tia Maria de Magalhães, *Dona Iaiá*, e, em Uberaba, no *Colégio Diocesano*. Depois foi para São Paulo e cursou Comércio até o penúltimo ano na conceituada Escola Álvares Penteado. Nesta fase era aluno assíduo da Escola de Dança de Madame Leitão, tornando-se um exímio dançarino e freqüentador da alta sociedade paulistana.

Casou-se em 1941 com Ana Antônia de Paiva e tiveram seis filhos: Maria José, Alice Maria, José Emídio, Polybio José, Everardo Helvécio e Emídio.

Após seu casamento herdou a *Fazenda Mata dos Crioulos*, no município de Pedrinópolis, mudando seu nome depois para *Ipê de São José*, devido à grande quantidade de árvores desta espécie que ali existiam. Foi neste lugar que trabalhou e criou toda a sua família dentro do espírito cristão de simplicidade e de humildade.

Era alegre, brincalhão, prestativo, estando sempre pronto a ajudar seus amigos, que eram muitos. Cavalgar era seu principal lazer e era assim que percorria os campos de sua fazenda.



REGINALDO MOURA

(COVANCA)

(1927 - 1982)



Araxaense, filho de Carlos Moura e Cardolina Soares Moura, casou-se com Maria Helena Cabral e teve 2 filhos: Carlos Antônio Cabral de Moura e Ana Maria Cabral de Moura.

Concluiu o curso correspondente ao atual ensino fundamental e tornou-se sapateiro, ofício que ele e o irmão Maurício aprenderam com o pai, pioneiro neste ramo de negócios em Araxá. No exercício da profissão era conhecido pela beleza e qualidade dos sapatos femininos que confeccionava e também “pela fama de nunca entregá-los na data marcada”.

O ofício de sapateiro foi praticado com arte e exclusividade, características que fizeram do seu produto uma referência no setor de calçados, em especial, e no comércio, em geral.

Posteriormente atuou como desenhista de projetos residenciais, exercendo esta atividade até o final de sua vida.

Conhecido como *Covanca*, foi jogador do *Najá Futebol Clube* e, portanto, personagem das folclóricas disputas com o rival *Ipiranga Futebol Clube*, envolvendo jogadores, dirigentes e torcedores. A propósito foi no campo de batalha esportiva que encontrou sua mulher, Maria Helena, fiel integrante da torcida organizada do *Najá*.

O apelido que o popularizou tem origem bem peculiar. Remonta ao tempo de estudante, quando não conseguia pronunciar a palavra “côncava”. Ao lhe perguntarem se uma determinada lente era côncava ou convexa, não titubeava e respondia *Covanca*.



REVALINO JOSÉ CARNEIRO

(1924 - 1990)

Nascido na zona rural do município de Araxá, Revalino foi o oitavo filho de Jordelino José Carneiro e Maria Amélia Ferreira que também tiveram José Vicente, Álvaro José, João José, Jordelina, Raul José, Mário José, Sebastiana, Baltazar José, Clodion José, Ivone, Jovenal José, Benedito José.

Depois de ter sido registrado, o padre que lhe concedeu o batismo recusou-se a aceitar o seu nome, escolhido pelos pais, por considerá-lo contrário aos princípios cristãos. Sugeriu, então, Venceslau, o nome do “santo milagroso” que protegia as crianças. A proposta foi aceita pelos pais com o consentimento dos padrinhos.

Venceslau foi então o nome adotado pela família. Foi apelidado *Celau* pelo pai e *Lalau* pelos irmãos. Somente mais tarde descobriu seu verdadeiro nome, o de registro. Este foi oficialmente retomado, mas o apelido familiar permaneceu.

Aos 7 anos foi matriculado no *Grupo Escolar Delfim Moreira*. Percorria a pé e descalço o trajeto de sua casa ao *Grupo*. Kursou apenas até a 3ª série. Voltou ao trabalho no campo, como faziam seus irmãos, porém demonstrava forte tendência para a vida urbana. Suas atitudes foram, muitas vezes, censuradas pelo pai que as entendia como pretexto para não se dedicar à lavoura.

Mais tarde decidiu por residir na cidade, mas sem desvincular-se de suas raízes rurais. Preservou hábitos e costumes como os de caçar, pescar, acompanhar Folias de Reis e freqüentar pagodes.

Casou-se com Maria Aparecida Parreira e tiveram os filhos: Edivaldo Antônio, Edwirges Raquel, José Alberto e Geraldo Marcelo.

A década de 50 marcou a sua adesão aos movimentos políticos locais. Engajou-se na campanha vitoriosa de Heli França rumo à prefeitura (1959 – 1963). Convidado pelo prefeito eleito para trabalhar como encarregado de serviço, permaneceu na função durante todo aquele mandato.

Daí por diante atuou, incansavelmente, nas campanhas que definiam os ocupantes aos cargos do executivo e do legislativo. Elegeu vereadores com votações expressivas e colaborou para o êxito de outros, garantindo-lhes votos que obtinha junto ao seu grande círculo de familiares e amigos.

O sucesso eleitoral nascido de suas bases — onde usufruía respeitável prestígio — levou-o a decidir-se, em 1976, pela própria candidatura a convite do então prefeito, hoje deputado federal, Aracely de Paula.

Garantida a vitória, enuiuou-se antes mesmo de ser empossado. Assumiu o novo cargo com força e determinação e reafirmou sua opção de trabalhar em “defesa dos mais humildes” e pelo zelo do dinheiro público.

Na vida pessoal consolidou sua liderança e afeição à família. Casou-se novamente, com Maria José Dias. Na política conquistou outros mandatos como vereador, totalizando 12 anos de atuação no legislativo. Em 1988 afastou-se da vida pública, deixando sua marca especial na história recente de Araxá.



ROMEU ZEMA

(1914 – 1957)

Era filho de Domingos Zema e Catharina Cavallaro Zema, italianos que aqui se radicaram depois de residirem no interior paulista, especialmente em Ribeirão Preto, onde nasceu o primogênito Romeu.

Chegou ainda criança a Araxá, vivenciando os momentos iniciais dos negócios da família no ramo de automóvel. Gradativamente, seu pai criou a Auto-Viação Araxá-Uberaba, uma oficina com comércio de peças, obteve a concessionária Ford (antes, exclusividade da firma *Santos & Irmão*), abriu o primeiro posto de gasolina e fabricou gasogênio como combustível para veículos, dentre outros.

Fez o primário no Colégio Santa Filomena, em Araxá, depois estudou nos Colégios Anglo Latino (São Paulo) e Diocesano (Uberaba). Aos 15 anos ingressou na firma do pai, trabalhando como auxiliar de escritório, ajudante de peças e de oficina, até tornar-se gerente da revenda de veículos e do posto de gasolina.

De filho amoroso que dedicava especial afeição à mãe, revelou-se um homem inteiramente dedicado à mulher, Dalva Santos, e aos filhos, Helenice, Ricardo, Helena, Regina e Marlene.

Em 1948 foi nomeado o concessionário *Studebaker* na cidade e na região. O envolvimento na vida produtiva de Araxá levou-o a assumir a direção da *Associação Comercial e Industrial — ACIA —* e a tornar-se membro do *Rotary Club* local.

Dono de voz agradável, foi um rádio-amador que trabalhou com o prefixo PY4-GO. Radialista, participou da instalação de uma rádio local, pioneira, transmitindo notícias por um alto-falante instalado na residência dos Zema, que atraía considerável número de populares. Nos momentos de lazer colocava em prática os dons de desenhista e caricaturista talentoso.

Contudo, seu grande sonho foi a aviação. Como membro fundador do *Aero-Club de Araxá*, colaborou na materialização do pequeno campo de pouso e do hangar e foi seu presidente durante uma década.

Pilotando um avião, a serviço do *Club*, sofreu um acidente fatal. Todavia, com tempo de salvar a mulher e a filha caçula que o acompanhavam em viagem ao Rio de Janeiro, a fim de negociar verbas e mais uma aeronave para o clube.

Hoje, o aeroporto local leva o seu nome como homenagem ao piloto que lutou para trazer a aviação civil para Araxá.



SALOMÃO PEREIRA DE MESQUITA

(1884 – 1968)

Natural de Oeiras, Estado do Piauí, filho de Benedito Pereira de Mesquita e Raimunda Pereira de Mesquita, iniciou seus estudos na cidade de Floriano, onde passou a infância e a juventude. Posteriormente mudou-se para Belém, a fim de cursar a Faculdade de Farmácia.

Depois de graduado foi trabalhar nas vilas ribeirinhas do rio Amazonas e de seus afluentes, tornando-se um admirador da fauna e da flora daquela região. Por duas vezes foi vítima de naufrágio, um no rio Amazonas e outro no oceano Atlântico. Em ambos perdeu sua farmácia e quase todos os seus pertences.

Mais tarde foi para o Rio de Janeiro, estabelecendo-se como farmacêutico na Cinelândia. Nesse período também exerceu a profissão de jornalista no Correio da Manhã, de seu amigo Edmundo Bittencourt, fundador do tradicional diário carioca.

Movido pela curiosidade em conhecer o Estado de Minas Gerais e sua fauna, veio pela primeira vez para esta região em 1915. Chegou em companhia do Dr. Teixeira Leite, hospedando-se na fazenda do Dr. Virgílio de Abreu.

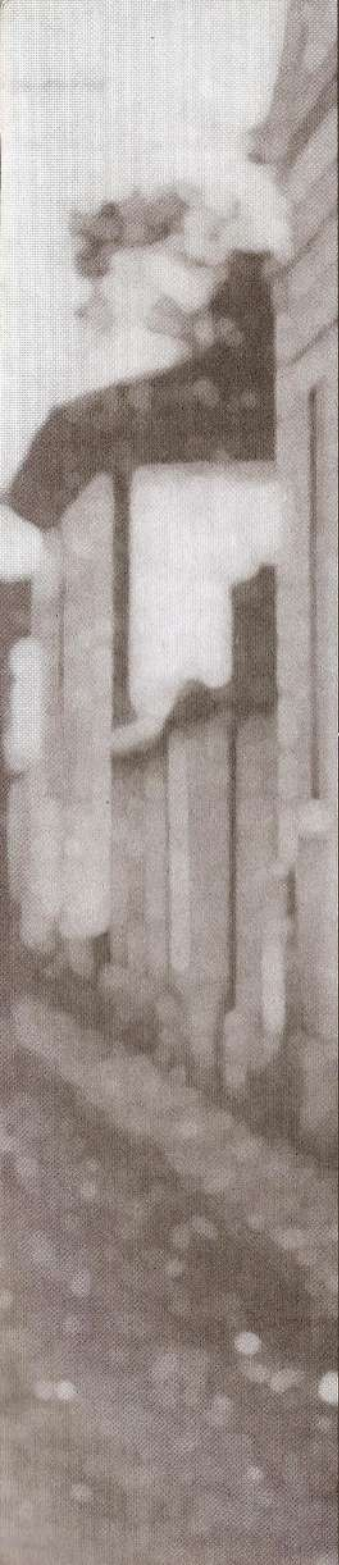
Retornou no ano seguinte e ficou conhecendo Anna Boaventura com quem se casou em 1917, em Dolores de Santa Juliana. Em 1920 estabeleceu-se na cidade de Ibiá e seis anos depois transferiu-se para Araxá, onde atuou como farmacêutico até seu falecimento.

Participante ativo da comunidade, envolvia-se em campanhas pelo aumento do número de escolas, melhoria da qualidade de ensino e incentivo à cultura. Era colaborador do Asilo São Vicente, uma das poucas instituições de caridade existentes em Araxá no período, além da assistência que freqüentemente dava aos mais carentes na sua farmácia.

Homem culto, não poderia se eximir das atividades políticas do município, tornando-se um dos fundadores do PSD (Partido Social Democrático), partido a que se manteve fiel por toda a vida.

Reunia-se sempre com os filhos menores e contava-lhes suas aventuras e histórias do tempo em que trabalhava como farmacêutico no Amazonas. Possuía uma memória que impressionava a todos e que o diferenciou desde os tempos de faculdade.

Teve nove filhos, sendo eles: Edmo, Ivan, Benedito, César, Fausto, Aracy, Maria Aparecida, Terezinha e Lúcia.



SEBASTIÃO LUIZ ALVES

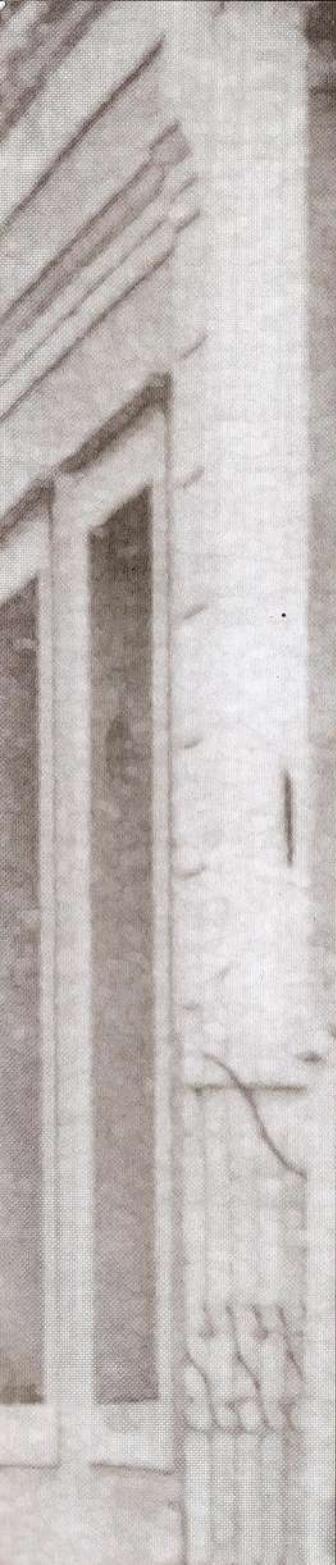
(1901-1988)

Homem trabalhador, responsável e alegre, passou vários anos de sua vida como um estimado garçom do *Bar do João Perna*. Naquele ambiente garantiu o seu dia-a-dia e usufruiu a convivência dos freqüentadores do bar e dos seus proprietários, o casal Irene Galdino e João Moreira Pinto.

Popularmente ficou conhecido por “Busquê”, apelido adotado pelos clientes e amigos do bar. Durante algum tempo trabalhou como cambista, vendendo loterias. Certa vez, ofereceu um bilhete premiado que lhe rendeu uma bonificação.

Integrou-se ao Cerea –*Centro de Recuperação para Alcoólicos*– para reabilitar-se e com essa experiência conquistou não apenas homenagens e medalhas, mas também o essencial para assumir atitudes como a de ajudar ao próximo.

Como muitos de sua geração, ele foi *vicentino*. Filho de João Toledo e Maria Tereza de Jesus, casou-se em primeiras núpcias com Maria Alves Ferreira. Viúvo, casou-se novamente com Maria de Lourdes do Nascimento. Não teve filhos dessas uniões, mas adotou Adolfo José e Ana Maria, para quem foi um pai inesquecível.



SILVÉRIO GUIMARÃES

(1900 - 1992)

Era filho de José Custódio Guimarães, italiano radicado em Araxá, que exercia a profissão de caldeireiro, aprendida em sua terra natal. Seu pai viajava pelas fazendas da região confeccionando utensílios de metais, principalmente de cobre, como cafeteiras, copos, rabinhas e tachos. Sua mãe, Ambrosina Alvina Custódio Guimarães, era proveniente de São João Batista do Glória – MG.

Casou-se com Aurora Maria de Jesus e teve uma filha, Ambrosina Guimarães, professora, que lhe deu quatro netos: Emília, Eduardo, Evandro e Érica.

Inicialmente trabalhou como caixeiro em lojas comerciais. Foi ajudante na projeção de filmes e, mais tarde, alfaiate. Decidiu abrir seu próprio negócio e estabeleceu-se como comerciante na praça São Sebastião. Primeiramente um bar modesto que depois se transformou em confeitaria e sorveteria. Ali servia cachaças de qualidade e queijos, produtos característicos da zona rural de Araxá.

Paralelamente à atividade de comerciante, exercia a profissão de músico, tocando clarineta em bailes e retretas musicais, inclusive nas cidades vizinhas. Em 1919, junto com seu cunhado, Cláudio José de Faria, fundou a *Banda Lira Araxaense* que se tornou uma das mais tradicionais do município. Nesta banda tocou durante 60 anos.

De sua origem européia a família manteve hábitos da cozinha italiana, como o de fazer a massa do macarrão e a dos pães. Na política local era “Jacquista”, corrente liderada pelo senador João Jacques Montandon. Depois, levado pela grande admiração que tinha pelo líder trabalhista Getúlio Vargas, filiou-se ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). Deste partido era freqüentador assíduo de todos os comícios.

Por muitos anos foi o responsável pela Igreja São Sebastião e provedor da Irmandade do mesmo santo. Participava de todas as procissões e festas religiosas dessa paróquia, ajudando na organização e captação de recursos para a Igreja. Era muito bem humorado e, nas viagens que fazia com a *Banda Lira Araxaense*, gostava de brincar com seus companheiros, colocando objetos estranhos dentro de suas bagagens.



URCIANO COELHO LEMOS

(1898 – 1968)

Sua origem, tanto da linha paterna como da materna remonta aos primeiros membros da família Lemos a se estabelecerem na região de Araxá. Seu avô materno era Manoel de Paula Lemos, o *Coronel Neca de Paula*, natural de Passos -MG, que fixou residência no então distrito de Santo Antonio da Pratinha, após seu casamento com Dona Ana Zeferina Ribeiro Ordones.

Filho de Júlia de Paula Lemos e Eduardo Coelho Lemos, perdeu seu pai ainda criança, aos cinco anos, e tinha como pais por adoção Pedro Lemos e Ambrosina de Ávila Lemos.

Casou-se com sua prima em primeiro grau, Manoela Lemos, filha de Cassiano de Paula Lemos e Josina de Ávila Lemos, e tiveram 10 filhos. São eles:Geraldo, Elza, Zélia, Carlos, Eduardo, Gilberto, Terezinha, Manoela, Urciano e Ronaldo.

Sua transferência para a cidade de Araxá deveu-se à necessidade de educar seus filhos e ao aumento de suas propriedades rurais, com a aquisição, em 1940, de uma fazenda pertencente ao Sr. Diomedes Santos.

Seguindo a tradição da família, sua atividade profissional sempre esteve voltada para a criação de gado Zebu de origem indiana que inclui, entre outras raças, o Gir, o Nelore e o Guzerá.

Homem de visão e preocupado com o aperfeiçoamento genético de seu rebanho, foi um dos responsáveis pelo desenvolvimento da raça Indubrasil, resultado do cruzamento das raças Gir e Guzerá, sendo seu plantel considerado um dos melhores do Brasil. Seus filhos prosseguiram com este trabalho.

Os hábitos da família seguiam os costumes da região com a mesa farta de bolos, biscoitos e grande variedade de doces. A música também fazia parte do ambiente familiar, sendo que sua esposa, Manoela, e suas filhas, Elza e Zélia, tocavam piano e seu filho, Carlos, chegou a ser um excelente violonista.

Era um homem de simpatia contagiante sendo assim descrito pela escritora araxaense Maria Santos Teixeira: "O Sr. Urciano tinha a fidalguia de um nobre, a bondade de um justo e o carisma de um predestinado".



VANDER DE CASTRO ALVES

(1936 – 1991)

De origens familiares que apontam para alguns dos maiores e mais antigos troncos que aqui se firmaram, ele descende dos *Ferreira, Silva Botelho, Castro, Affonso de Almeida e Álvares* (linha paterna) e dos *Alves Ferreira e Santos* (linha materna).

Filho de Romeu Castro e Celina Santos de Castro, Vander cresceu transitando entre a cidade e a fazenda, característica preservada há gerações entre os membros de sua família cuja tradição agropecuária ainda se mantém. Nesse caminho, sempre estiveram ao seu lado os irmãos: Elmo, Terezinha, Luiza, Heleno, Maria Celina, Ronaldo, Leila e Romero.

Contabilista e bacharel em Direito, exerceu a advocacia como profissão. Foi também diretor da Rádio Operária e, posteriormente, foi secretário-geral da Hidrominas, período em que viveu em Belo Horizonte.

A afinidade com as letras, a sensibilidade aguçada e o talento de pesquisador fizeram dele um poeta, um cronista e um contista de expressão. Sua produção literária disseminou pelos diversos órgãos da imprensa local e está presente em muitas obras aqui publicadas. Dentre muitos, é de sua autoria o apurado texto que registra uma das mais tradicionais lendas da nossa história, "A Gruta do Monge". Esta integra o clássico "Vamos Conhecer Araxá" de Leonilda S. Montandon.

Foi eleito membro da *Academia Araxaense de Letras*. Antes, porém, tornara-se um dos fundadores da *Biblioteca Pública Municipal Viriato Correia*.

Em 1984 assumiu a vice-presidência da Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá, participando da inauguração de um tempo de grande expectativa para a vida cultural de Araxá.

Grande leitor nas áreas de Literatura e de Música Popular Brasileira soube unir com muita competência essas aptidões. Produziu uma série de comentários sobre a MPB, escreveu os versos de uma canção por Araxá, adaptados à melodia "Luar do Sertão", parte do conjunto de hinos e músicas criado na ocasião das comemorações do centenário de nossa cidade, em 1965.

Textos, poemas, crônicas, contos e trocadilhos, bem como seus ensinamentos e sua força para enfrentar a doença que tão cedo o levou, fazem parte do seu legado aos irmãos e sobrinhos. Em "*O Último Olhar*", ele escreveu:

"Todo olhar é sempre derradeiro. Tem sempre a forma S inicial da palavra saudade. Jamais voltamos a olhar uma pessoa, ou uma paisagem, conforme fizemos certo dia. Por mais que o coração às vezes peça bis, o tempo não nos permite nunca a repetição de um instante se quer. Todo minuto é único. Todo olhar é despedida. Todo sentimento é privativo da circunstância que o cria. Toda circunstância pertence à trama de acontecimentos, de gostos, de sensações que a elabora. Viver é despedir-se a cada momento. Despedir-se de nós mesmos; de fisionomias e paisagens que se perdem na sombra, misteriosa e expressas cortinas. Se sorrimos ou choramos, cabe-nos a responsabilidade da escolha. Um fato, porém, mostra-se incontestável: cada ponteiro de relógio leva consigo, em sua caminhada, um lenço branco acenado para todos nós. Para nosso último olhar — com lágrimas, ou sem lágrimas."



VERÍSSIMO VIEIRA DE PAIVA
(BARÃO VERÍSSIMO)

(1854 – 1925)

Nome de rua e personagem celebrizado na memória local, ele foi um cidadão que reuniu inúmeros poderes em torno de si.

Fazendeiro, nascido em Araxá, ampliou progressivamente a *Fazenda Pirapetinga*, tradicional propriedade vinculada aos Carneiro de Mendonça e Carneiro de Paiva, duas das famílias às quais pertencia. Adquiriu terras na região da Bocaina, na *Fazenda dos Montes* e cultivou outras tantas em sistema de arrendamento. Proprietário de casas e terrenos urbanos, sua residência na cidade localizava-se na antiga praça da Matriz, numa bela residência ao lado da Câmara Municipal, hoje terreno anexo ao prédio do legislativo.

Dono de um considerável patrimônio, atuou individualmente como uma verdadeira instituição financeira. Realizava empréstimos para terceiros e sua marca **V.V.P** foi símbolo de força econômica e de prestígio político. Levando no nome os títulos de capitão, depois major e, finalmente, barão, aglutinou idéias e pessoas de diferentes segmentos sociais.

Em família viveu cercado de irmãos, cunhados, primos e sobrinhos. Filho primogênito de Mariano Vieira de Lemos e Rita Laudelina de Paiva teve 6 irmãos: Anna Rosa, Maria Rita, Silvestre, Maria do Carmo, Saturnina e Izolina. Aos 20 anos ganhou um irmão, Elias Antônio de Paiva, filho de sua mãe Rita Laudelina que depois de viúva voltou a se casar, desta vez, com Antônio José Barbosa.

Casou-se com Anna Rosa Carneiro de Paiva, sua prima em segundo grau, filha de José Carneiro de Mendonça e Petronília Cândida de Paiva. Veríssimo e Anna Rosa tiveram uma filha, Izaltina, falecida prematuramente e um filho, José Tito de Paiva. Este casou-se com Iria Ubaldina de Paiva, irmã mais nova de sua mãe. Herdeiros, portanto, do Barão Veríssimo, deram-lhe dez netos, responsáveis por numerosa descendência de araxaenses.

Quando se fala no *Barão*, inevitavelmente, se associa a sua imagem à de um homem pródigo que organizava e financiava campanhas beneficentes e festas religiosas, dentre essas, a marcante *Festa do Divino Espírito Santo*. Durante anos ele a promoveu reunindo religiosidade e cultura popular. Os *devotos do Divino* — da cidade e da redondeza — eram atraídos por momentos de oração no interior da igreja e por uma intensa socialização na antiga praça da Matriz. Em meio às concorridas formas de divertimento, constavam dessa tradição, estimulada pelo seu benfeitor, atrativos tais como circo, fogos, banda de música, leilões de prendas, barracas de comestíveis e de jogos, danças e apresentações de grupos de folias de reis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ÁLBUM DO ARAXÁ. Org. *Horácio Carvalho*. São Paulo: Typographia Gutemberg, 1928, 98 p.
- ARAÚJO, Fernando Braga de. *A Família Santos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1983, 192 p.
- ARTE E CULTURA POPULAR. Org. Elizabeth Travassos. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 28, IPHAN: Brasília/DF, 1999.
- BRITO, Pe. Henrique Ribeiro. *Paladinos de Dom Bosco: Fausto Barbosa Guimarães, Rafael Iberti, Benedito Soares da Silva*. Belo Horizonte: Inspeção São João Bosco, Série Pioneiros, v.6, 1999.
- CASTELLO, José. Sobre Biografias. *Jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: 17/maio/1995. Caderno 2.
- CORREIO DE ARAXÁ*, 5 de Fev./1967. *Crônicas de Vander de Castro Alves, de Faíçal Tannús e de Maria Santos Teixeira*.
- D'ÁVILA, Ângelo. *Dona Beja: a flor do pecado*. Brasília: Gráfica Valci Ed. Ltda., 1999.
- DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DE MINAS GERAIS – período republicano – 1889 – 1991. Coord. Norma de Góis Monteiro. *Belo Horizonte: Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1994*.
- DOSSIÊ BIOGRAFIA, biografias*. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Ed. UNIJUI, v. 17, n. 19, 1997.
- DOSSIÊ INDIVÍDUO, biografia, história*. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, v. 19, 1997.
- DRUMMOND, Dâmaso. *A Presença dos Drummond em Araxá*. Araxá: Gráfica CMA, s.d.
- DUARTE, Vilma Cunha. *Domingos, Dias Úteis e Santos*. Araxá: Gráfica Santa Adélia, 990, 98 p.
- GINZBURG, Carlo*. A Microhistória e outros ensaios. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HISTÓRIA GERAL DO BRASIL, 6ª edição*. Coord. Maria Yêdda Linhares. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1996.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS :

HUNT, Lynn. A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. As águas que rolaram: no poder, na urbanização e na modernização de Araxá (1890 – 1926). Franca: Universidade Estadual Paulista (UNESP), dissertação de mestrado, 2001, 201 p.

MONTANDON, Frédéric J. *Les Montandon: Origine Histoire*. Généalogie Genève, 1913.

REVISTA 3 TEMPOS. In: Os fatores do progresso de Araxá têm banco próprio. Belo Horizonte: Empresa Brasileira de Divulgação S.A, 1962, 48 p.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: n. 19, pp. 03-21, 1997.

TEIXEIRA, Maria Santos. *O Escravo Branco*. São Paulo: s. ed., 1961, 191 p.

TEIXEIRA, Maria Santos. *O Rouxinol*. Araxá: Gráfica Santa Adélia, s.d., 170 p.

VALLE, Jairo Rodrigues. *Família Rodrigues Valle: Genealogia, Fatos e Comentários*. Rio de Janeiro, s.d., 116 p.

FONTES:

Acervo da família Geraldino de Paiva.

Arquivos da Fundação Cultural Calmon Barreto

Arquivos do Cartório do Registro Civil de Araxá.

CALMON BARRETO (1909 – 1994), Anotações Autobiográficas.

O Trem da História n. 08, Ano 2, Jan./Fev./Mar./1993, p.3-4.

O Trem da História n. 09, Ano 2, Abr./Maio./Jun./1993, p.3.

O Trem da História n.11, Ano 3, Out./Nov./Dez./1993, p.3-5.

O Trem da História n.12, Ano 2, Jan./Fev./Mar./1994, p.3.

O Trem da História n.13, Ano 4, Abr./Maio/Jun./1994, p.6-7.

O Trem da História n.14, Ano 4, Jul./Ago./Set./1994, p.10-11.

O Trem da História n.15, Ano 4, Out./Nov./Dez./1994, p.9-14.

O Trem da História n. 24, Ano 7, Out./Dez./1997, p.4-5.

O Trem da História n. 31, Ano 10, Jul. /Dez./2000, p.6-8.

DEPOIMENTOS ORAIS E ESCRITOS:

Abgail França Abdanur, Adolfo José do Nascimento, Alaor Ribeiro de Paiva, Aloísio Guimarães, Ambrosina Guimarães Neves, Ana Guimarães de Faria (Irmã Marcelina), Ana Maria Cabral de Moura, Ana Victória Cabral Machado, Analice Guimarães Abdo, Ângela Moraes Nunes, Angélica Pereira de Almeida, Ângelo Castro, Arthur Rosa, Ayres Dumont, Cândida de Ávila Lemos, Carlinda Velasco Moreira, Cecília Beatriz Porfírio Pereira Rosa, Célia Rios Carneiro, Celuta da Cruz, Cláudio Contato, Cordélia Barreto, Dalva Pereira Teixeira, Diana Abadia Nascimento, Diva Leime, Edivaldo Antônio Carneiro, Eduardo Lemos, Eurydice Machado do Nascimento, Fábio Drummond, Fabrício de Ávila Ferreira, Façal Tannús, Fausto Júlio de Mesquita, Fernando Barreto, Fernando Braga de Araújo, Generosa Maria Costa Oliveira, Geralda Afonso de Almeida, Geraldo Magela Santos, Glaura Teixeira Nogueira Lima, Guaracy Teixeira, Helena Santos Bernardes, Idalina Nollí Boaventura, Idê Aparecida Bittar Barra, Ione Abdanur, Irene Diva de Paiva, Jacqueline Dumont Borges, José Dagualberto Borges, José Velasco, Luiz Ricardo Vieira Chaer e irmãos, Luiza Elena de Castro Rios, Magaly Cunha Porfírio, Márcio Contato, Margarida Natal Santos, Maria Abadia Contato de Menezes, Maria Alice de Paiva, Maria Aparecida Dumont de Ávila, Maria Auxiliadora Pereira de Rezende, Maria das Dores Senna de Oliveira, Maria de Fátima Santos Pereira, Maria de Lourdes Velasco, Maria do Rosário Cunha França, Maria Elena Borges Ferreira de Ávila e irmãos, Maria José Ribeiro, Maria José Santos, Maria José Velasco Radespiel, Maria Josefina Salomão, Maria Leonor Teixeira Lemos, Maria Nely Guimarães Franco, Maria Rita Dumont Bremner, Maria Santos Teixeira, Maria Teresa Romagnoli Rios, Marísia Pereira Carneiro Ribeiro, Martha de Almeida Barcelos, Martha Natal Botelho, Moema Teixeira Ávila, Myriam Teixeira Valle, Neuza Contato Fonseca, Nilza Contato Balieiro, Olga Dumont Reis, Olga Nollí, Olívia Pereira Marques Schewetter, Paulo César de Assis, Paulo Guimarães, Pedro Leime, Pedro Moura, Ricardo Afonso Teixeira, Ricardo Zema, Ronaldo Paiva, Rosa Maria Chaer Dib de Siqueira, Sylvia de Almeida Barsante, Terezinha Lemos, Terezinha M. de Castro, Terezinha Pereira Fonseca, Vander de Castro Alves, Vera Iolanda Luisa de Mello Rocha, Virgínia Teixeira Dumont, Yêdda Santos, Zilda Ribeiro de Paiva, Zuleika Montandon Scalon.

AGRADECIMENTO

Às famílias que aderiram ao projeto Lugar de Memória



Antiga rua Boa Vista, hoje Presidente Olegário Maciel. Década de 30.
Arquivo SAPP/FCCB-01665 (Doação: Dalva Salerno).



HOTEL

ARAXA HOTEL



ARXÁ

Renovação, Participação e Desenvolvimento
2001-2004

 **FCCB**